

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

TIBERIO TEYLON DOS SANTOS CORREIA

**O lugar do Sentido em Saussure**

MACEIÓ  
2020

TIBERIO TEYLON DOS SANTOS CORREIA

### **O lugar do Sentido em Saussure**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na linha de Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria.

MACEIÓ

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C8241 Correia, Tiberio Teylon dos Santos.  
O lugar do sentido em Saussure / Tiberio Teylon dos Santos Correia. –  
2020.  
111 f. : il.

Orientadora: Núbia Rabelo Bakker Faria.  
Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade  
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística e Literatura. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 109-111.

1. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 - Bibliografia. 2. Sentido  
(Filosofia). 3. Valores. 4. Significação (Filosofia). I. Título.

CDU: 81'373.612



## TERMO DE APROVAÇÃO

**TIBÉRIO TEYLON DOS SANTOS CORREIA**

Título do trabalho: “O LUGAR DO SENTIDO EM SAUSSURE”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof.a. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof.a. Dra. Priscila Rufino da Silva Costa (UNCISAL)

Prof. Dr. Sóstenes Ericson Vicente da Silva (PPGLL/Ufal)

Maceió, 24 de agosto de 2020.

A minha amada esposa, Walleska Bismaida, exemplo de mulher e de pesquisadora e grande incentivadora do meu crescimento acadêmico.

## AGRADECIMENTOS

À Santíssima e Augusta Trindade, razão da minha existência, a quem eu tudo devo e que não me desamparou em nenhum momento, e que está sempre a abençoar-me e santificar-me.

À Sempre Virgem Maria, a São José, a São Carlos do Brasil, a São Cícero do Juazeiro, a São Paulo e a São Timóteo, pela intercessão constante sobre todas as áreas da minha vida.

À Santa Igreja Católica Apostólica Brasileira por todos os tesouros espirituais e intelectuais que me legou, por ser a primeira a me impulsionar à vida acadêmica e por me ensinar que ciência e religião podem caminhar lado a lado.

A minha amada família, esposa, madrinha, pais, sogros, tios, primos e primas, por todo o apoio dado a mim.

Aos meus queridos amigos, em especial, Padre Jofre, Padre Francisco e Padre Darcy, pelas orações constantes por mim.

À minha querida orientadora, professora Núbia, pelo apoio, pelas discussões e orientações e, principalmente, por me apresentar à linguística, despertando em mim a paixão pelo estudo da língua (sim, qualquer coisa podem culpá-la!).

Aos professores Sóstenes e Priscila, pela leitura atenta do texto de qualificação e pelas sugestões que tanto contribuíram com este trabalho.

À FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Alagoas) pelo apoio financeiro concedido a este trabalho.

À Universidade Federal de Alagoas (UFAL), bem como ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) por proporcionar um ensino de qualidade, indispensável, para a realização deste e de muitos trabalhos acadêmicos.

A Saussure, pela excelente partida de xadrez.

“Jesus Crucificado [...] deve ser toda ciência do cristão e a única glória de sua vida”.

Blaise Pascal

“Espírito, Energia, Matéria; Fé, Ciência, Religião; Igreja, Oficina, Sociedade; são um todo, indissolivelmente, ligado, razão pela qual temos de nos preparar, de agora em diante, para a reconciliação, pela Idéia e pela Vontade. Eis chegada a nossa hora. A fé se converterá em paixão e a idéia em ação, que salvará e reconduzirá o homem à meta do espírito”

São Carlos do Brasil

## RESUMO

Este trabalho situa-se no âmbito da reflexão sobre teorias, métodos e epistemologia no campo da Linguística, mais precisamente voltada para o saussurianismo, e tem por objetivo discutir o lugar do *Sentido* no projeto epistemológico de Ferdinand de Saussure. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, que assume ser o *texto*, historicamente situado, a fonte primária de pesquisa no campo da reflexão historiográfica e epistemológica. Nosso *corpus* se constituiu das seguintes fontes primárias: a obra póstuma *Curso de linguística geral – CLG –* ([1916] 2008), editado por Bally e Sechehaye, juntamente com o manuscrito *Essência Dupla da Linguagem – EDL –* ([1891] 2012), editado por Bouquet e Engler. Serão fundamentais ainda os trabalhos de alguns dos reconhecidos e respeitados comentadores da obra saussuriana, notadamente De Mauro (1967), Normand (2009) e Bouquet (1997, 2004, 2009). Para determinar que lugar o *Sentido* ocupa na teorização saussuriana, empreendemos uma busca pelo que este termo designava para o mestre genebrino, então, partindo do CLG para o EDL, abordamos todos os termos que orbitam a semântica saussuriana: *Ideia*, *Conceito*, *Significado*, *Significação* e *Valor*. Apesar da grande alternância dos termos e de alguns possuírem mais de uma acepção (com exceção do *Valor*, que não demonstra uma alternância relevante), pudemos delinear cada um deles, reconhecendo estarem intimamente conectados, e chegar ao que mais nos interessava, o *Sentido*. Partindo do CLG, encontramos indícios de que o *Sentido* poderia ser a parte material do *Significado*, então, a partir de Hjelmslev (1991; 2006) discutimos *Forma*, *Substância* e *Matéria* para chegar naquilo que Saussure deixou escapar sobre o *Sentido*. No EDL, conseguimos confirmar nossa intuição, a propósito da relação entre *Sentido* e *Significado*, a partir do paralelo que traçamos entre *Sentido* e *Figura Vocal*, ambos se apresentando como partes materiais da língua. Também discutimos os três domínios apresentados por Saussure, isto é, o do pensamento, o do *Signo Vocal* e o do som, de modo que conseguimos situar no primeiro domínio o *Sentido*, no terceiro a *Figura Vocal* e no segundo, ou seja, no entremeio, a língua. Nossos resultados apontaram, por fim, que a própria noção de dupla essência evoca uma materialidade, que se faz presente pela *Figura Vocal* e pelo *Sentido*.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Sentido; Valor; Significado; Materialidade.

## RÉSUMÉ

Ce travail s'inscrit dans le cadre d'une réflexion sur les théories, les méthodes et l'épistémologie dans le domaine de la linguistique, plus précisément centré sur le saussurienisme, et vise à discuter de la place du *Sens* dans le projet épistémologique de Ferdinand de Saussure. Il s'agit d'une recherche bibliographique, qui suppose que le *texte*, historiquement situé, est la principale source de recherche dans le domaine de la réflexion historiographique et épistémologique. Notre corpus était composé des sources primaires suivantes: l'ouvrage posthume *Cours de linguistique générale* – CLG – ([1916] 2008), édité par Bally et Sechehaye, avec le manuscrit *De l'essence double du langage* – EDL – ([1891] 2012), édité par Bouquet et Engler. Le travail de certains des commentateurs renommés et respectés sur l'œuvre saussurienne sera également fondamental, notamment De Mauro (1967), Normand (2009) et Bouquet (1997, 2004, 2009). Pour déterminer la place qu'occupe le *Sens* dans la théorisation saussurienne, nous avons entrepris une recherche de ce que ce terme désignait pour le maître genevois, puis, à partir de CLG à EDL, nous avons abordé tous les termes qui orbitent la sémantique saussurienne: *Idée*, *Concept*, *Signifié*, *Signification* et *Valeur*. Malgré la grande alternance des termes et certains d'entre eux ayant plus d'une acception (à l'exception de *Valor*, qui ne montre pas d'alternance pertinente), nous avons pu esquisser chacun d'eux, reconnaissant qu'ils sont intimement liés, et arriver à ce qui nous intéressait le plus, le *Sens*. Du CLG, des preuves ont été trouvées que le *Sens* pourrait être une partie matérielle du *Signifié*, alors, de Hjelmslev (1991; 2006) nous avons discuté de la *Forme*, de la *Substance* et de la *Matière* pour arriver à ce que Saussure a laissé échapper à propos du *Sens*. Dans EDL, nous avons pu confirmer notre intuition concernant la relation entre le *Signifié* et le *Sens*, sur la base du parallèle que nous avons établi entre le *Sens* et la *Figure Vocale*, tous les deux se présentant comme des parties matérielles de la langue. Nous avons également discuté des trois domaines présentés par Saussure, c'est-à-dire celui de la pensée, celui du *Signe Vocal* et celui du son, afin de pouvoir placer le *Sens* dans le premier domaine, dans le troisième la *Figure Vocale* et dans le second, c'est-à-dire entre les deux, la langue. Nos résultats ont montré, enfin, que la notion d'essence double évoque une matérialité, présente dans la *Figure Vocale* et le *Sens*.

MOTS CLÉS: Saussure; Sens; Valeur; Signifié; Matérialité.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O SIGNO E O SENTIDO</b> .....	14
<b>2. 1 O Signo Linguístico</b> .....	14
2.1.1 Ideia.....	20
2.1.2 Conceito.....	23
2.1.3 Significado.....	24
<b>2. 2 Sentido</b> .....	26
<b>3 O VALOR, A SIGNIFICAÇÃO E O SENTIDO</b> .....	41
<b>3.1 Das Unidades aos Valores</b> .....	42
<b>3.2 O Valor Linguístico</b> .....	48
3.2.1 Aspecto Conceitual .....	49
3.2.2 Aspecto Material do Valor.....	53
3.2.3 O Signo em sua totalidade .....	54
<b>3.3 A Significação</b> .....	55
3.3.1 A Significação e o Sentido em Benveniste.....	57
<b>4 NA ESSÊNCIA DUPLA: A LÍNGUA, O SENTIDO E A MATERIALIDADE</b> .....	65
<b>4.1 Língua: seus Signos e seus Valores</b> .....	68
4.1.1 O Signo e sua composição.....	73
4.1.1.1 Ideia .....	78
4.1.1.2 Significação.....	79
4.1.2 Valor.....	86
<b>4. 2 Materialidade e Sentido</b> .....	89
4.2.1 Figura Vocal parte I.....	90
4.2.2 Matéria e Substância .....	91
4.2.3 Figura Vocal parte II .....	95

4.2.4 Sentido como Substância.....	97
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, nosso trabalho se propunha a traçar um paralelo entre o estudo semântico iniciado pelo linguista francês Michel Bréal, em sua obra *Ensaio de Semântica*, publicada pela primeira vez em 1897, e o *Valor linguístico*, considerado a grande inovação trazida por Ferdinand de Saussure em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (CLG), editado e publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916. Com isso, *a priori*, esperávamos encontrar algum denominador comum entre os dois linguistas quanto à questão semântica, isto é, se a visão do que é semântico na língua e o acesso a isso pelo falante e pelo linguista era possível e em que condições era possível.

A princípio supúnhamos que a proximidade teórica entre esses dois autores não fosse tão impossível, uma vez que os laços entre eles eram bem estreitos, como nos mostra Dall’Cortivo-Lebler (2017): Bréal indicou Saussure para ensinar na *École Pratique des Hautes Études*, b) o pai de Saussure escreveu a Bréal informando que o filho estava em Paris, e c) Bréal pretendia que Saussure o substituísse no *Collège de France*. Sugere ainda, a autora, que Bréal nutria uma profunda admiração por Saussure como o demonstra sua vontade de ter o jovem linguista como seu sucessor. Contudo, apesar dessa relação próxima, o nome de Bréal não ganhou sequer uma nota de rodapé na mais famosa obra saussuriana, o CLG.

A primeira hipótese foi de que a semântica eminentemente diacrônica promulgada por Bréal estava completamente fora do que Saussure estava traçando em sua “epistemologia programática” (BOUQUET, 2004), isto é, para uma linguística futura, que seria, evidentemente, sincrônica em sua abordagem da língua, especialmente, no que diz respeito à semântica, o que excluiria empreitadas como a do linguista parisiense, e isto teria então provocado um silenciamento a respeito deste no CLG.

É claro que outras hipóteses poderiam estar em jogo, como, por exemplo, um corte dos editores ou mesmo uma certa reverência de Saussure ao seu antigo professor, o que o fez demarcar um afastamento do pensamento de Bréal, sem necessariamente citá-lo. Apesar de Saussure não desprezar a *Diacronia*, pois, de fato, era o que ele fazia, como um bom linguista de seu tempo, para ele, este ponto de vista o colocava, inevitavelmente, no campo da fonética e nada mais que isso. Pela sua visão sincrônica da língua, não entendia ser possível que o estudo do *Sentido* se desse por meio da *Diacronia*.

Para responder a estas questões, isto é, em que medida a semântica de Bréal e a noção de *Valor* de Saussure se encontravam e o porquê do silenciamento do nome de Bréal no CLG,

nós tínhamos como *corpus*, além das famosas obras que já citamos, o manuscrito saussuriano *Essência Dupla da Linguagem* (EDL), descoberto juntamente com alguns outros, como nos informa Depecker (2012), na estufa do castelo da família de Saussure em 1996 e que foram editados e publicados por Simon Bouquet e Rudolf Engler em 2002.

Nos primeiros passos de nossa pesquisa, vimos que a questão inicial se tornara evidente ao colocar o *Ensaio de Semântica* e o CLG juntos. O desencontro teórico entre os dois não era pequeno. Apesar das semelhanças em alguns pontos importantes como no fato de rejeitar a visão naturalista da língua e reconhecer que ela não tem lugar fora do sujeito falante; o caminho traçado por eles vai em direções diferentes. Bréal, em alguns pontos, alude indiretamente a uma visão da língua como *Sistema*:

Uma palavra é levada a restringir cada vez mais sua significação, pelo fato de existir uma companheira que estende o seu. *Nos dicionários, nos quais cada termo é estudado por si mesmo não percebemos bem o jogo desse tipo de compensação e de equilíbrio* (BRÉAL, 1992, p. 182, grifos nossos).

A colocação de Bréal nos lembra a noção de *Valor linguístico* de Saussure, no entanto, e aí está o grande abismo entre os dois, Bréal propõe um estudo histórico do *Sentido* e isto está diretamente ligado ao que ele considera o principal fator da mudança linguística: A vontade do homem de significar. Assim o homem se inscreve na história através da língua e o estudo semântico, por óbvio diacrônico, visa o evoluir dos *Sentidos* marcados na história. Para Saussure, uma vez que haja uma mudança de *Sentido*, nós não temos como recuperar o que o precedeu, pois não temos acesso ao *Sistema* de um estado de língua que se modificou.

A medida que se esclarecia que havia uma bifurcação entre Saussure e Bréal, decidimos por nos aventurar em descobrir algo que não estava esclarecido. O que é a semântica saussuriana? Mais precisamente, qual o lugar que ocupa o *Sentido* no projeto epistemológico de Saussure. E ainda, o que o termo *Sentido* designa para o mestre genebrino. Essa questão tornou-se maior do que o que poderíamos fazer traçando um paralelo entre os dois linguistas. Optamos em seguir Saussure e conhecer mais a fundo o que se esconde em sua empreitada teórica.

Abandonando por ora a semântica de Bréal, nos detivemos no que o mestre genebrino faz com a semântica em seus desenvolvimentos teóricos. Simon Bouquet, um dos grandes nomes do estudo de Saussure, em especial de seus manuscritos, diz ser a obra saussuriana efetivamente semântica e, quanto à teoria do *Valor*, diz que:

[...] em suas proposições metafísicas (a teoria do valor) constrói um objeto estritamente linguístico – designado pelo substantivo **sentido** (ou **significado**)

ou pelo adjetivo **semântico** correspondendo a esse substantivo [...]. (BOUQUET, 2004, p. 281, grifos do autor).

Pétróff (2007) corrobora da opinião de que a teoria do *Valor* é o grande motor da semântica saussuriana. Este autor explana sobre a controvérsia dos termos saussurianos, isto é, se *Valor* e *Significação* são equivalentes, uma vez que os próprios editores do CLG diferem quanto a isso. A partir dos manuscritos de dois dos alunos presentes nos cursos ministrados por Saussure (Riedliger I e II e Constantin III) e de manuscritos do próprio Saussure, ele tenta achar um denominador comum entre *Significado*, *Significação* e *Valor*. Nos aprofundaremos na diferença entre *Significação* e *Valor* na terceira seção deste trabalho, trazendo parte da discussão de Pétróff.

Diante disso, nosso trabalho, que se situa no âmbito da reflexão sobre teorias, métodos e epistemologia no campo da Linguística, mais precisamente voltada para o saussurianismo, toma por seu objetivo principal discutir o lugar do *Sentido* no projeto epistemológico de Ferdinand de Saussure, e mais, como podemos definir o *Sentido* a partir das colocações de Saussure presentes no CLG e no EDL, que permanecem como *corpus* de nossa pesquisa. Além deste *corpus*, serão fundamentais, para alcançarmos nosso objetivo, os trabalhos de alguns dos reconhecidos e respeitados comentadores da obra saussuriana, notadamente De Mauro (1967), Normand (2009) e Bouquet (1997, 2004, 2009).

Iniciaremos nossa análise a partir do CLG assumindo aqui a mesma posição adotada por Claudine Normand (2009) de que o Curso marca um momento histórico para a linguística, gozando assim de um prestígio trazido pela novidade científica para os estudos da linguagem do qual não compartilham os manuscritos, apesar de sua importância capital nos estudos saussurianos. Esses manuscritos, ainda seguindo Normand, não invalidam a leitura do CLG nem tampouco são obstáculos para seu estudo, pois a eles cabe o papel de “complemento e correção eventual”. Assim sendo, tomando o CLG como uma legítima peça do quebra-cabeça saussuriano e, mais do que isso, inegavelmente a peça mais importante, começaremos nossa análise nesta obra para só depois irmos ao EDL, não como uma tentativa de chegar ao verdadeiro Saussure, mas buscando uma maneira de melhor enxergar o projeto epistemológico saussuriano. Afinal, “é o ponto de vista que cria o objeto” (CLG<sup>1</sup>, p. 15).

---

<sup>1</sup> A edição do CLG que usamos neste trabalho é a de 2008, como se poderá ver nas referências bibliográficas. Nossas citações do CLG aparecerão do seguinte modo: a sigla, seguida da página da citação. Para uma escrita mais dinâmica, omitimos o ano, uma vez que já o apresentamos aqui, e o nome de Saussure, pois, é por óbvio, dele que se trata. Nos permitimos fazer isso por não se tratar de uma simples citação, mas sim de nosso *corpus*, que estará presente a todo momento.

Vale dizer ainda que esta é uma pesquisa de natureza bibliográfica, que assume ser o *texto*, historicamente situado, a fonte primária de pesquisa no campo da reflexão historiográfica e epistemológica.

Considerando isso, nosso trabalho se dividirá da seguinte forma: Na segunda e na terceira seção, exploraremos o CLG em dois temas principais – na primeira, discutiremos a noção de *Signo* em todas as suas dimensões, convocando a leitura que Hjelmslev ([1953] 2006) faz de Saussure quanto à *Forma* e à *Substância*. Na segunda, discutiremos a noção de *Valor* em sua relação com a *Significação*. Desta vez trazendo a leitura de Benveniste (1989) quanto ao *Sentido* e à *Significação*.

Terminado este bloco dedicado ao CLG, partiremos para o manuscrito EDL, fazendo, primeiramente, uma retomada desses termos, num texto que fora escrito vários anos antes dos cursos ministrados em Genebra. Em seguida, nos atentando à questão da dupla essência, traçaremos um paralelo entre o que Saussure chama de *Figura Vocal* e o *Sentido*, discutindo a partir dele as diferenças entre *Substância* e *Matéria*. Para isso, convocamos mais uma vez Hjelmslev (1991; 2006). De igual modo, discutiremos os domínios apresentados pelo mestre genebrino, ao mesmo tempo em que identificaremos nesses domínios os lugares ocupados pelo *Sentido*, pela língua e pela *Figura Vocal*.

A última seção deste trabalho trará as nossas considerações finais, onde apresentaremos um apanhado dos achados de nossa análise, a partir da leitura de Saussure, quanto ao *Sentido* e seu lugar no escopo do mestre genebrino, bem como sua relação com os demais termos da órbita saussuriana.

## 2 O SIGNO E O SENTIDO

Esta segunda seção é dedicada a uma análise reflexiva sobre a relação entre o *Signo* e o *Sentido* tal qual é apresentada por Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG.

Dividimos esta seção em duas subseções: Na primeira, trataremos do *Signo linguístico*, retomando sua concepção pré-saussuriana, através, especialmente, do trabalho do filósofo da linguagem Michel Lahud. Em seguida, trataremos do *Signo* na acepção de Saussure. Focaremos na composição do *Signo*, mais especificamente, na contraparte do *Significante*. Este lugar em questão será ocupado não somente pelo consagrado termo *Significado*, mas também por *Ideia*, *Conceito* e *Sentido*. Os três primeiros termos serão vistos na primeira parte, que trata do *Signo*, o último termo, isto é, o *Sentido*, será visto separadamente, constituindo assim a segunda parte desta seção.

O *Sentido*, objeto principal da segunda parte, será tratado de dois pontos de vista diferentes. O primeiro, como termo que se alterna com *Ideia*, *Conceito* e *Significado*, sendo assim uma contraparte do *Significante*. No segundo ponto de vista, o tomaremos como a parte substancial do *Significado*.

Esse segundo ponto de vista será discutido a partir do trabalho do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, principal nome do Círculo Linguístico de Copenhague, e um dos fundadores da Glossemática. Em seu trabalho intitulado *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, na parte em que trata da expressão e do conteúdo, ele nos fornecerá meios para compreendermos a noção de *Sentido* em Saussure.

Explicada a sua composição, apresentamos ao leitor o objetivo desta seção, que é responder à pergunta: O *Sentido* pertence à estrutura interna do *Signo*? A discussão que empreenderemos ao longo desta seção visa esclarecer essa questão quanto ao *Sentido* e ao *Signo* no CLG.

### 2. 1 O Signo Linguístico

Claudine Normand (2009), linguista que se tornou um dos grandes nomes do estudo saussuriano, em seu livro *Saussure*, enfatiza a importância da definição do *Signo linguístico*, postulado por Saussure, dentro de uma teoria linguística, isto é, de que o *Signo* seja definido a partir do conceito de língua. Ela diz que:

Todas as considerações a respeito do **signo** dirigem-se a distinguir o que é dito a princípio a respeito da língua e o objetivo do linguista; caso contrário elas têm por efeito fazer de Saussure um filósofo da linguagem (na longa tradição da teoria do signo ‘representante’ de uma ideia) [...]. (NORMAND, 2009, p. 61, grifo da autora).

É de grande importância a preocupação de Normand quanto ao que possa se entender por *Signo* a partir de Saussure. A este respeito é interessante citar Benveniste (1989, p. 224) que, a propósito da “doutrina saussuriana do signo”, afirma: “Não se pode deixar de ficar admirado por ver tantos autores manipularem inocentemente este termo ‘signo’ sem discernir o que ele contém de restrições para quem o adota e em que ele o compromete a partir daí” (grifos nossos). Voltando à discussão de Normand, alerta-nos a autora que o que Saussure nos apresenta como *Signo linguístico* não corresponde à visão clássica do signo advinda da filosofia. Portanto, decidimos iniciar esta discussão partilhando da visão da autora quanto ao *Signo* saussuriano.

O próprio Saussure, a respeito da natureza do *Signo linguístico*, inicia sua discussão criticando a ideia de nomenclatura segundo a qual “idéias completamente feitas, preexistentes às palavras” se uniriam a um termo ou, mais precisamente, a suposição de que “o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples”, o que, acrescenta o autor, “está bem longe da verdade” (CLG, p. 79). Contrário à visão tradicional do *Signo*, declara que “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (CLG, p. 80).

Considerando o postulado de Saussure, expresso acima, bem como a afirmação de Normand sobre a importância da definição do *Signo* dentro de uma teoria linguística, buscaremos agora entender essa visão tradicional do *Signo* que antecedeu o mestre genebrino e do qual ele procurou se distanciar ao elaborar o seu arcabouço teórico.

Como já sabemos, o termo *Signo* não foi criado por Saussure, este apenas se apropria de um termo já presente na filosofia e que designava a representação de uma ideia. Michel Lahud (1977), filósofo da linguagem, discutirá a noção de *Signo* que antecedeu o mestre genebrino, bem como a que ficou consagrada a partir do CLG. Seu artigo *Alguns Mistérios da Linguística* se propõe a tentar responder o “mistério da significação” que suscita a relação estabelecida entre elementos heterogêneos na concepção do *Signo* ideacional, ou seja, do signo como representação de uma coisa.

É importante frisar que a noção de *Signo* que antecedeu Saussure recobria basicamente a parte material, ou seja, os sons e a capacidade desses sons de representar uma *Ideia*, portanto não podemos confundir com a noção de *Signo* posteriormente apresentada pelo mestre

genebrino. Na verdade, como veremos no decorrer desta seção, em várias passagens do CLG, Saussure tomou o *Signo*, de modo ambíguo, utilizando-se do termo para se referir a apenas uma das partes da unidade posteriormente concebida como dupla em sua essência.

Embora Lahud (1977) discuta amplamente a questão do *Signo* que antecede Saussure (bem como a visão saussuriana e pós-saussuriana), como dissemos anteriormente, nós nos deteremos em duas visões que são mais interessantes para a nossa discussão: A gramática de Port-Royal e a visão cartesiana do *Signo* de Géraud de Cordemoy. Seguido a isso, trataremos um pouco da discussão do autor sobre o *Signo* saussuriano.

Partamos agora para o trabalho de Lahud. O autor inicia seu texto com uma citação de Foucault, retirada de *Les choses et les mots* (1966), que explica a mudança de questionamento, quanto ao *Signo*, ocorrida entre o período do Renascimento e o século XVII. No primeiro caso perguntava-se “como era possível reconhecer que um signo designava realmente aquilo que ele significava” (FOUCAULT, 1966 *apud* LAHUD, 1977, p. 28) e no segundo: “Como pode um signo estar ligado àquilo que ele significa” (Idem, *ibidem*). A partir deste segundo questionamento, chegamos a respostas como a da gramática de Port-Royal que, segundo Lahud, opta por uma teoria binária do *Signo*, na qual encontramos uma coisa que representa e outra que é representada. Explicando essa teoria, o autor diz que:

Essa dualidade constitutiva do signo determina inclusive a organização material da célebre Gramática de Arnauld e Lancelot, cuja primeira parte versa sobre aquilo que os signos são ‘por natureza, isto é, enquanto sons e caracteres’, ao passo que a segunda se ocupa de sua ‘significação, isto é, a maneira como os homens se servem deles para significar seus pensamentos’. (LAHUD, 1977, p. 28, destaques do autor).

Em suma, o sistema binário adotado pela Gramática de Port-Royal é o material/espiritual, estando o primeiro ligado aos sons e caracteres, unicamente, e o segundo ligado à razão, o elemento que marca a grande vantagem dos homens sobre os animais. Sendo assim, “a partir de 25 ou 30 sons”, os homens articulam palavras, tornando-as *Signos* de seus pensamentos.

Insistindo ainda neste ponto, observamos que a própria definição de *palavra* na Gramática de Port-Royal deixa bem evidente a concepção ideacional do *Signo*: “Assim, pode-se definir as palavras: sons distintos e articulados, dos quais os homens fizeram signos para significar seus pensamentos (ARNAULD; LANCELOT, [1660] 1969, p. 22-23 *apud* LAHUD, 1977, p. 29).

Seguindo seu trabalho, Lahud apresenta a visão cartesiana do *Signo*, expressa por Géraud de Cordemoy. Como se pode imaginar, a dualidade corpo/mente que rege o pensamento

cartesiano já deixava transparecer a relação arbitrária entre o *Signo* e aquilo que ele expressa: “Uma das principais coisas dignas de consideração referente a esses signos é que não possuem nenhuma conformidade com os pensamentos que unimos a eles por instituição” (CORDEMOY, 1704, *apud* LAHUD, 1977, p. 30).

Cordemoy afirma que essa relação que se estabelece entre dois termos heterogêneos se explica pela própria dualidade da natureza humana, ou seja, o ser humano também é composto por dois elementos heterogêneos, um corpo e uma alma. É interessante notar que a solução cartesiana de Cordemoy para o *mistério* da significação representada pelo *Signo*, no final das contas, descarta a arbitrariedade da relação *Signo*/pensamento, como de fato, esclarece Lahud:

É porque Deus criou o homem unindo o corpo à alma que se tornou necessária a convenção que associa certos pensamentos a certos movimentos do corpo. Em outros termos, a convenção linguística não é **arbitrária** justamente porque o homem é um ser de natureza mista que, por isso, não pode transmitir aos outros seus estados interiores a não ser mediante uma representação por elementos que participam da camada corpórea do ser. (LAHUD, 1977, p. 30, grifo do autor).

Assim, o *mistério* da significação, isto é, como um *Signo* se relaciona com aquilo que representa, não se explica, ao menos na visão de Cordemoy, sem um apelo à teologia, e como nos diz Lahud, tomando Deus como o agente de tudo, da união corpo e alma que formou o homem, como também de tudo o que esta união acarreta como, por exemplo, a necessidade dos *Signos* (som/caracteres/matéria) para tornar manifesto o que se passa na mente (espírito).

Chegamos então ao *Signo* saussuriano. Já dissemos anteriormente que, a princípio, Saussure tomara a noção de *Signo* tal qual a usada na filosofia clássica, mas que posteriormente havia abandonado essa noção por uma nova, mais adequada ao seu projeto epistemológico. Lahud concorda que Saussure, realmente, trouxe inovações para esclarecer o *mistério* da significação, contudo, essa inovação trazida por Saussure não está na noção de *Signo*, mas no movimento pelo qual o mestre genebrino parte da noção de *Signo* para a de *Valor*.

A afirmação de Lahud se alinha com a afirmação de Normand de que “valores se impõe como substituto do termo clássico signos” (2009, p. 73). Na defesa de sua tese de que Saussure não trouxera inovação considerável na questão do *Signo*, Lahud dirá que, no capítulo do CLG sobre a natureza do signo linguístico, ele simplesmente “repete a tradição semiológica ideacional que considera o signo como uma entidade dual de natureza essencialmente representativa” (1977, p. 32).

Lahud será ainda mais enfático quando defende que o fato de Saussure apresentar os componentes do *Signo* como igualmente psíquicos não se constitui uma inovação ou rejeição

da noção clássica de signo. Segundo Lahud, a gramática racional de Arnauld e Lancelot, já trazia uma concepção de virtualidade para o signo. Roland Dozé (1967, *apud* LAHUD, 1977, p. 32), “autor do melhor estudo sobre a gramática geral e racional”, como nos diz Lahud, explica que na gramática racional:

A distinção de som e da ideia de som (da coisa e da ideia da coisa) não era simplesmente uma expressão feliz; ela responde à concepção que Arnauld se faz do mecanismo da comunicação e da natureza do signo falado, considerado como associação de duas imagens mentais: acústica e conceitual.

Com isso Lahud conclui que “a distinção saussuriana entre som e imagem acústica e a consequente afirmação do caráter psíquico do signo respondem, portanto, a essa mesma concepção [...]” (1977, p. 32).

Entretanto, adiante em seu texto, Lahud reconhece que ao recusar a ideia de *nomenclatura* e assumir ser o *Signo* uma *unidade indissolúvel*, Saussure dará uma contribuição original à teoria do signo, ao introduzir “um elemento verdadeiramente estranho à concepção representativa do signo” (1977, p. 33), embora não possa ser ainda considerada um rompimento com a noção tradicional, apenas “uma etapa conceitual intermediária” (1977, p. 33). Lahud faz referência especificamente à escolha dos termos *Significante/Significado* como substitutos para imagem acústica/conceito, fazendo notar que a opção por termos de mesmo radical se faz no momento em que a reflexão saussuriana do *Signo* o concebe como *unidade de duas faces inseparáveis*. Para o autor, essa mudança terminológica representa um deslocamento tendo em vista que a concepção de signo presente na discussão sobre a *arbitrariedade do Signo*, ilustrada com o exemplo clássico da diferença entre as línguas em que “o significado ‘boi’, tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* do outro” (SAUSSURE, 1972 *apud* LAHUD, 1977, p. 32), reproduz a ideia clássica de que se trata de *termos heterogêneos e independentes entre si*. Como afirmamos mais acima, para Lahud, a transformação conceitual radical só será “plenamente realizada com a introdução das noções de sistema e de valor” (1977, p. 33).

Neste ponto nos afastamos do posicionamento teórico de Lahud para assumir com Normand que o rompimento com a tradição filosófica ocorre desde as considerações iniciais de Saussure sobre a natureza do *Signo linguístico*. Ao comentar a afirmação de Saussure de que “o signo linguístico é, pois uma entidade psíquica de duas faces” e de que esses dois elementos “estão intimamente unidos e um reclama o outro” (CLG, p. 80), ela dirá que dessa afirmação podemos concluir que:

[...] o signo assim apresentado não pode ser concebido pela definição clássica de representante de uma ideia e ainda menos de uma coisa; essa relação, que não é negada (o locutor fala do mundo), não concerne a linguística. Por sua insistência sobre essa ligação constitutiva do signo linguístico, Saussure coloca a análise linguística fora das considerações filosóficas sobre a origem dos conhecimentos (e sua variante psicológica, as teorias da aprendizagem) tanto quanto dos problemas lógicos sobre a adequação da linguagem e da realidade, e mesmo fora de qualquer posição filosófica acerca da própria ligação (representação, expressão, paralelismo...). (NORMAND, 2009, p. 63).

Apesar de extensa, optamos por trazer quase que na íntegra a colocação de Normand, pois ela exprime bem a total separação do *Signo* saussuriano daquilo que era promulgado pela filosofia, ou seja, a noção do *Signo* como representação. Vimos acima que para Lahud a noção de *Sistema* marca o rompimento radical com a tradição filosófica, mas, ao contrário de Normand, o autor não estabelece um vínculo constitutivo entre os conceitos de *Signo* e de *Sistema* na construção da teorização saussuriana sobre a língua, postura defendida pela autora e à qual nos filiamos neste trabalho.

Normand (2009, p. 62) dirá ainda que o termo *Signo*, em Saussure, não é “introduzido sozinho, mas, desde o início, na expressão ‘sistema de signos’”. Com isto quer dizer que a reflexão saussuriana, por ela mesma, já diferia da filosofia clássica uma vez que a noção de *Signo* não estava solta, mas sim atada, a todo tempo, a de língua/sistema, esmiuçando seu funcionamento.

Esse entendimento do que é o *Signo linguístico*, como enfatizamos de início, era uma preocupação expressa pelo próprio Saussure, que vai encontrar na terminologia mais um obstáculo a se encarar no estudo da língua: “Chamamos **signo** a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas [...]” (CLG, p. 81, grifo do autor).

Paul Bouissac (2012, p. 154) afirma que “no desenvolvimento de uma nova ciência, se muitas palavras comuns são redefinidas ou se muitas palavras novas são criadas, a mensagem se torna ainda mais obscura”. Refletindo sobre isso, podemos imaginar o porquê de Saussure não trazer, de fato, um novo termo, que não se confundisse com o *Signo* já tão usado na filosofia. A inserção de novos termos talvez trouxesse mais confusão do que esclarecimento e o fato de o termo *Signo* já ser conhecido, de certa forma, poderia ser uma vantagem didática: já se conhece o *Signo* fora da língua, vejamos agora como ele funciona quando ligado a um *Sistema* linguístico. De certo que Saussure não estava satisfeito com esse termo, pois diz: “Quanto a **signo**, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro” (CLG, p. 81, grifo do autor).

Podemos afirmar, pelos argumentos já expressos acima, que apesar do conceito de *Signo* que antecedeu Saussure, sua definição de *Signo linguístico* é totalmente dependente da noção de língua enquanto *Sistema*, concepção suficiente para que não se deixe confundir com aquilo que o precedia.

Uma vez que a noção de *Signo* em Saussure esteja esclarecida, passemos agora para a sua constituição. Sabemos que ele possui duas partes igualmente psíquicas. Os termos que ficaram consagrados no CLG foi o par *Significado/Significante*, mas outros termos orbitam quase que o tempo todo em torno do *Signo*. Ignoraremos a alternância que acontece em relação ao *Significante* e focaremos em sua contraparte. Dito isso, temos três termos em questão que se alternam como contraparte do *Significante*. São eles: *Ideia*, *Conceito* e *Significado*.

Trataremos esses três termos em separado, como subtópicos desta primeira parte e, como já dissemos de antemão, deixaremos o termo *sentido* para tratar separadamente na segunda parte desta seção.

### 2.1.1 Ideia

No capítulo III da introdução do CLG, após explicar que a palavra “nu” poderia ser vista como som, expressão de uma ideia ou mesmo uma correspondente da palavra latina *nudum*, Saussure assume que o fenômeno linguístico possui duas faces: “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (CLG, p. 15). As duas faces as quais ele se refere são: o som, que ele chama de unidade complexa acústico-vocal, qualificada como um instrumento do pensamento, e a *Ideia*. Estas duas, segundo ele, se ligam formando uma unidade complexa fisiológica e mental. Aqui temos uma primeira descrição da estrutura do *Signo linguístico*, sendo que o termo *Ideia* ocupa o lugar que ficará consagrado como do *Significado*.

Um ponto importante para se destacar neste momento é a correspondência entre pensamento e *Ideia*. Saussure diz que o som é instrumento do pensamento, mas a princípio não faz a junção pensamento e som, mas sim *Ideia* e som, e, neste caso, *ideia* não parece ser sinônimo de pensamento. Talvez a escolha do termo ideia se dê pela sua delimitação que é necessária à sua outra face. O pensamento sem a linguagem, dirá Saussure, “não passa de uma massa amorfa e indistinta” (CLG, p. 130) e ainda: “Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (CLG, p. 130).

Então, o pensamento é algo desorganizado e sem delimitação, mas que pela língua se organiza e ganha um corpo delimitado, uma *Ideia* que se une a um som para formar o que Saussure chama de *Signo linguístico*. Diante disso assumimos que a escolha do termo *Ideia* se dá por sua propriedade delimitada, diferentemente do que Saussure atribuiu ao termo pensamento.

O termo som, que Saussure designa como a contraparte da *Ideia*, também não corresponderá de fato às unidades que são necessárias à língua, e por isso mais tarde esse termo também dará lugar a outros (*signo*, imagem acústica, *Significante*).

Pétroff (2007, p. 200), corroborando este mesmo pensamento, diz que “le monde de la pensée et celui des sons ne sont donc que deux masses informes, amorphes, et c’est seulement leur jonction, leur contact qui peut générer des délimitations et donc des entités<sup>2</sup>”. O próprio Saussure ilustrará isto com o seguinte esquema:

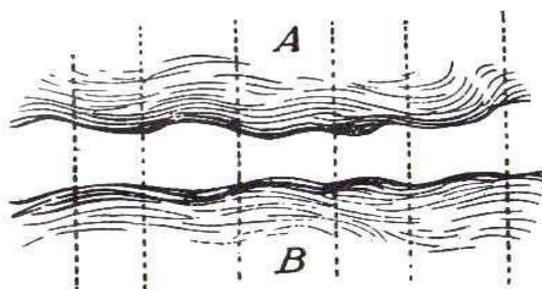


FIGURA 1 (CLG, p. 131)

A figura 1 representa uma massa de água agitada por uma massa de ar. Saussure nos diz que as vagas que se formam no contato entre a água e o ar podem ser comparadas à língua. Esta se forma pelo contato entre pensamento e som. Sendo assim, a língua, objeto de estudo dos linguistas, não está nem no pensamento, nem no som, mas naquelas vagas que se formam pelo contato das duas massas. Ali está o foco da reflexão saussuriana e, conseqüentemente, dos linguistas que adotam as premissas do mestre genebrino. Quanto às duas massas, isto é, o pensamento e o som, são massas amorfas que precisam ser delimitadas pela língua. Nesse sentido, a escolha de termos que designem essas unidades, precisando-as, é essencial para o pensamento saussuriano em construção.

Embora o termo “pensamento” não se alterne com os termos que nos propomos a analisar, neste e nos dois tópicos seguintes, necessários se fazem alguns esclarecimentos quanto

---

2 “O mundo do pensamento e dos sons não são, portanto, mais que duas massas informes, amorfas e é somente sua junção, seu contato que pode gerar delimitações e, portanto, entidades”. (Tradução nossa).

a ele, especialmente, por sua relação com o termo *Ideia*, do qual se fosse sinônimo estaria então no hall dos termos semânticos da linguística saussuriana.

Saussure esclarece que em uma ponta temos o pensamento e na outra temos o som, ambos sem a língua nada têm de significativo. A língua não só medeia a relação dos dois como também os delimita em unidades. O pensamento “é forçado a precisar-se ao se decompor” (CLG, p. 131). E ele se decompõe em *Ideias* que por sua vez podem se unir aos sons e compor o signo.

O mestre genebrino também vai falar do pensamento ao dar o exemplo da folha de papel:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o **pensamento** é o anverso e o **som** o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura (CLG, p. 131)

A folha de papel é a língua na qual “se inscrevem” o pensamento e o som, sendo assim a relação entre esses dois não se dá de modo direto, mas pela língua. Assim como não é o pensamento em si que compõe o *Signo*, sabemos que também não é o som em si que o compõe, pois o *Signo* pertence à língua e na língua é que ele se compõe. Esses termos representam a *Matéria* psicológica e fônica que estão nos extremos da língua.

Portanto, pensamento não é sinônimo de *Ideia* e, conseqüentemente, dos outros termos que pesquisamos associados ao *Sentido*, o que o coloca de fora de nossa análise, contudo é interessante notar que pensamento sempre aparece associado ao termo *Ideia*.

O termo *Ideia* além de compor o *Signo*, concorrendo com termos como *Significado*, também pode ser visto, no CLG, fora do *Signo*. Isto acontece, justamente, quando Saussure toma o termo *Signo* como entendido na filosofia clássica, isto é, designando apenas uma parte da entidade linguística.

O mestre genebrino dirá, por exemplo, que “um sistema de signos distintos” corresponde ‘a ideias distintas’” (CLG, p. 18), ou ainda: “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (CLG, p. 24). Apesar desta aplicação do termo *Signo*, Saussure, no decorrer de sua reflexão, explicará que o seu entendimento de *Signo* não é este: “Chamamos **signo** a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas [...]” (CLG, p. 81, grifo do autor); e proporá uma terminologia que se afastará daquele uso corrente que não satisfazia à linguística que visava: “Propomo-nos a conservar o termo **signo** para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por **significado** e **significante**” (CLG, p. 81, grifos do autor).

Essa proposta de Saussure deixava claro que *Signo* já não designava mais a parte e sim o todo. No entanto, a noção de *Signo* designando apenas uma parte, continua sendo usada por ele mesmo após apresentar a tríade *Signo*, *Significado* e *Significante*.

Isto pode ser visto no trecho em que após explicar a mudança de uma palavra na passagem do latim para o francês, o mestre genebrino dirá: “é inútil, porém, distinguir as duas partes do fenômeno; basta verificar *in globo* que o vínculo entre *ideia e signo* se afrouxou e que houve um deslocamento em sua relação” (CLG, p. 89, grifos do autor em negrito e nossos em itálico). Tullio De Mauro (1967, p. 449) afirma que esta passagem “c’est un des nombreux endroits où, même dans les sources manuscrites, signe a manifestement glissé vers la valeur de signifiant<sup>3</sup>”.

Conforme nos alerta De Mauro (1967), isso aconteceria também nos manuscritos, o que poderemos ver em um deles, *Da essência dupla da linguagem*, que analisaremos na quarta seção deste trabalho.

### 2.1.2 Conceito

Outros termos que Saussure nos apresenta ao abordar o lugar da língua, são os já bastante conhecidos *Conceito* e imagem acústica. O primeiro termo substituído mais tarde, assim como os outros, por *Significado*, parecia ser o mais problemático para ocupar o lugar de contraparte do *Significante*. Segundo Pétroff (2007, p. 211), os termos *Conceito*/imagem acústica “ils peuvent présupposer des objets constitués avant l’association<sup>4</sup>”; como o *Signo* seria o produto desta junção e não coisas preexistentes que se unem para formar um terceiro elemento, Saussure, buscando precisar sua teorização do *Signo*, vai deixar estes de lado priorizando o par consagrado *Significado/Significante*.

Como destacamos mais acima, também Lahud (1977, p. 33) dirá que “os termos de mesmo radical ‘significado/significante’” correspondem melhor “à etapa da reflexão saussuriana em que o signo se apresenta como unidade de duas faces inseparáveis”. Vale lembrar que a noção de *Signo* anterior a Saussure visava uma união de elementos heterogêneos e independentes um do outro, conforme vimos.

Mesmo diante da imperfeição ou inadaptação do termo, como sugere Petroff (2007), se podemos assim dizer, o autor do CLG irá usá-lo com frequência, porém muito mais como uma

---

<sup>3</sup> “É um dos numerosos casos onde, mesmo nas fontes manuscritas, signo tem, manifestamente, deslizado para o valor de signifiante”. (Tradução nossa).

<sup>4</sup> “Podem pressupor objetos constituídos antes da associação”. (Tradução nossa).

forma explicativa do que como um termo metalinguístico para descrever um fenômeno da língua. Podemos também acrescentar o que nos diz Normand (2009, p. 62) de que tanto o *Conceito* como a imagem acústica são uma definição célebre do signo no CLG, que “abre o primeiro desenvolvimento concernente à linguística sincrônica”. Além do que já foi dito, é preciso falar um pouco desses *Conceitos*, pois eles fazem parte do percurso do pensamento saussuriano e nos ajudarão a compreender a relação estabelecida entre os termos da semântica saussuriana.

O CLG traz os *Conceitos*, que são denominados de início como fatos de consciência, como unidos a imagens acústicas na mente do falante: “[...] os fatos de consciência, a que chamamos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los” (CLG, p. 19).

No momento da fala, essas associações da mente são articuladas pelo aparelho fonatório, um interlocutor capta a fala e, em sua mente, o som ativa uma imagem auditiva, que, por sua vez, está associada a um conceito e assim a língua funciona.

Vemos então outra descrição do *Signo*, um pouco mais refinada: conceito e imagem acústica: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (CLG, p. 80). *Conceito*, apesar de ser posto de lado posteriormente, aparece neste momento como sinônimo de *Ideia*, ou seja, ocupando o mesmo lugar que ela na composição do *Signo*.

### 2.1.3 Significado

Tratemos agora do termo que ficou consagrado como a contraparte do *Significante*: o *Significado*. Relembrando o percurso terminológico temos: *Ideia*, *Conceito* e *Significado*. Todos os termos anteriores se encaixaram no lugar deste último de maneira indistinta, sempre representando a forma mais abstrata do *Signo*.

Saussure elegerá o par *Significado/Significante* para designar a composição de seu *Signo linguístico*:

Propomo-nos a conservar o termo **signo** para designar o total, e a substituir **conceito** e **imagem acústica** respectivamente por **significado** e **significante**; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. (CLG, p. 81, grifos do autor).

Saussure chega assim a, se podemos nos expressar desta maneira, definição por excelência do *Signo* e das partes que o compõem.

Como dissemos anteriormente, mesmo tendo chegado ao termo mais eficaz, Saussure, no CLG, prossegue numa oscilação terminológica em relação às partes do *Signo*. Na mesma página do CLG em que ele apresenta sua nova terminologia, já usará outro termo: “a *idéia* de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à *sequência de sons m-a-r* que lhe serve de significante” (CLG, p. 81, grifo do autor em negrito e nossos em itálico). Em outra parte diz ainda: “Se, com relação à *idéia* que representa, o significante aparece como escolhido livremente...” (CLG, p. 85, grifos nossos). Nestas duas passagens, Saussure troca *Significado* por *Ideia*, termo usado anteriormente. No primeiro caso, o termo *Ideia* parece ter surgido como uma maneira de explicar o *Significado*, mas no segundo ocupa deliberadamente o lugar do termo consagrado.

De Mauro (1967) em suas notas da edição crítica do CLG, traz um esclarecimento importante quanto a essa oscilação. Ele explica que no terceiro curso dado por Saussure, na aula do dia 02 de maio de 1911, ele propõe que o *Signo* é a união de um conceito com uma imagem acústica, porém duas semanas mais tarde, reformula em parte a lição da aula supracitada, retificando os termos anteriormente colocados para *Significado* e *Significante*, respectivamente, como um modo de aprimoramento da estrutura do *Signo* e de seu próprio pensamento. Estes termos substituíram os utilizados nas aulas anteriores.

Para De Mauro (1967), a inserção destes dois termos é uma consequência da “noção radical da arbitrariedade do signo”<sup>5</sup>, do qual eles podem discriminar perfeitamente as partes. O autor faz ainda uma crítica aos editores do CLG por terem misturado os termos novos com os antigos, causando assim certa confusão terminológica, e, ainda segundo ele, perdendo um pouco da profundidade da noção da arbitrariedade. Isso explica o motivo de, mesmo depois de ter chegado aos termos “ideais”, no CLG ainda será recorrente a troca, como veremos mais à frente, de *Significado* por *Conceito*. Os outros termos, como o que citamos acima (*Ideia*) devem sofrer a mesma fusão, embora De Mauro refira-se, apenas, a *Conceito* e imagem acústica.

Lahud (1977, p. 33, grifos do autor), fazendo referência à sua discussão sobre a teoria saussuriana do *Signo*, corrobora com De Mauro (1967) quando afirma:

Embora os editores do **Cours** tenham se servido quase indiscriminadamente dos pares **imagem acústica/conceito** e **significante/significado**, fazemos aqui uma utilização diferenciada desses pares para marcar uma oposição de natureza conceitual [...].

---

<sup>5</sup> Destacamos a expressão noção radical da arbitrariedade do signo para retomá-la adiante, afastando-nos da posição de Lahud que atribui a este princípio uma evidência da repetição da noção clássica de signo em Saussure.

Para o autor, os termos identificam fases diferentes da reflexão saussuriana e, neste caso, o par *Significante/Significado* ocuparia o estágio mais avançado dessa reflexão. Lahud (1977) assume então a posição de que a maneira indistinta com que os editores se utilizam desses termos, alternando-os, prejudica a compreensão da teorização de Saussure.

## 2. 2 Sentido

Deixamos para o final desta primeira seção a análise do termo *Sentido*, em separado, para nos debruçarmos mais atentamente sobre ele, uma vez que este termo e o lugar que ele ocupa na teorização saussuriana é o objetivo deste trabalho.

Ainda na Introdução, falando sobre o lugar da língua, Saussure apresenta-nos a expressão “sistema de signos” para definir o objeto de estudo da ciência linguística, contudo, desta vez, ele apresentará a composição do *Signo* utilizando um termo diferente dos usados anteriormente: “[...] a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de *essencial*, só existe a *união do sentido e da imagem acústica*, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (CLG, p. 23, grifos nossos).

O termo *Sentido* passa então a disputar o lugar ocupado, privilegiadamente, pelo *Significado*, bem como *Ideia* e *Conceito*. Esses termos aparecem sem nenhuma consideração sobre sua alternância (com exceção de *Significado*, que é introduzido por Saussure seguido de uma explicação sobre a escolha do termo, tal qual vimos acima).

Podemos destacar também que, com a inserção do termo *Sentido*, Saussure nos informa que as partes que compõem o *Signo* são igualmente psíquicas. Assumimos com Normand que o autor vai delineando este conceito de *Signo* que compõe a língua, para que este seja investido de seu caráter essencialmente linguístico, deixando de ser confundido com o que era promulgado pela filosofia.

Embora, como mostramos acima, o termo *Sentido* apareça como que disputando o lugar da contraparte do *Significante*, juntamente com os termos anteriormente abordados, há uma passagem do CLG, mais precisamente, a que toca na questão da mutabilidade do *Signo*, em que Saussure explana sobre a impossibilidade de que se mude a língua deliberadamente por uma intervenção direta do sujeito no *Sistema*. Ao explicar essas condições, Saussure deixa escapar uma importante informação sobre o que, de fato, representaria o termo *Sentido* em sua teorização. Reproduzimos abaixo o trecho em questão:

Poder-se-ia fazer acreditar que se tratasse especialmente de transformações fonéticas sofridas pelo *significante* ou então transformações do *sentido* que

afetam o *conceito* significado. Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o *significado* e o *significante*. (CLG, p. 89, grifos nossos).

O que está em questão é a possibilidade de mudança na língua, que segundo Saussure, se dá pelo deslocamento da relação *Significado/Significante* a partir da alteração de um elemento em separado ou da combinação de ambos, mas ao tratar disso, ele deixou transparecer algo ainda mais interessante para este trabalho.

Primeiro, chama atenção para *mudanças fonéticas* que sofre o *Significante*. Esse termo fonético destacado no trecho acima, designa a parte material do *Significante*, uma vez que, Saussure já deixara bem claro que o *significante* é psíquico. Em seguida, aponta alterações do *Sentido* que afetam o *Conceito*, que, neste pequeno trecho, substitui *Significado*, que aparece como adjetivo de conceito, para retomar seu lugar de contraparte do *Significante* ao final da citação. Temos aqui uma relação bem peculiar. Observando o esquema fonema/*Significante*, podemos formar também *Sentido/Significado*. Essa relação estabelecida por Saussure, nos permite, fazendo um paralelo entre *Sentido* e fonema, perceber uma instância mais material que teria uma ligação, respectivamente, com o *Significado* e o *Significante*.

Louis Hjelmslev, principal nome do círculo linguístico de Copenhague, em sua leitura da obra de Saussure, constatou que *Significado* e *Significante*, a que ele chamou de conteúdo e expressão respectivamente, possuem ambos *Forma* e *Substância*. Esses termos destacados, que foram elaborados por Saussure em sua reflexão linguística, foram aprofundados por Hjelmslev. Saussure, no CLG, diz que “A linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens [pensamento e som] se combinam; **esta combinação produz uma forma, não uma substância**” (CLG, p. 131, grifos do autor, comentário nosso). Hjelmslev enfatizará que a formulação de Saussure deixa margem para se pensar que a *Substância* precede de alguma maneira a *Forma*, por isso esclarece que “a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente<sup>6</sup>” (2006, p. 55).

O desenrolar da, nada fácil, reflexão hjelmsleviana pode ajudar a compreender o lugar do *Sentido* em Saussure. Devido a isso, nos deteremos mais profundamente na obra deste autor, *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, em especial no capítulo treze, dedicado aos termos expressão e conteúdo, que foram propostos pelo autor em substituição ao par saussuriano *Significante* e *Significado*, respectivamente.

---

<sup>6</sup> Voltaremos a esta crítica de Hjelmslev na quarta seção deste trabalho, quando estivermos analisando o manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem*.

Antes de prosseguir, gostaríamos de, a partir de um outro texto de Hjelmslev, *A estratificação da linguagem*, de 1954, apresentar sua proposta teórica utilizando-nos de suas próprias palavras: “[...] situar-se, de maneira empírica, no terreno da própria linguagem, delimitando o mais nitidamente possível, de um lado, os fatos linguísticos, e de outro, os fatos não-linguísticos”. Adiante prossegue o autor afirmando

Assim é que chegamos a estabelecer a doutrina conhecida pelo nome de **glossemática**, a qual [...] pode ser caracterizada por [...]: 1. recomendar, como único adequado, um procedimento analítico [...] e considerar a síntese [...] pressupondo a análise; 2. insistir na forma, até aqui negligenciada em favor da substância; 3. *procurar compreender na forma linguística a forma do conteúdo, e não apenas a da expressão*; e, em consequência desses princípios, 4. considerar a linguagem, no sentido comumente adotado pelos linguistas, como um caso particular de um sistema semiótico, isto é, *de um sistema que comporta planos diferentes e, no interior de cada plano, uma diferença entre forma e substância* [...], e situar a linguística nos quadros de uma semiótica (ou semiologia) geral. (HJELMSLEV, 1991, p.49, grifo do autor em negrito e nossos em itálico)

O item 3 interessa-nos muito particularmente e justifica, inclusive, a presença do autor em nosso trabalho.

A princípio refletimos sobre as *Substâncias* que Hjelmslev atribui à expressão e ao conteúdo. Ao explicar que a *Substância* não precede de maneira alguma à *Forma*, ele diz explicitamente qual é a *Substância* específica de cada parte do *Signo*: “Numa ciência que evita qualquer postulado não necessário, nada autoriza que se faça preceder a língua pela ‘substância do conteúdo’ (*pensamento*) ou pela ‘substância da expressão’ (*cadeia fônica*)” (HJELMSLEV, 2006, p. 55, destaques do autor e grifos nossos em itálico).

Como vimos, Hjelmslev afirma que o som é a *Substância* da expressão, assim como o pensamento é a *Substância* do conteúdo. Rodolfo Ilari (2005, p. 61), discorrendo sobre o autor dinamarquês, tem esse mesmo entendimento: “a substância da expressão (*identificada com os sons da fala*) é encarada sem hesitação como o assunto de uma disciplina não linguística [...]. Por sua vez, a substância do conteúdo, *identificada com o pensamento*, é deixada aos cuidados de várias disciplinas [...]” (grifos nossos).

Embora pareça uma noção bem explícita, a saber, de que o pensamento é a *Substância* do conteúdo, em certas partes do capítulo já citado, Hjelmslev parece substituir ou alternar o pensamento para o *Sentido* como *Substância* do conteúdo. É necessário, no entanto, citar uma nota de rodapé de Lima (2016, p. 79), que teve como tema de sua dissertação o linguista dinamarquês, alertando para o fato de que “Sentido, [...] se distingue de pensamento”, pois “esse termo em Hjelmslev, possui uma acepção sensorial”.

Levando em conta o alerta exposto acima, vejamos agora como se dá a relação do *Sentido* com o *Signo*, ou mais precisamente com o conteúdo, em Hjelmslev, para então voltarmos a Saussure.

Hjelmslev dirá que o fator comum entre todas as línguas é o *Sentido*. Assim o sentido é uma grandeza que “só se define pela função que a une ao princípio de estrutura da língua e a todos os fatores que fazem com que as línguas se distingam umas das outras” (2006, p. 55-56). Para exemplificar sua fala, ele apresenta a sequência “eu não sei” em dinamarquês, inglês, francês, finlandês e esquimó. Em cada uma dessas sequências, nós temos uma cadeia de sons diferentes e que analisados em conjunto, não possuem uma correspondência termo a termo umas com as outras. No entanto, explicará Hjelmslev (2006, p. 56):

[...] apesar de todas as diferenças, tem um *fator comum*: o *sentido*, o mesmo *pensamento* que, assim considerado, apresenta-se provisoriamente como uma massa amorfa, uma grandeza não analisada, definida apenas por suas funções externas, isto é, por sua função contraída com cada uma das proposições citadas. (grifos nossos).

Aqui *Sentido* e *Pensamento* aparecem como sendo a mesma coisa, ou pelo menos algo muito semelhante. O autor prossegue explanando sobre o *Sentido* a partir daquela pequena sentença – “eu não sei” – nas línguas ditas mais acima, e conclui que “o sentido é ordenado, articulado, formado de modo diferente segundo as diferentes línguas” (HJELMSLEV, 2006, p. 56).

Como é possível notar, tanto para Saussure quanto para Hjelmslev, a *Substância* não tem para a linguística a mesma relevância que a *Forma*, embora seja passível de um estudo linguístico por ser uma *Matéria* semioticamente transformada<sup>7</sup>. O que, realmente, importa nos estudos linguísticos é a *Forma*. Afinal, língua é *Forma* e não *Substância*. É a partir desse ponto de vista que Hjelmslev situará o *Sentido*. Tal qual o pensamento, ele designará o *Sentido* como uma massa amorfa e a todo o momento o situará como dependente da *Forma*:

[...] o sentido ‘*não-formado*’ que se pode extrair dessas cadeias linguísticas assume uma *forma* de modo diferente em cada língua. Cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na ‘*massa amorfa do pensamento* [...]’. (HJELMSLEV, 2006, p. 57, destaques do autor e grifos nossos em itálico).

---

<sup>7</sup> Como explica Faria (2014), “[n]o prefácio à edição brasileira dos Prolegômenos, Cañizal e Lopes (1975, p. x) destacam que, em estudos posteriores, Hjelmslev “[...] se dá conta de que a substância pode ser incluída no âmbito da linguística como algo semioticamente formalizável”. No ensaio de 1954 [Estratificação da linguagem], aparece um terceiro termo, *matéria*, que se distingue de substância, na medida em que esta última é entendida como semioticamente formada. A substância saussuriana, considerada independentemente de toda utilização linguística, será denominada matéria. Como explicam Ducrot e Todorov (2001, p. 33), para “ligar os três níveis [forma, substância e matéria], a Glossemática utiliza a noção de manifestação: a substância é a manifestação da forma na matéria” (p. 356). Retornaremos à distinção entre *Substância* e *Matéria* na quarta seção deste trabalho.

O autor usa de metáforas para tentar explicar a *Substância Sentido*. Primeiro a compara a grãos de areia que caem de uma mesma mão e podem formar diferentes desenhos no chão. Depois compara-a às nuvens que podem mudar de forma a cada instante no céu. Hjelmslev (2006, p. 57), então, dirá que:

[...] do mesmo modo é o mesmo *sentido* que se forma ou se estrutura diferentemente em diferentes línguas. São apenas as funções da língua, a função semiótica e aquelas que dela decorrem que determinam sua forma. *O sentido se torna*, a cada vez, *substância de uma nova forma* e não tem outra existência possível além da de ser *substância de uma nova forma qualquer*. (grifos nossos).

Note o leitor que as passagens que destacamos na citação tomam o *Sentido* como *Substância* do conteúdo assumindo o lugar, se podemos assim dizer, do que de início apareceu como sendo o pensamento. Apesar do alerta de que *Sentido* e *pensamento* não são a mesma coisa para Hjelmslev, (e na realidade não conseguimos enxergar esses termos como sinônimos) é interessante observar que, sem uma explicação mais clara, os termos parecem se alternar. Talvez o linguista dinamarquês tenha aprendido isso com Saussure.

Na passagem seguinte a que expusemos acima, Hjelmslev (2006, p. 57, grifos do autor) parece esclarecer melhor o papel do *Sentido* em relação ao conteúdo: “[...] constatamos no **conteúdo** linguístico, em seu processo, uma **forma** específica, a **forma do conteúdo**, que é independente do **sentido** com o qual ela se mantém numa relação arbitrária e que ela transforma em **substância do conteúdo**”.

Esta *Forma do conteúdo* que ele nos apresenta, é responsável por transformar o *Sentido* numa *Substância* para o conteúdo. Como já salientamos, Hjelmslev está constantemente amarrando o *Sentido* à *Forma*, e descrevendo-o como completamente dependente desta.

É mister refletir de que maneira o *Sentido* pode ser entendido como *Substância* do conteúdo/*Significado*, ou mesmo se pode ser entendido como tal, pois foi essa questão que nos levou a Hjelmslev e que, entendemos assim, nos ajudará a compreender o que Saussure sugeriu a respeito do lugar do *Sentido* na passagem que abriu esta seção, quando, ao discutir a mutabilidade do *Signo*, o colocou em relação com a fonética, estabelecendo o par relacional: transformações fonéticas/*Significante*; transformações do *Sentido/Significado*.

Ilari (2005, p. 61), explicando os conceitos de *Forma* e *Substância* na obra do linguista dinamarquês, afirma que:

Hjelmslev chamou de *forma*, tudo aquilo que uma determinada língua institui como unidades através da oposição; à *forma*, ele opôs a *substância*, definida como o suporte físico da forma, que *tem existência perceptiva mas não necessariamente linguística*. (grifos nossos).

A *Forma*, como pudemos apreender da citação anterior, está totalmente ligada à noção de *Valor*, presente em Saussure – aliás, a máxima de que *a língua é Forma e não Substância* será enunciada pela primeira vez na abertura do capítulo do valor linguístico e repetida em seu último parágrafo: “Tudo o que precede equivale a dizer que *na língua só existem diferenças*. E mais ainda: uma diferença supõe em geral **termos positivos** entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*” (CLG, p. 139, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Nos deteremos, mais minuciosamente, à essa noção de valor no próximo capítulo, contudo podemos observar, desde já, que tanto Saussure quanto Hjelmslev viam a língua como determinada por um sistema de oposição.

Quanto à *Substância*, Ilari (2005) aponta que ela é meramente um suporte físico, possui uma existência exterior à língua, no entanto, essa existência não é linguística, é apenas perceptiva<sup>8</sup>. Como já dissemos, para Hjelmslev, toda *Substância* é dependente da *Forma* e nada possuem de claro sem a língua. A própria figura trazida por Saussure, que expusemos na página 21, pode representar bem essa relação *Forma e Substância*. Só na língua a *Substância* possui *Forma* e, sendo recortada do caos, da massa amorfa, passa a ser, pela própria língua, uma unidade linguística. Hjelmslev busca deixar essa relação *Forma/Substância* bem esclarecida. Isto talvez aconteça pelo fato de o linguista considerar a formulação de Saussure um tanto vaga, sobre a questão. O linguista dinamarquês então explica:

Se se pensa sem falar, o pensamento não é um conteúdo linguístico e não é o fúntivo de uma função semiótica. Se se fala sem pensar, produzindo séries de sons sem que aquele que os ouve possa atribuir-lhes um conteúdo, isso será um abracadabra e não uma expressão linguística. (HJELMSLEV, 2006, p. 54).

Como é sabido, para Saussure, o próprio ato de pensar seria impossível sem a língua. Para ele, nada é distinto no pensamento sem a língua. Sendo assim, procuremos compreender o que diz Hjelmslev. Alguns podem protestar contra a citação do linguista dinamarquês exposta acima, no sentido de que eu “uso” a língua para pensar e “falar” comigo mesmo. Saussure mesmo dirá que “A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve” (CLG, p. 22). Ou seja, mesmo quando não falamos, nós usamos o *Signo* em sua totalidade e não pela metade, pois ambas as partes que o compõem (*Significado/Significante*) são psíquicas. Contudo, não é a isso que Hjelmslev se refere quando diz que “pensar sem falar” não é um conteúdo linguístico.

---

<sup>8</sup> A existência da *Substância*, de maneira exterior à língua, será discutida, pormenorizadamente, na quarta seção deste trabalho.

Na verdade, ele chama a atenção para o fato de que, embora qualquer um, de qualquer comunidade linguística, possa falar consigo mesmo no pensamento, isto é, possa pensar sem falar, aquilo que acontece na mente dele não é analisável, não se constitui um material linguístico que se deixe perscrutar pelo linguista. Para que isso aconteça, é preciso que a língua se manifeste, ou seja, que a *Substância* tome *Forma* pela língua, no seio de uma comunidade linguística. Da mesma maneira, no plano da expressão os ruídos ininteligíveis que um falante pode produzir a quem ouve, não se constituem como uma expressão linguística. Toda essa explanação de Hjelmslev tem por objetivo demonstrar, em sintonia com Saussure, que para os estudos linguísticos a *Forma* é mais relevante que a *Substância*.

Nos parece evidente que para Hjelmslev *Forma* e *Substância* são coisas bem diferentes. No entanto, quanto ao *Sentido*, podemos dizer de maneira taxativa que ele é a *Substância* do conteúdo? Bem, o *Sentido* para o linguista dinamarquês é algo bem peculiar. Ele chega até mesmo a discorrer sobre um “sentido da expressão”, que nós trataremos um pouco mais adiante.

Nas definições que aparecem no final da edição brasileira de *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, o *Sentido* é classificado da seguinte maneira: “classe de variáveis que manifesta mais de uma cadeia no interior de mais de uma sintagmática, e/ou mais de um paradigma no interior de mais de uma paradigmática” (2006, p. 139).

Para compreendermos melhor essa definição, retomemos o exemplo dado pelo próprio Hjelmslev, da sentença “eu não sei”. Ele apresenta essa sentença em diferentes línguas:

Jeg véd det ikke	(dinamarquês)
I do not know	(inglês)
Je ne sais pas	(francês)
En tiedä	(finlandês)
Naluvara	(esquimó)

Como já havíamos dito, para Hjelmslev, o sentido é o fator comum entre as línguas. Nos exemplos acima, manifesta-se em cadeias diferentes, isto é, em sintagmáticas e paradigmáticas diferentes. Com a finalidade de esclarecer ainda mais esta questão, vejamos a análise que o próprio Hjelmslev (2006, p. 56, destaques do autor) faz da sentença em inglês:

[...] tem-se de início ‘eu’, a seguir um conceito verbal que não tem existência autônoma na proposição dinamarquesa, a seguir a negação e finalmente o conceito ‘saber’ (mas nada que corresponda a ‘sei’, e nenhum objeto).

Essa análise do autor deixa evidente como em cadeias tão diferentes (notem as diferenças entre o inglês e o dinamarquês) pode se manifestar um mesmo *Sentido*. É preciso, porém, que analisemos com cuidado a assertiva de Hjelmslev para que não cheguemos em conclusões que se distanciem de sua reflexão, ou pior, que sejam o contrário do proposto por

ele. O fato de o *Sentido* ser o fator comum entre as línguas e se manifestar em cadeias sintagmáticas e paradigmáticas diferentes não quer dizer que ele tenha uma preexistência, ou que seja independente da *Forma*.

Fiorin (2003, p. 35) refletindo sobre o *Sentido* em sua acepção sensorial dirá que “Todos os homens são atingidos pelas mesmas sensações, pelas mesmas percepções e pelas mesmas impressões, que constituem uma massa amorfa”. Assim há, usando a expressão do próprio Hjelmslev, um *Sentido não-formado* que é partilhado por homens de diferentes comunidades linguísticas.

Elucidando essa questão, Hjelmslev (2006, p. 57) dirá que há uma zona de *Sentido* que é partilhada por diferentes línguas:

Pode-se dizer que um paradigma numa língua e um paradigma correspondente numa outra língua podem abranger uma mesma zona de sentido que, destacada dessas línguas, constitui um contínuo amorfo e não analisável no qual as fronteiras se colocam apenas através da formação das línguas. (grifos nossos).

A colocação de Hjelmslev, quase toda destacada por nós, traz duas informações importantes quanto ao *Sentido*, numa concepção hjelmsleviana. O *Sentido*, como expresso na definição dos *Prolegômenos*, é uma classe de variáveis, que constituem zonas de *Sentido* e que podem ser compartilhadas por diversas línguas e é exatamente essa característica do *Sentido* que possibilita haver traduções de um texto de uma determinada língua para outra. Lima (2016, p. 82), comentando uma afirmação de Ducrot a respeito da possibilidade de tradução entre as línguas, afirma que:

[...] a diferença entre as línguas não está nas significações que permitem exprimir, já que elas podem ser traduzidas de uma para outra; a diferença reside, então, na constatação de que certas nuances, numa determinada língua e expressas por um determinado signo, devem ser, em outra língua, expressas por signo(s) diferente(s).

A outra característica do *Sentido*, expressa pela afirmação de Hjelmslev, é de que não é independente da língua, das *Formas*. Essa *zona de Sentido*, proposta por ele, desligada das línguas que a compartilham, é tão somente uma massa amorfa, da qual o linguista não pode apreender qualquer análise linguística.

Quanto à *zona de Sentido*, Hjelmslev dará outro exemplo para que possamos assimilar melhor esse termo. O espectro de cores toma *Formas* diferentes em línguas diferentes, apesar de ser o mesmo espectro que é percebido por todos os homens. Vejamos a figura a seguir em que Hjelmslev comparou o espectro de cores em português e em galês:

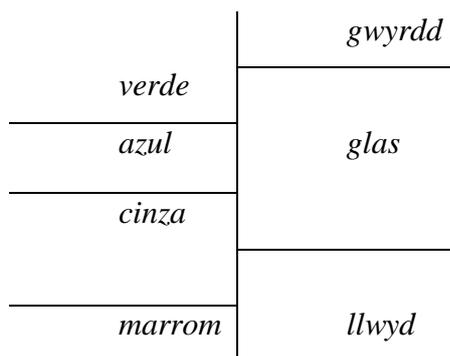


FIGURA 2 (HJELMSLEV, 2006, p. 58)

Como se pode notar, o verde, em galês é dividido em *gwyrdd* e *glas*, este último por sua vez recobre, além de uma parte do verde, o azul e uma parte do cinza, que ora também é *llwyd*, que por sua vez abrange o marrom. Esta breve descrição de algumas cores do espectro em português e galês nos dá um vislumbre de como, mesmo sendo o mesmo espectro, as línguas manifestam-no de maneira diferente. Do mesmo modo se dá com o *Sentido*, como concorda Lima (2016, p. 79), “Todos os homens percebem o mesmo espectro de cores (*sentido*), mas cada língua irá estabelecer, a partir da forma, suas fronteiras” (grifos nossos).

Podemos, segundo Hjelmslev, falar também de uma zona de *Sentido* quanto ao plano da expressão. Ele dá como exemplo as palavras *got*, (passado do verbo *get*) do inglês, *gott* (Deus) do alemão e *godt* (bem) do dinamarquês e afirma que as mesmas “representam formações diferentes de um mesmo sentido de expressão. Neste exemplo, o sentido da expressão é o mesmo, mas o sentido do conteúdo é diferente [...]” (2006, p. 61).

Esse *Sentido da expressão* a que Hjelmslev se refere não é a mesma coisa que o *Sentido do conteúdo*. O *Sentido* relacionado à expressão está, neste caso, ainda mais ligado a uma questão sensorial. As três palavras têm a mesma cadeia sonora nestas três diferentes línguas, não coincidindo, é claro, o *Sentido* do conteúdo. Assim como no exemplo da sentença “eu não sei”, que possuía um *Sentido* comum no plano do conteúdo entre as línguas apresentadas por Hjelmslev, apesar de no plano da expressão possuírem *Sentidos* diferentes, do mesmo modo as línguas podem compartilhar a mesma *zona de Sentido* quanto à expressão, que difira quanto ao *Sentido* do conteúdo.

O *Sentido* do conteúdo e essa *zona de Sentido* que está ligada a ele é o que mais vai nos interessar, pois é a partir disto que tentaremos estabelecer uma conexão entre o que propõe Hjelmslev e a breve, porém reveladora, passagem em que Saussure parece atribuir ao *Sentido* o *status* de *Substância do Significado*.

Da mesma maneira que para Saussure *Significado* e *Sentido* não parecem ocupar o mesmo lugar – apesar da citação da página 23 do CLG que trouxemos no início desta parte, na

qual este termo assume o lugar que será consagrado ao *Significado* – para Hjelmslev conteúdo e *Sentido* absolutamente não são a mesma coisa. Ele afirma que:

[...] *não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido*: o conteúdo de uma expressão pode perfeitamente ser caracterizado como desprovido de sentido de um ponto de vista qualquer (*por exemplo, o da lógica normativa* ou do fisicalismo) sem com isso deixar de ser um conteúdo. (HJELMSLEV, 2006, p. 54, grifos nossos).

Essa assertiva de Hjelmslev pode ser melhor entendida se tomarmos como exemplo a famosa sentença criada pelo linguista norte americano, Noam Chomsky, em seu livro “Estruturas Sintáticas” (2007). Ele, demonstrando o conceito de *gramaticalidade* na Teoria Gerativa, diz que este “não poderá se identificar com as noções de ‘dotado de sentido’ ou de ‘significativo’ em qualquer sentido semântico” e que “qualquer procura que seja baseada em semântica, por uma definição de ‘gramaticalidade’ será fútil” (2007, p. 10). Para exemplificar sua fala, ele dá o exemplo da seguinte sentença: “Ideias verdes incolores dormem furiosamente<sup>9</sup>”. Esta sentença, tanto no português quanto no inglês, possui uma sintaxe perfeita, isto é, qualquer falante da língua em questão reconhecerá como uma sentença válida, apesar de estar desprovida de sentido<sup>10</sup>. Apesar de, como vimos, Chomsky ter utilizado essa sentença para explicar seu conceito de *gramaticalidade*, podemos tomá-la para refletir sobre a proposição de Hjelmslev. A sentença em questão não possui um *Sentido* do ponto de vista lógico, como bem falou o linguista dinamarquês, mas ela possui sim um conteúdo. Conseguimos perfeitamente reconhecer os *Signos* da língua em cadeia e podemos apreender o seu *Valor*, ainda que sejam contraditórios (ideias com características estranhas a coisas abstratas: possuem cor e, ao mesmo tempo, são incolores. Ideias que dormem e não de qualquer modo, mas furiosamente). Conseguimos então perceber a dimensão da afirmação de Hjelmslev: o *Sentido* não se encaixa, pelo menos diretamente, como sendo a *Substância* do conteúdo.

Mas como podemos entender que o pensamento seja a substância do conteúdo se em diversas passagens o *Sentido* parece ocupar esse lugar perfeitamente? O artigo de Waldir Beividas *Sentido e a Forma na Estrutura do Signo* tenta responder essa pergunta propondo um modelo do que seria sentido na obra hjelmsleviana.

Como já vimos, Hjelmslev considerava vaga a proposição saussuriana, pois esta:

[...] carregava ainda alguns resquícios da concepção da existência de ‘substância do conteúdo (pensamento)’ ou de substância fônica anterior ao

<sup>9</sup> “Colorless green ideas sleep furiously”.

<sup>10</sup> Estamos nos referindo a um ponto de vista lógico, tal qual pensado por Chomsky e Hjelmslev. Sabemos que, e isso o próprio Hjelmslev dá a entender, essa sentença tomada do ponto de vista da linguagem literária pode ser considerada perfeita sintática e semanticamente, ou para usar a terminologia hjelmsleviana, ter *Sentido* e conteúdo.

aparecimento da língua. Ou seja, viu nessa formulação um ‘postulado não necessário’ que a lingüística, ao se pretender científica, deve evitar. (BEVIDAS, 1983, p. 10 – 11, destaques do autor)

Segundo Bevidas (1983), ao propor a análise da sentença “eu não sei” em línguas diferentes, Hjelmslev partia do ponto contrário ao que Saussure iniciou sua reflexão. Aquele começou sua análise da *Forma* para então chegar a uma *Substância* que lhe fosse dependente. Nessa busca, ele encontrou aquilo que seria um fator comum entre as línguas, como já expusemos aqui, o *Sentido*. No entanto, Bevidas frisa, como também nós discorreremos desde o início da segunda parte desta seção, que o *Sentido* em Hjelmslev tem uma difícil apreensão e, uma leitura que não se aprofunde, pode facilmente confundir os termos *Sentido* e *pensamento* como sendo o mesmo elemento chamado de maneiras diferentes, em diferentes partes da obra.

Com a finalidade de obter uma definição mais precisa de *Sentido* na obra de Hjelmslev, Bevidas propõe o seguinte diagrama:

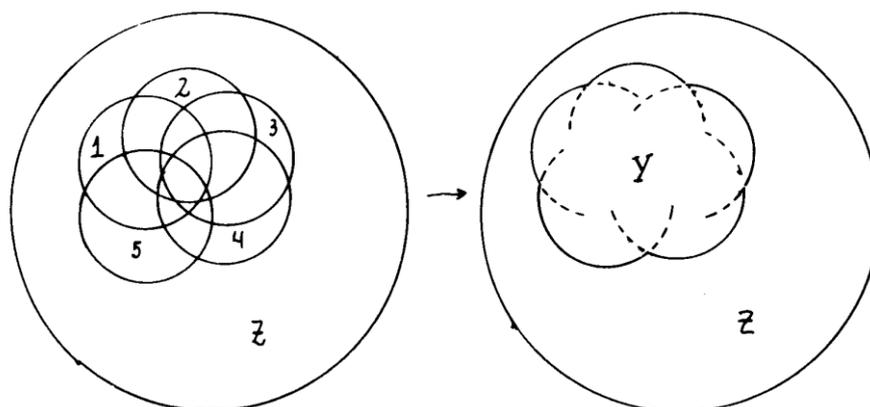


FIGURA 3 (BEVIDAS, 1983, p. 12)

Neste diagrama, proposto por Bevidas, “Z” representaria o contínuo amorfo e “Y” representaria o *Sentido* comum que as diferentes línguas partilham e o manifestam em *Formas diferentes* a partir do que permite a estrutura de cada língua. Nas palavras do próprio Bevidas (1983, p. 13), o diagrama explica-se da seguinte maneira:

[...] o conjunto das várias realizações ou recortes lingüísticos, das diferentes línguas, incide numa mesma zona (Y) do contínuo amorfo. A intersecção desses recortes, por sua vez, permite a inferência de que *elas, em conjunto, delineiam no contínuo uma zona comum de sentido* [...]. (grifos nossos).

A explicação de Bevidas se enquadra bem no que propõe Hjelmslev, uma vez que este afirma que o *Sentido*, considerado como fator comum entre as línguas, se torna uma massa amorfa quando destacado dessas mesmas línguas.

Essa leitura que Bevidas faz de Hjelmslev nos permite identificar o *Sentido* não mais como sendo o contínuo amorfo (pensamento), identificado como a *Substância* do conteúdo,

mas sim como “uma instância (metodológica) intermediária entre o contínuo e as realizações propriamente ditas [...]” (BEIVIDAS, 1983, p. 13).

Essa visão pode de fato esclarecer a diferença entre *pensamento* e *Sentido*, bem como situar esse mesmo *Sentido* em relação à *Forma*, ao conteúdo/*Significado*, e assim nos ajudar a sondar o que Saussure apontava com seu intrigante paralelo entre *Sentido* e fonema, mostrado no início desta discussão.

Recordemos o que Hjelmslev disse quanto à relação *Forma* e *Sentido*. Ele afirmou que a *Forma* é independente deste e que é ela quem o transforma em *Substância* do conteúdo. Essa assertiva do linguista dinamarquês parece reforçar a leitura de Beividas de que o *Sentido* seria uma instância intermediária entre o contínuo amorfo e a *Forma*.

Para tentar fortalecer sua afirmação, Beividas (1983, p. 13) frisa que numa leitura aprofundada de Hjelmslev pode-se inferir que este admite “que no contínuo amorfo se desenha um *conglomerado de zonas de sentido*, as quais se apresentam provisoriamente como grandezas informes mas suscetíveis de formações distintas nas diversas línguas” (grifos nossos).

O *Sentido*, em Hjelmslev, se definiria então como um elemento delineado por paradigmáticas e sintagmáticas de diversas línguas numa determinada zona do contínuo amorfo partilhada entre elas. Essa *zona de Sentido* demarcada pelas línguas no contínuo amorfo pode ser percebida no interior de um mesmo *Sistema*, como bem nos fala Beividas. Ele dá como exemplo a língua portuguesa. Se pegarmos uma sentença como a sugerida por Hjelmslev, “eu não sei”, podemos ver diferentes manifestações no plano da expressão:

- 1 – *Eu ignoro isso.*
- 2 – *Eu não sei isso.*
- 3 – *Eu desconheço isso.*

Apesar de três sentenças diferentes quanto ao plano de expressão, elas partilham um *Sentido* comum. Segundo Beividas (1983, p. 14), elas “recortam conjuntamente o contínuo numa zona comum de sentido”.

Essa leitura feita a partir de Hjelmslev levanta uma certa preocupação do próprio Beividas de estar distorcendo o pensamento do linguista dinamarquês, contudo, ele opta por mantê-la, pois:

Esta interpretação que vê o sentido como uma instância intermediária entre o contínuo amorfo e as realizações específicas das cadeias lingüísticas, além de não parecer totalmente 'infiel' à concepção de Hjelmslev, pode-se tornar bastante cômoda para a teoria lingüística (e semiótica), [...] é capaz de estabelecer, senão uma definição, pelo menos uma compreensão estável para o sentido [...]. (BEIVIDAS, 1983, p. 14).

Consideremos esta interpretação do *Sentido* na obra hjelmsleviana e nos encaminhemos para uma conclusão disto em relação à Saussure. Sabemos que, mesmo diante de terminologias diferentes, os dois linguistas têm uma compreensão semelhante do *Signo linguístico*. Hjelmslev (2006, p. 62, destaques do autor) diz que o *Signo* “é uma grandeza de duas faces, uma cabeça de Janus com perspectiva dos dois lados, com efeito nas duas direções: ‘para o exterior’, na direção da substância da expressão, ‘para o interior’, na direção da substância do conteúdo”.

Assim como Saussure, Hjelmslev concebe o *Signo* como tendo duas faces. O *Signo*, para ele, abriga duas *Formas*, uma da expressão e uma do conteúdo. Essas *Formas* é que se constituem como objetos linguísticos analisáveis, e que para Saussure não são materiais, mas psíquicos. Saussure também deixou claro que o *Significante* possui um lado material, o som, que seria sua *Substância*, mas quanto ao *Significado*, isso não ficou tão claro, daí, talvez, a proposta da *glossemática*, conforme a citação que reproduzimos anteriormente, ter dado destaque em seu 3º. ponto ao tratamento da *Forma do conteúdo* e não apenas à da expressão, sendo levado com isso a se deter igualmente nas considerações sobre a sua contraparte, isto é, a *Substância* do conteúdo. Mesmo considerando que Saussure disse que a língua se constitui entre duas massas amorfas, isto é, entre o pensamento e o som, não há essa relação direta entre pensamento e *Significado*. O que podemos notar no CLG, é que há um esforço de Saussure para que se compreenda que, mesmo o *Significante* tendo uma parte material, ele é, tanto quanto o *Significado*, psíquico.

Podemos também apreender outra coisa na comparação entre Saussure e Hjelmslev: O *Sentido* não faz parte do *Signo*. Em Hjelmslev, vemos que o *Sentido* é transformado pela *Forma* em *Substância* para o conteúdo, ele não é parte integrante do *Signo*, pelo contrário, ele é definido como uma variante, e sabemos que a *Forma* não é variante, mas constante, sendo portanto, o *Sentido* colocado como *Substância*, termo esse que abrange as variantes.

Quanto a Saussure, se considerarmos a passagem que trata da mutabilidade da língua, parece postular que o *Sentido*, como a parte material do *Significado*, está fora do *Signo*. Para compreendermos melhor retomemos parte da citação já feita aqui: “Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante” (CLG, p. 89). Portanto, independente das alterações que possam ocorrer fora da língua, a saber alterações fonéticas e de *Sentido*, só se constituirá uma mudança linguística quando atinge o interior do *Signo* afetando a relação *Significado/Significante*. Com isso, entendemos que o *Sentido*, pelo menos

como o assimilamos a partir da passagem em questão, não é interior à língua, mas exterior a ela, uma vez que não pertence à instância do *Signo*.

A afirmação que fizemos acima deve ser considerada dentro do que pretendemos delinear como sendo o *Sentido* em Saussure, isto é, a que corresponde esse termo, pois estamos cientes de que não sendo assim, nossa afirmação contradiz, totalmente, não apenas um postulado de Saussure, mas todo o seu projeto epistemológico. Sendo ainda mais claro, estamos considerando o *Sentido* como sendo algo diferente dos termos que vimos na primeira parte desta seção, a saber: *Ideia*, *Conceito*, *Significado*. Sua relação com o *Valor* e a *Significação* será discutida na próxima seção.

O entendimento do *Sentido* como *Substância* do *Significado* pode ser reforçado pela própria concepção hjelmsleviana de que as duas partes que compõem o *Signo* são dotadas de *Forma* e *Substância*, termos esses apanhados do próprio Saussure e desenvolvidos pelo linguista dinamarquês. Este dirá que o signo é “[...] portanto, ao mesmo tempo, signo de uma substância de conteúdo e de uma substância de expressão. É neste sentido que se pode dizer que o signo é signo de alguma coisa” (HJELMSLEV, 2006, p. 62). Ele também afirmará que a análise do plano de conteúdo e de expressão levará a conclusão de que ambos “são construídos de modo inteiramente análogo, de modo que se pode prever nos dois planos categorias definidas de modo inteiramente idêntico” (HJELMSLEV, 2006, p. 63).

Até onde conhecemos a obra de Hjelmslev, ele não citou o trecho do CLG que nos levou a essa compreensão do *Sentido* como parte material do *Significado*, para ilustrar sua própria compreensão de que conteúdo e expressão possuem *Forma* e *Substância*. Ainda assim sabemos, que ele é um estruturalista, e que, como tal, de um modo geral, sua obra é afetada, pelos postulados do mestre genebrino. Sendo assim, a reflexão de Hjelmslev, para esta pesquisa, é um gigantesco salto para chegar no âmago da questão principal de nosso trabalho, que é o lugar do *Sentido* no escopo saussuriano.

A proposição de uma *zona de Sentido*, promulgada por Hjelmslev não parece ter um correspondente direto na obra de Saussure, isto teria sido um passo a mais do linguista dinamarquês através de seu legado. Como nos diz Ducrot (1972 *apud* LIMA, 2016, p. 78) “se Hjelmslev aprova a intenção que guia a oposição saussuriana entre forma e substância, ele quer ir, nessa distinção, mais longe do que Saussure”, ou seja, Hjelmslev não parou sua reflexão onde parou a de Saussure, mais a impulsionou para frente fazendo seu próprio legado.

Nos empenharemos no decorrer deste trabalho em delinear este termo *Sentido* levando em consideração a leitura de autores consagrados, como é o caso de Hjelmslev, a quem demos

destaque nesta seção. Delinear a noção, a que este termo nos remete, será mister para sustentar a afirmação que destacamos acima, isto é, de que a compreensão deste termo como *Substância* do *Significado* o coloca num lugar exterior à língua.

### 3 O VALOR, A SIGNIFICAÇÃO E O SENTIDO

A segunda parte do CLG dedica-se inteiramente a apresentar ao leitor o que seria a linguística sincrônica, isto é, de que trata essa linguística e em que se diferencia da linguística diacrônica. É exatamente nesta parte, da mais famosa obra saussuriana, que conhecemos a grande inovação trazida pelo mestre genebrino, a saber, a noção de *Valor*.

Como vimos na seção anterior, a noção de *Signo* é substituída ao longo do curso pela noção de *Valor*, isto ficará bem evidente nesta parte do CLG, em especial nos capítulos II, III e IV que se detêm na discussão da língua como um sistema de valores. De fato, essa é a grande novidade saussuriana, contudo, sua apreensão está longe de ser simples. Normand (2009, p. 74) acentua que esses capítulos que tratam do valor “são de fato muito complexos, *apesar da aparente legibilidade*. É que, mais do que nunca, o objetivo é ir contra as evidências de um pensamento tradicional do signo” (grifos nossos).

Destacamos parte da citação de Normand que menciona uma aparente legibilidade quanto à noção de *Valor*. Ao longo desta seção poderá ser visto que – como pudemos perceber em nossa leitura do CLG – a autora está correta em sua afirmação. A reflexão de Saussure nos leva a muitos questionamentos, em especial, ao que diz respeito ao *Sentido*, tema de que nos ocupamos prioritariamente nesta dissertação. Esses questionamentos não são, pelo menos de forma direta, respondidos por ele, o que deixa uma lacuna para que seus sucessores, desde a escola estruturalista até àqueles que ainda hoje se debruçam sobre sua obra, possam desenvolver seus trabalhos a partir daquilo que não está explícito. Nosso trabalho também se encaixa nesse quadro uma vez que Saussure nunca dissera – pelo menos não nos materiais que se conhecem hoje – o lugar teórico ocupado pela noção de *Sentido* em sua teorização sobre a língua. Buscaremos, a partir da discussão que ele elaborou no CLG e no manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem*, chegar a uma conclusão, ainda que provisória e inicial, que não fuja do que, de material, temos de Saussure. Entretanto, seria impossível conduzir uma discussão como esta, se não nos permitíssemos ver o que há nas entrelinhas e aquilo que não foi explicitamente enunciado pelo autor.

Voltando à segunda parte do CLG, podemos perceber que Saussure vai, na realidade, preparando um terreno fértil para semear seu postulado quanto ao *Signo linguístico*, levado ao seu ápice. Esse ápice é o *Valor linguístico*, que, por sua vez, está completamente submetido à língua, numa visão exclusivamente sincrônica. Saussure mesmo deixará este ponto claro: “Muito do que foi exposto nas páginas precedentes pertencem antes à sincronia; assim, as

propriedades gerais do signo podem ser consideradas como parte integrante desta última [...]” (CLG, p. 117).

Da introdução até a segunda parte do CLG, dedicada à Linguística Sincrônica, Saussure vai delineando a sua visão de *Signo*. Assim como havia dito Lahud (1977), os pares conceituais *Conceito/imagem acústica*, *Significado/Significante* marcam etapas diferentes da reflexão saussuriana. Normand (2009) também reconhece que há termos – não necessariamente os mesmos apontados por Lahud – que também sugerem diferentes momentos da reflexão teórica do mestre genebrino. Ela vai, na verdade, além da afirmação de Lahud. Para a autora, as noções de *Valor* e de *Sistema de valores* “conduz muito além da distinção língua/fala, formulando a verdadeira natureza da língua e justificando a afirmação feita desde cedo: ‘a língua é um sistema que não conhece senão sua ordem própria’” (NORMAND, 2009, p. 73).

Para a autora, a noção de *Valor*, fruto de toda reflexão saussuriana presente no CLG, é justamente o que possibilita apreender que tipo de *Sistema* é a língua: mais que um sistema de signos, ela é um sistema de *valores*. As consequências teóricas desta mudança conceitual ficarão mais evidentes no decorrer da reflexão saussuriana de que trataremos nesta seção.

### 3.1 Das Unidades aos Valores

Em sua reflexão, Saussure se depara com um entrave quanto ao estatuto científico da linguística. As ciências em geral precisam de uma unidade mínima de análise e, no caso da linguística, essa unidade mínima não se deixa perceber à primeira vista. Essa questão das unidades, dirá Saussure, em geral, não se constitui num entrave para as outras ciências; são dados de antemão:

Assim em Zoologia, é o animal que se oferece desde o primeiro instante. A Astronomia opera também com unidades separadas no espaço: os astros; em Química, podem-se estudar a natureza e a composição do bicromato de potássio sem duvidar um só instante de que seja um objeto bem definido. (CLG, p. 123).

Considerando isso, seria necessário, para a sobrevivência de uma ciência da língua, chegar a essas unidades linguísticas. Isto o mestre genebrino tentará fazer nos dois capítulos que antecedem o do valor linguístico.

A princípio, Saussure dirá que os *Signos* são entidades concretas da língua, isto é, apesar de serem psíquicos, “não são abstrações, mas objetos reais” (CLG, p. 119). No entanto, a análise desses objetos não é simples, uma vez que se pode, facilmente, centrar sua análise na parte e não no todo. É exatamente por isso que ele frisa que:

A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado [...]; *se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração*. A todo momento corre-se o perigo de não discernir senão uma parte da entidade crendo-se abarcá-la em sua totalidade [...]. (CLG, p. 119, grifos nossos).

Daí o fato de Saussure repetir ao longo do CLG que se focamos no *Significante*, apenas, temos fonologia pura, se focamos no *Significado*, temos psicologia pura e tanto um quanto o outro não representam, de fato, a ciência da língua.

Outra importante informação sobre a entidade concreta da língua é que ela “não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica” (CLG, p. 120). Esta característica do *Signo* torna-se um grande problema para encará-lo como a unidade de análise. Como Saussure mesmo explicará, tentar separar essa entidade de tudo o que a rodeia é um trabalho em vão, já que a cadeia fônica em si não tem nada de significativa. Argumenta o autor: “Quando ouvimos uma língua desconhecida, somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que essa análise se torna impossível se se levar em conta somente o aspecto fônico do fenômeno linguístico” (CLG, p. 120).

Para que essa análise linguística aconteça, é necessário apelar para o *Significado*, ou seja, deve-se olhar a entidade como um todo. Apesar de a entidade ser concreta, não se deve concluir que sua análise seja da ordem da *Substância*, pois aí cai-se no erro de ater-se exclusivamente à questão fônica, fazendo-se “fonologia pura”.

Neste momento, o autor enuncia uma definição para a “unidade concreta da língua”:  
**“uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito”** (CLG, p.120, grifos do autor).

Chamamos a atenção, por um lado, para o fato de que, neste momento de sua exposição sobre as entidades concretas da ciência da linguagem, ele utiliza-se dos termos *Significado* e *Conceito* como contrapartes do *Significante*. Por outro lado, não deixamos escapar, na argumentação do autor, a passagem de *língua* para *cadeia falada*.

Uma forma comumente usada para tentar delimitar as entidades da língua, conforme nos explica Saussure, é expressa na figura abaixo:

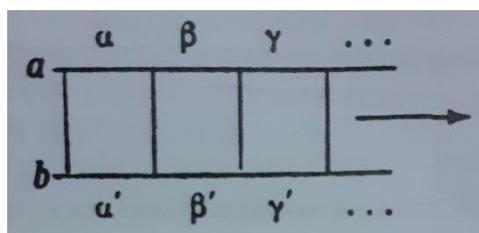


FIGURA 4 (CLG, p. 121)

No esquema, “a” representa os conceitos e “b” as imagens acústicas. Para empreender o processo de delimitação, as divisões estabelecidas na cadeia acústica “b” devem corresponder às divisões dos conceitos em “a”. Contudo, o que a princípio pode parecer um método eficaz para se chegar às entidades da língua, deixa a desejar.

A primeira e enorme falha do esquema é tomar como certo que a cadeia “a” e a cadeia “b” se correspondem de maneira direta e inequívoca. Saussure, para que melhor compreendamos, trará o exemplo de uma sequência fônica do francês *sizlaprã*. Essa sequência pode ser recortada de duas maneiras diferentes, dando origem a: i) *si je la prends* (se eu pegar), ou ii) *si je l'apprends* (se eu aprender). O caso é que, independente do recorte que deu origem a essas sentenças, as duas possuem a mesma sonoridade, ou seja, na cadeia fônica elas vão ter exatamente a mesma sequência. Considerando isso, o esquema que se propõe comumente para se captar essas entidades da língua está longe de conseguir isso, pois as duas possibilidades de recorte da massa fônica só são determinadas, segundo Saussure, “pelo *sentido* que se dê a essas palavras” (CLG, p. 121, grifo nosso).

Esse pressuposto do esquema de que há um termo a termo entre as cadeias “a” e “b” está equivocado se se pretende chegar à unidade através, unicamente, desta correspondência. Saussure explica que se se quer chegar à unidade “[...] é preciso que, ao comparar uma série de frases onde se encontre a mesma unidade, se possa, em cada caso, separá-la do resto do contexto, *comprovando que o sentido autoriza a delimitação*” (CLG, p. 121, grifos nossos).

Aparentemente, o esquema saussuriano acima nos leva a considerar que o método de delimitação que propõe, segmenta os *Signos*, aqui referidos como unidades, e que, portanto, o termo *Sentido* se colocaria em alternância com *Significado* e *Conceito* já referidos anteriormente.

Entretanto, essa fórmula, ofertada pelo genebrino para se ter êxito com o esquema acima, é descartada quase que na sequência em que é apresentada ao leitor. Isto porque, esse procedimento seria mais coerente se a unidade de análise fosse a *palavra*. Em seguida, ele comenta brevemente sobre teorias que tomam a *frase* por unidade de análise. Obviamente, ele descarta tanto a palavra quanto a frase como candidatas ao cargo de unidade linguística. Achamos por bem destacar aqui essa breve reflexão de Saussure quanto à *palavra* e à *frase*, pois retomaremos esses conceitos mais à frente para discutir o termo principal, aquilo que é o nosso objetivo, o *Sentido*. Adiantamos, entretanto, que a oscilação que observamos na exposição de Saussure entre a *língua* e a *cadeia falada*, entre o *Signo* e a *palavra* parece levar

o genebrino a trazer para a discussão de modo, no mínimo, confuso uma relação de sinonímia entre *Significado*, *Conceito* e *Sentido*.

É importante destacar o que Saussure está mostrando ao seu leitor: o *Signo* que é a entidade concreta precisa ser observado não em parte, mas na sua totalidade, no entanto, para que se possa delimitar completamente essa entidade, ela precisa ser separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica; esses dois pressupostos tornam impossível que o linguista chegue a essa entidade concreta sem cair numa abstração completa. Com isso, o autor do CLG conclui que:

[...] a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição; é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares. (CLG, p. 120).

Diante dessa dificuldade em se chegar a uma unidade linguística, Saussure comparará a linguística, mais uma vez, a outras ciências, sendo que agora ele quer demonstrar que “Quando uma ciência não apresenta unidades concretas imediatamente reconhecíveis, é porque elas não são essenciais” (CLG, p. 124). Ele conclui com isso que a língua, assim como o jogo de xadrez, precisa ser observada como um todo, suas peças estão colocadas sempre de modo a se opor a outra, e cada uma tem seu valor demarcado em função do *Sistema*.

Saussure chega a afirmar que, pelo fato de a língua não oferecer unidades concretas de antemão, como as outras ciências, podemos até duvidar se essas unidades realmente existem, no entanto, reafirma ele, elas realmente existem. Quanto à língua, dirá o autor do CLG, devemos nos acostumar com essas peculiaridades, pois este é o seu:

[...] caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui. Trata-se, sem dúvida, de um traço que a distingue de todas as outras instituições semiológicas. (CLG, p. 124).

A reflexão de Saussure chega então a três termos que podem se apresentar como modos de análise da língua, são eles: identidades, realidades e valores. A partir de agora, Saussure passa a encaminhar seu leitor para o que ele vai eleger como seu método de análise das unidades linguísticas.

Ele começa discorrendo sobre o que seria uma identidade sincrônica. Ela diz respeito a dado elemento poder ser reconhecido em diferentes instâncias como no exemplo da língua francesa “*Je ne sais pas*” (eu não sei) e “*ne dites pas cela*” (Não diga isso), onde podemos identificar “*pas*” revestido da mesma significação, isto é, entre um e outro há uma relação de identidade, pois a porção sonora e a significação coincidem. Também pode haver uma relação

de identidade mesmo sem que haja uma correspondência na significação. Saussure nos dará o exemplo da palavra “*Senhores*”, que repetida inúmeras vezes em uma assembleia, apesar de ser o mesmo elemento presente na fala, não possui uma correspondência na significação, pois a cada vez, que é dita, seja pela tonalidade, seja pela entoação, apresentam significações diferentes. Saussure esclarece que: “O mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo essas mais que a contraparte daquelas” (CLG, p. 126).

Contudo, delimitar uma unidade pela identidade se torna complicado uma vez que não pode ser apreendido pela significação ou por seu aspecto material. Para que o leitor do Curso compreenda melhor, Saussure exemplifica com a metáfora do trem e da rua:

Falamos de identidade a propósito de dois expressos ‘Genebra-Paris, 8 hs 45 da noite’, que partem com vinte e quatro horas de intervalo. Aos nossos olhos, é o mesmo expresso, e no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente. Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada subsista da antiga. (CLG, p. 126, destaque do autor).

No exemplo, Saussure mostra que as condições que permitem reconhecer o expresso “Genebra-Paris” não é uma questão material, uma vez que são trens diferentes que fazem esse itinerário. A mesma coisa pode-se dizer da rua. Ele então diz que a rua se identifica pela sua colocação em relação as outras ruas, da mesma forma o trem é identificado pelo seu itinerário e horário em relação aos outros itinerários. Assim, temos nos exemplos dados, como frisa o próprio Saussure, uma parte psíquica, que nos permite apreender uma entidade além da matéria, e uma parte material, uma vez que é na materialidade que se concebem esses fenômenos. Concluirá ele que “Sempre que se realizem as mesmas condições obtém-se as mesmas entidades. E, no entanto, *estas não são abstratas, pois uma rua ou um expresso não se concebem fora de sua realização material*” (CLG, p. 126, grifos nossos).

Saussure reafirma que as entidades da língua não são abstratas, apesar de psíquicas, pois assim como o expresso e a rua, a língua se manifesta na materialidade (cadeia fônica). No entanto, nos parecem bem evidentes as dificuldades teóricas que o autor precisa enfrentar, precisamente em função do que chama de “caráter estranho e surpreendente da língua”, isto é, de “não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista” (CLG, p. 124).

Em relação à realidade sincrônica, Saussure explana os problemas das classificações das palavras em substantivos, adjetivos etc., evidenciando que esses conceitos, muitas vezes, são estranhos à língua. No exemplo da língua francesa “*ces gants sont bon marché*” (estas luvas são baratas), o linguista nos mostra a difícil tarefa de classificar a expressão em destaque, uma vez que ela não se comporta como adjetivo, não pode, portanto, ser classificada como tal. Sua

repartição em “*bom*”, como adjetivo, e “*marché*”, como substantivo, seria não menos confusa. Assim como o método para se chegar à unidade, expresso pelo esquema antes apresentado (figura 4), este método de classificação também estaria mais voltado para o extralinguístico. Saussure dirá que “a distinção das palavras em substantivos, verbos, adjetivos etc., não é uma realidade linguística inegável” (CLG, p. 127).

O problema dessas classificações das partes do discurso para se chegar a uma realidade sincrônica é que elas, muitas vezes, não correspondem com o que acontece no *Sistema*. Saussure não está querendo dizer que as classificações como verbo, adjetivo, substantivo, etc. sejam desnecessárias, mas dado que as entidades da língua não se apresentam de antemão para a observação do linguista, ele não pode partir de uma classificação baseada nas partes do discurso, por mais difícil que seja, ele precisa buscar essas entidades da língua: “[...] se procurarmos apreendê-las, tomaremos contato com o real; partindo daí, poder-se-ão elaborar todas as classificações de que tem necessidade a Linguística para ordenar os fatos de sua competência” (CLG, p. 127).

A última noção apresentada, a de valores, segundo Saussure, não difere em sua essência daquilo que fora apresentado antes, a saber, realidades e identidades. A noção de *Valor* será apresentada numa das clássicas metáforas do jogo de xadrez. O autor do CLG postula que uma peça qualquer do jogo, como o cavalo, não tem *Valor* algum fora do tabuleiro, fora das condições que lhe permitem agir dentro do sistema do jogo, ou seja, para o jogador essa peça não está revestida de seu *Valor* quando fora do contexto da partida de xadrez. Temos até aqui uma excelente definição do que é um *Valor*, mas Saussure não para por aí, ele quer levar seu leitor até o âmago do que propõe, então faz a seguinte suposição:

Suponhamos que, no decorrer de uma partida, essa peça venha a ser destruída ou extraviada: pode-se substituí-la por outra equivalente? Decerto: *não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica*, contanto que se lhe atribua o mesmo valor. (CLG, p. 128, grifos nossos).

Como pudemos ver, qualquer peça poderia substituir a peça perdida desde que lhe atribuíssem o mesmo valor. Destacamos uma parte do trecho acima, no qual se evidencia o que o mestre genebrino falara anteriormente, isto é, que realidades, identidades e valores não diferiam em sua essência. Sobre este postulado de Saussure que destacamos, também podemos, por ele, apreender melhor o problema das classificações exposto acima. Retomando o exemplo de uma sentença como “*ces gants sont bon marché*” (estas luvas são baratas) vemos que a expressão evidenciada, apesar de ser desprovida de qualquer “aparência” com um adjetivo, assume o seu *Valor* dentro do jogo da língua. Notemos que não se trata de uma realidade, mas

de um *Valor*. Devido a isso, Saussure afirmará que “[...] a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidades” (CLG, p. 128).

Ao discutir esta passagem do CLG, Normand (2009, p. 79) dirá que “o termo unidade – que implica sempre a possibilidade de isolar elementos – e ao termo entidade – que denota uma interrogação filosófica – preferir-se-á, pois, valor, que supõe a existência de uma relação”.

Refletindo sobre essa colocação da autora, não é difícil compreender que a noção de *Valor* tenha sido escolhida por Saussure como o modo, por excelência, de se abordar a língua. Este, dirá ele, é “a nosso ver, seu aspecto primordial” (CLG, p. 129).

As outras noções pressupunham sempre um isolamento das unidades da língua, enquanto que *Valor* pressupõe relações de oposição. Normand (2009, p. 77) explica que:

Para compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser apreendidas senão em suas relações com outras, que elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações.

Para um linguista que tenha uma visão da língua como um *Sistema*, querer isolar as unidades é algo complicado, pois para que o *Sistema* funcione cada elemento precisa do outro, há uma relação constante e um se define pelo outro, portanto, a noção de *Valor* permitirá ao linguista estudar os fatos da língua sem ignorar o *Sistema*, pois os valores só se estabelecem pelo e no *Sistema*. Saussure, então apresentará ao seu leitor, ainda mais profundamente essa noção do que é *Valor Linguístico*.

### 3.2 O Valor Linguístico

Saussure abrirá o capítulo IV da segunda parte do CLG dizendo que “[...] a língua não pode ser senão um sistema de valores puros [...]” (CLG, p. 130). Notemos o caminhar da reflexão saussuriana. Ele não fala mais em *Sistema* de *Signos*, mas de valores. Esses valores, considerando a língua como um produto social, são definidos pela coletividade. Afirma, ainda, que a única razão de ser desses valores “está no uso e no consenso” (CLG, p. 132). Se pensarmos no exemplo dado por Saussure, da peça de xadrez que se extraviou e que pode ser substituída por qualquer outra coisa, nós podemos compreender bem a necessidade da coletividade para que os valores sejam definidos. No caso de se colocar um outro objeto para ocupar o lugar da peça cavalo no jogo, é necessário que haja um consenso entre os dois jogadores que, naquela partida, tal objeto terá o *Valor* do cavalo. O *Valor* não pode ser definido individualmente: “o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (CLG, p. 132).

O problema discutido no tópico anterior, da impossibilidade de partir da unidade para se definir o *Sistema*, é retomado pelo linguista genebrino. Ele afirmará que “[...] cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (CLG, p. 132). Ou seja, o caminho inverso do que se pretendia fazer com a delimitação das unidades como visto anteriormente, o que parece explicar o que destacamos como uma oscilação problemática entre termos como *Signo* e *palavra*; língua e cadeia falada. Cabe ainda dizer que observar essa totalidade solidária, é exatamente chegar aos valores linguísticos no *Sistema*.

Saussure passará então a uma análise do *Valor* quanto ao seu aspecto conceitual, material e na totalidade do *Signo*.

### 3.2.1 Aspecto Conceitual

Provavelmente, dos três aspectos que Saussure vai abordar quanto ao *Valor*, este é o mais complicado, obscuro, de difícil apreensão. Isto acontece pelo fato de ele contrapor a noção de *Valor* à de *Significação*. A finalidade disto era comprovar que uma era bem diferente da outra, no entanto, a relação não se esclareceu e deixou outras dúvidas como, por exemplo, a relação entre *Significação* e *Significado*. Apresentaremos aqui a discussão empreendida por Saussure, mas ressaltamos que retomaremos, mais à frente, o termo *Significação* em um tópico dedicado a sua reflexão.

O *Valor*, segundo Saussure, possui, como um de seus aspectos, a propriedade de representar uma *Ideia* e é este um dos pontos que o fazem se confundir com a *Significação*. Contudo, eles não são sinônimos. *Valor* e *Significação* são elementos diferentes da linguagem.

O que Saussure faz não é dar uma definição conceitual do que seria *Valor* e do que seria *Significação*, mas sim caracterizá-los em relação ao *Sistema*. Ele dirá que “O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta [a significação] se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência” (CLG, p. 133, comentário nosso). Nesta afirmação temos duas importantes informações: o *Valor* é um elemento da *Significação* e a *Significação* é dependente do *Valor*.

Micaela Pafume Coelho (2013, p. 4, destaques e grifos da autora), em seu artigo *Significação em Saussure*, tendo como *corpus* três manuscritos dos alunos do mestre genebrino, faz uma observação interessante sobre o trecho do CLG apresentado acima:

Ora, a frase ‘apesar de estar sob sua dependência’ apresenta sujeito oculto. Assim, embora a sentença anterior tenha como sujeito o pronome ‘esta’ (é difícil saber **como esta se distingue dele**), que se refere à significação, o

verbo infinitivo ‘estar’ pode se referir também ao complemento dessa mesma frase, ou seja, ‘dele’, que se refere ao valor. Desse modo, há a possibilidade de interpretarmos tanto que é a significação que depende do valor, como também que é o valor que depende da significação.

Essa reflexão de Coelho (2013) marcaria uma relação diferente entre *Valor* e *Significação*, no entanto, estabelecer esta relação pelo trecho em questão seria algo muito vago. A própria autora, no decorrer de sua discussão, concluirá que “[...] a significação é apresentada como intrinsecamente depende do valor, visto que sem as relações de valor ela não existiria” (2013, p. 5). Contudo, termina sua reflexão dizendo entender que “não seja possível afirmar categoricamente o posicionamento de Saussure no que a concerne” (COELHO, 2013, p. 5).

Saussure prossegue então expondo o que seria *Significação* e diz que ela “não é mais que a contraparte da imagem auditiva” (CLG, p. 133). Por essa afirmação de Saussure, poderíamos acrescentar a *Significação* ao *hall* de termos que ele se utiliza para designar a contraparte do *Significante*: *Ideia*, *Conceito*, *Significado* e até *Sentido*, como pudemos ver na seção precedente. No entanto, nada é tão fácil quando se trata de Saussure.

Ele tomará duas figuras para ilustrar sua reflexão, sendo que a primeira é o modo com que comumente se representava o *Signo* e a segunda seria sua própria representação do *Signo*, uma vez que já acolhe os seus termos privilegiados: *Significado* e *Significante*.

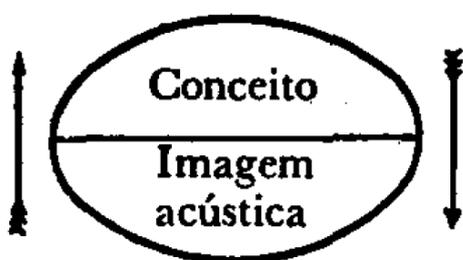


FIGURA 5 (CLG, p. 80)



FIGURA 6 (CLG, p. 133)

Notemos que apesar de Saussure trazer essas imagens como uma maneira de ilustrar o que argumenta, isto é, que a *Significação* é a contraparte da imagem auditiva, nenhuma das figuras, tanto a que era de uso comum, quanto a que ele propôs, contém o termo em questão.

Após esse comentário, Saussure vai dar a entender que a *Significação* não é o *Significado*, mas a relação entre este e o *Significante*: “Tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da *palavra* considerada como um domínio fechado existente por si próprio” (CLG, p. 133, grifo nosso). A *Significação* aqui parece não corresponder ao *Sistema*, como é o caso do *Valor*, mas aos limites do *Signo* em si, embora, como destacamos, o termo *palavra* surge em seu lugar. Isto parece ficar ainda mais evidente quando Saussure diz que “de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo,

e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua” (CLG, p. 133, grifos nossos).

Ao mesmo tempo em que parece colocar *Significação* como sinônimo de *Significado/Conceito*, ele parece também sugerir, que ela, de fato, é o laço, a relação entre *Significado* e *Significante* na instância do *Signo*, tal qual é o *Valor* no *Sistema*. Daí poderíamos entender o porquê de *Valor* se confundir com *Significação*, uma vez que estes termos exercem funções semelhantes em instâncias diferentes.

Normand também vai concordar que *Significação* designa a relação entre as partes do *Signo*. Ela diz, em relação ao esquema acima representado que: “[...] designa-se geralmente essa ligação com o termo **significação**” (NORMAND, 2009, p. 159, grifo da autora). Embora, ela, assim como outros autores, concluirá que não se pode apreender essa relação diretamente na discussão de Saussure.

Continuando na reflexão, ele passa a explicar que no *Sistema* “todos os termos são solidários e o *Valor* de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (CLG, p. 133). Então, para demonstrar a relação de valores, ele apresenta o seguinte esquema:

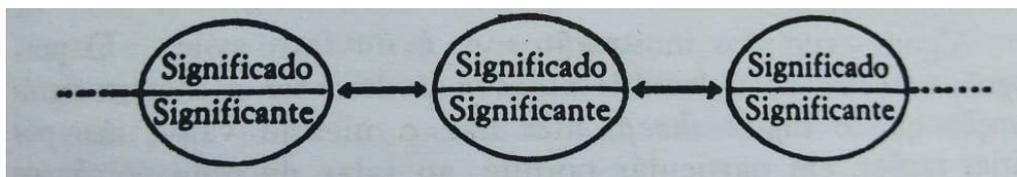


FIGURA 7 (CLG, p. 133)

O mestre genebrino então esclarece que *Significação* e *Valor* não podem se confundir, uma vez que as relações que elas estabelecem são completamente diferentes. Enquanto o primeiro termo se situa em um *Signo* isolado, o segundo se estabelece na relação solidária entre os *Signos* no *Sistema*, por isso que a língua é um *Sistema* de valores, e também podemos apreender disto que a *Significação* é completamente dependente do *Valor*, pois o *Signo* isolado não terá *Significação* alguma, ela só se manifesta no *Sistema* e para isso, precisa necessariamente estar submetida ao *Valor*.

Os valores, dirá Saussure, mesmo fora da língua, possuem características paradoxais, pois são compostos por algo dessemelhante e por coisas semelhantes. E esses fatores são absolutamente “necessários para a existência de um valor” (CLG, p. 134). Temos então o exemplo de uma moeda (Saussure utiliza no exemplo a de seu país, mas vamos usar aqui nossa moeda) de cinquenta centavos, que pode ser trocada por algo diferente (balas, chicletes, etc.) – isto é, por algo dessemelhante –, mas também podemos compará-la as outras moedas do nosso

sistema monetário (um real, dez centavos, etc.) – estas são as coisas semelhantes. Podemos comparar esta situação com a língua. Saussure explica que:

Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser ‘trocada’ por este ou aquele conceito, isto é, que tem essa ou aquela significação [...]. (CLG, p. 134).

Para exemplificar isso, ele trará como exemplo as palavras “carneiro” do português e “*mouton*” do Francês e diz que elas podem ter a mesma *Significação* da palavra inglesa “*sheep*”, mas não o mesmo *Valor*, isto porque no caso da língua inglesa, quando se fala de uma carne de carneiro, por exemplo, usa-se “*mutton*” e não “*sheep*”. Uma vez que na língua inglesa há um termo que se coloca ao lado de “*sheep*”, este não possui o mesmo valor que “carneiro” tem para o português ou “*mouton*” para o francês, pois ambas não possuem um termo que se oponha a esse. Assim conclui ele que:

[...] o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor: *línguas há em que é impossível dizer ‘sentar-se ao sol’*. (CLG, p. 135, destaques do autor e grifos nossos em itálico).

O trecho destacado deixa evidente que o *Valor* é que vai estabelecer o que se é possível dizer, ou melhor, como é possível dizer. É importante notar o fato de Saussure admitir que “carneiro” e “*mouton*” podem ter a mesma *Significação* que “*sheep*”, pois isto nos remete ao que Hjelmslev propõe quanto a uma zona de *Sentido*, a um *Sentido* como fator comum entre as línguas. Seria nessa passagem *Significação* sinônimo de *Sentido*? Essa questão vem pelo fato de, neste momento, Saussure falar de uma *Significação* não isolada no *Signo*, mas que pode ser partilhada entre línguas diferentes. Prossigamos na reflexão.

A noção de *Valor* vai se refinando cada vez mais. Conforme nos explica Saussure, ela é puramente diferencial, ou seja, não é definida pelo que é e sim pelo que não é. O mestre genebrino dirá explicitamente, quanto aos valores, que “Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (CLG, p. 136).

Encerrará a discussão do *Valor* em seu aspecto conceitual apresentando mais um esquema que, segundo ele, seria a interpretação real do esquema do *Signo*:



FIGURA 8 (CLG, p. 136)

A figura 8 mostra que o conceito “julgar” está unido à imagem acústica “julgar” e essa união desses dois termos, tal qual expresso na figura, simboliza a *Significação*. Vejam que mais uma vez Saussure ratifica que a relação entre os termos é a *Significação*. Não obstante, reafirma que essa relação não é o objeto primeiro da linguística, pois, dirá ele:

[...] quando me ateno a associação da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma ideia da realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude. (CLG, p. 136)

Assim ele deixa evidente que a *Significação*, como percebida por ele, não ocupa um lugar de destaque nos estudos da língua, ao menos se se pretende chegar à essência e à amplitude dos fatos linguísticos.

### 3.2.2 Aspecto Material do Valor

Na questão do aspecto material do *Valor*, Saussure vai enfatizar que, do mesmo modo que em seu aspecto conceitual, os valores se constituem pelas diferenças nas relações que estabelecem no *Sistema*, isto se sucederá quanto ao som: “O que importa na palavra não é o som em si, *mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras*, pois são elas que levam a significação” (CLG, p. 137, grifos nossos).

Assim, em seu aspecto material, o *Valor* é estabelecido pelas diferenças fônicas. Se tomarmos como exemplo uma palavra da língua portuguesa como “tia” não importará se no início da palavra, eu a pronunciar com uma oclusiva alveolar surda [t] ou uma africada [tʃ], mas sim que eu não coloque neste lugar um outro fonema como [d], pois com isto eu teria outra palavra, no caso, “dia”. Então o *Sistema* de valores no aspecto material está centrado naquilo que é diferencial, naquilo que é distintivo na cadeia fônica.

Saussure prossegue dizendo que o som não é um elemento da língua, mas apenas um suporte, uma *Substância*: “Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte” (CLG, p. 137). Saussure trará, então, novamente, o exemplo da moeda, dizendo que não é o metal que lhe fixa o valor, mas as diferenças com as outras moedas do sistema monetário. Está lógica, afirmará o mestre genebrino, é ainda mais verdadeira quanto ao *Significante*, pois “[...] em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por uma substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (CLG, p. 138). Outro exemplo interessante que Saussure trará, para fortalecer sua afirmação, vem da escrita. A letra “t” pode variar em sua escrita, desde que: “[...] este signo não se confunda em sua escrita, com o do **l**, do **d** etc. [...]” (CLG, p. 139, grifos do autor). Com isto, Saussure conclui que o suporte material não é o fator principal, mas sim o *Valor* que esse material assume no *Sistema*, tornando-se “[...] antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (CLG, p. 138).

### 3.2.3 O Signo em sua totalidade

Podemos iniciar este tópico esclarecendo que o *Signo* em sua totalidade não é nada menos que o *Valor*. A cada passo vemos que um termo vai aos poucos substituindo o outro, e, apesar de Saussure ainda utilizar os dois, só o termo *Valor* comporta a dimensão, a essência do entendimento que ele tem de *Sistema* e, conseqüentemente, da composição desse *Sistema*.

Saussure afirma, sobre aquilo que disse anteriormente, que “Tudo o que precede equivale a dizer que **na língua só existem diferenças**” (CLG, p. 139, grifos do autor). Na realidade a língua, para o mestre genebrino, não comporta nada além disso. Não há *Ideias* nem sons preexistentes. Esta constatação de Saussure torna um tanto quanto injusta a crítica de Hjelmslev de que suas afirmações pressupunham uma preexistência da matéria.

Ao argumentar sobre o fato de que o que o *Signo* comporta de material é menos importante do que o que há em seu redor, Saussure faz uma afirmação que retoma uma constatação nossa, feita na seção anterior: “[...] o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação” (CLG, p. 139, grifos nossos).

No trecho, mais especificamente na parte destacada, Saussure toma novamente o *Sentido* como a parte material do *Significado*. Constatamos isso pelo paralelismo *sentido/som*.

No entanto, um pouco antes o termo *Ideia* ocupara o mesmo lugar que neste trecho ocupa o *Sentido*, sendo que ambos pareciam designar a parte material do *Significado* e não se alternar com ele.

Outro fato interessante a se destacar é que, embora Saussure defina a língua como um *Sistema* onde só existem diferenças, isto é, onde todo elemento é definido por sua oposição aos outros, ele dirá que também comporta a língua coisas positivas, e isto acontece exatamente na instância do *Signo*, ou seja, o *Signo* em sua totalidade é uma relação positiva. Enquanto pensado no *Sistema*, só há oposições, mas se pensarmos o *Signo* na relação entre suas partes, em sua totalidade ele é positivo e não o contrário.

É importante lembrar que Saussure deu a entender que essa relação entre as partes do *Signo* seria a *Significação*. Seria ela então definida pela positividade, diferentemente do valor? Se pensarmos no exemplo dado pelo próprio Saussure das palavras “carneiro”, “*mouton*” e “*sheep*” podemos deduzir que sim, uma vez que essas palavras podem, em relação a sua *Significação*<sup>11</sup>, ser a mesma coisa, isto é significar o mesmo, embora possuam valores diferentes. E aqui voltamos para a questão da tradução: o fato da *Significação* ser algo positivo, o fato de as línguas poderem compartilhar a mesma *Significação*, não é o que nos permite traduzir textos? Essa é uma questão importante. Tentaremos esclarecê-la no próximo tópico.

### 3.3 A Significação

Deixamos por último um dos mais obscuros termos da obra saussuriana. Como já havíamos dito, dedicamos um tópico a parte para este termo que possui uma relação estreita com o *Sentido*.

Claudine Normand fará uma observação muito pertinente para iniciarmos a discussão sobre a *Significação*: “os termos **sentido** e **significação** alternam-se sem que se possa, tanto no CLG como nos manuscritos, encontrar uma diferença entre eles” (2009, p. 157, grifos da autora).

À sua opinião, Normand acrescenta que os próprios editores do CLG discordam sobre essa questão. Isso é corroborado por Pétróff (2007) que traz em sua obra as afirmações dos editores. Secheyne (*apud* PÉTROFF, 2007, p. 214) diz: “Je crois avoir bien interprété cette énigme: signification et sens sont synonymes et ce qui entoure doit vouloir dire l’occasion, le

---

<sup>11</sup> A *Positividade* da língua expressa na *Significação* é um tema bem complexo. Voltaremos a ele, de modo mais aprofundado, na próxima seção.

contexte, et non les rapports qui établissent la valeur comme on pourrait le croire<sup>12</sup>”. Já Bally (*apud* PÉTROFF, 2007, p. 214) dirá: “En fait, de Saussure n’a jamais défini la signification<sup>13</sup>”.

A discordância dos editores deixa claro que o trabalho mais famoso de Saussure deixa margem para que algumas interpretações de seu pensamento sejam levantadas, uma vez que no CLG essas questões não estão fechadas. Na realidade, ler Saussure é de certo modo um trabalho exegético, pois, em algumas questões, o pai da linguística moderna só existe devido a uma interpretação específica. Pétróff (2007, p. 214) dará também sua interpretação à medida que comenta as afirmações contraditórias dos editores:

Si la signification n’a jamais été définie dans les cours, *c’est que ce terme est à prendre dans son sens courant tout simplement*, connaissant la constante attention de Saussure à ne jamais laisser la moindre ambiguïté s’installer dans ses définitions. *La signification renvoie au discours, au sens du discours* et Sechehaye a raison de tenir ces deux termes pour synonymes. L’énigme, *c’est bien que signification et valeur se confrontent et se distinguent à la fois*<sup>14</sup>. (Grifos nossos).

Para Pétróff, Sechehaye estava certo em ter *Significação* e *Sentido* como sinônimos e se, no CLG, não está claro a definição do primeiro termo é pelo fato de, considerando o esforço de Saussure em não deixar termos ambíguos<sup>15</sup>, este termo dever ser tomado na acepção comum. Sendo assim, Pétróff considera que *Significação* está intrinsecamente ligada ao discurso. Quanto a última parte de sua colocação, destacada por nós, confirma a posição que assumimos anteriormente, a saber, de que *significação* e *Valor* compartilham funções semelhantes em instâncias diferentes, essa função semelhante faz com que os termos se confundam, mas ao mesmo tempo se diferenciem, pois, o resultado das operações são diversos em um e em outro.

Em relação à afirmação de Sechehaye, a qual tem a anuência de Pétróff, de que *Significação* e *Sentido* são sinônimos, iremos refletir ao longo desta subseção de nosso trabalho. Nas próximas linhas discutiremos a *Significação* tomando como ponto de partida a leitura de Émile Benveniste, a partir do capítulo quinze de sua obra *Problemas de Linguística Geral II*, de agora em diante PLG II. O capítulo em questão intitula-se *A Forma e o Sentido na*

---

<sup>12</sup> “Eu creio ter interpretado bem este enigma: significação e sentido são sinônimos e o que o rodeia deve querer dizer a ocasião, o contexto, e não as relações que estabelecem o valor, como se poderia crer”. (Tradução nossa).

<sup>13</sup> “De fato, Saussure jamais definiu a significação”. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> “Se a significação jamais foi definida nos cursos é porque este termo deve ser tomado, simplesmente, em seu sentido comum, conhecendo a constante atenção de Saussure em nunca deixar a menor ambiguidade se instalar em suas definições. A significação refere-se ao discurso, ao sentido do discurso e Sechehaye tem razão de esses dois termos por sinônimos. O enigma, é que significação e valor se confundem e se distinguem a uma só vez”. (Tradução nossa).

<sup>15</sup> Cabe salientar que não concordamos com Pétróff quanto ao esforço de Saussure em não deixar termos ambíguos. Isto acontece em diversas partes de sua obra, tanto no CLG quanto nos manuscritos. Para trazermos apenas um exemplo, podemos tomar o termo principal deste trabalho, o *Sentido*. Ele aparece, no escopo saussuriano, com mais de uma acepção, sem nenhum tipo de alerta por parte de Saussure.

*Linguagem*. Esperamos com isso nos aprofundar mais em Saussure, de quem Benveniste é um continuador.

### 3.3.1 A Significação e o Sentido em Benveniste

Benveniste (1989) inicia sua discussão esclarecendo que a *Significação* foi colocada de lado por muitos linguistas como sendo um puro “mentalismo”. É o caso do linguista americano Leonard Bloomfield, baluarte dos estudos linguísticos norte-americanos. Essa qualificação dada a *Significação*, isto é, de “mentalismo”:

[...] equivale a rejeitá-la como marca (sic) pelo subjetivismo, escapando à competência do linguista. É dos psicólogos e dos psico-fisiólogos que se espera, pensa-se, alguma luz sobre a natureza e sobre o funcionamento do sentido na língua, o linguista não se ocupando senão do que pode ser apreendido, estudado, analisado [...]. (BENVENISTE, 1989, p. 221).

Para Benveniste, a *Significação* não pode ser relegada a outros territórios de estudo, para que eles digam aos linguistas como, de fato, a língua funciona. Ela está no cerne das questões linguísticas e podemos percebê-la desde cedo pela oposição: *Sentido (Significação)* e *Forma*. Então ele definirá os dois termos da seguinte maneira:

[...] o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como *conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores*; e a forma é, do ponto de vista linguístico (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos), ou *a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído* ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante. (BENVENISTE, 1989, p. 222, grifos nossos).

Na definição do primeiro termo, vemos que Benveniste fala do *Sentido* como “conjunto de procedimentos” e liga-o à comunicação, isto é, à instância do discurso. Já a *Forma* se aproxima um pouco do que disse Hjelmslev, quando este diz que ausência de *Sentido* não é ausência de conteúdo, ou seja, a *Forma* do conteúdo contém uma informação semântica, ainda que esta não seja lógica, como bem demonstramos anteriormente. O que o linguista parisiense quer enfatizar é que a *Significação* não está fora do horizonte do linguista.

Depois de citar os estudos da *Significação* tomados de um ponto de vista lógico, a partir de trabalhos como o de Carnap e de Quine, que partem de uma definição desse conceito por si só, Benveniste revela que vai, no decurso de sua reflexão, buscar particularizar este termo, mas de um ponto de vista que lhe é particular.

Benveniste inicia então seu empreendimento fazendo uma aproximação com Saussure ao reconhecer que a língua é um *Sistema de Signos*, no entanto, ele não pretende parar em

Saussure, ele quer ir além: “Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1989, p. 224). O *Signo*, segundo Benveniste, é manipulado de maneira ingênua por muitos linguistas, sem que esses percebam que falar em *Signo*, ao menos do ponto de vista saussuriano, é admitir que ele existe enquanto unidade e enquanto dependente de um *Sistema*, tal qual expressamos no tópico em que tratamos do *Valor linguístico*.

A preocupação que Saussure teve quanto às unidades, tão necessárias a maior parte das ciências, é partilhada por Benveniste. Este, assim como aquele, faz um *tours* pelas outras ciências para compará-las com a linguística, vendo como elas têm em evidência suas unidades no mundo físico. Igualmente ao mestre genebrino, Benveniste concluirá que só se chega às unidades da língua observando as relações que se constituem dentro do *Sistema*. Conquanto, ele vai falar de uma unidade particular, o *Signo*, afirmando que este:

[...] tem por critério um limite inferior: este limite é o da **significação**; *não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação*. A unidade, diremos nós, será a entidade livre, mínima em sua ordem, *não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre*. É então signo a unidade assim definida, dependente da consideração semiótica da língua. (BENVENISTE, 1989, p. 225, grifo do autor em negrito e nossos em itálico).

Benveniste passa então a falar das partes que constituem o *Signo*, a saber, *Significado* e *Significante*. Quanto ao último, ele repetirá com Saussure que o que vai importar não são os sons, mas sim as características distintivas e funcionais de determinados fonemas da língua. No entanto, ele introduz uma expressão nova: “estrutura formal do significante” e afirma que nem os sons, nem os fonemas tomam parte diretamente no *Signo*. Os fonemas são apenas o inventário que cada língua possui. Entre o *Significante* e os fonemas, há essa tal estrutura do *Significante*, na qual são definidos dentro de uma relação distintiva e funcional os lugares que podem ser ocupados nela. Por exemplo, no português [m] e [s] são, em boa parte das vezes, uma marca de plural em se tratando dos verbos, não se é admitido que um fonema qualquer, como [k], ocupe o lugar de outro que tenha a função distintiva de marcar o plural. Considerando isso, Benveniste em sua proposta (de uma estrutura formal) visa uma análise linguística, que se coloca num plano diferente da fonologia.

Em relação ao primeiro termo, *Significado*, Benveniste dirá, tal qual Saussure, que não se pode definir o *Signo* por ele mesmo, mas unicamente dentro do *Sistema*: “Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos” (BENVENISTE, 1989, p. 227). Para o linguista parisiense, quando estamos falando do *Sistema*, a pergunta deve ser: Isto significa ou não? Para exemplificar ele

diz que podemos perguntar: Chapéu existe? E Chaméu? A resposta à primeira pergunta é sim e à segunda é não. Entendemos com isso que, para Benveniste, quando se fala em *Sistema*, a *Significação* depende do que existe nele, ou melhor das oposições deste *Sistema*. Em algumas comunidades linguísticas “chapéu” e “boné” podem ter o mesmo *Valor*, se um termo desaparece, como nos diz Saussure, o outro herdará suas características. Pensando nisso, tomemos o exemplo de Benveniste, “chaméu”, este não se relaciona com os outros termos da língua, sendo assim não possui *Valor* e, conseqüentemente, *Significação*. Os dois primeiros termos (chapéu e boné) tomados separadamente significam alguma coisa, mas o último (chaméu) não existe e, portanto, não significa. Benveniste conclui dizendo que é no uso da língua que um *Signo* tem existência e que fora do uso não possui existência, pois “Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua [...]” (BENVENISTE, 1989, p. 227).

Dessa reflexão, ele descreve três conseqüências, duas das quais destacamos aqui, em relação ao estudo da língua enquanto *Sistema* e dos *Signos*: i) este não se ocupa das relações língua/mundo, *Signo/coisas* e ii) o *Signo* não admite *Significado* particular, deve-se, pois, excluir tudo o que é individual e as situações circunstanciais. Por fim, ele vai dizer que os *Signos* devem ser estudados de um ponto de vista paradigmático:

Enfim, deve ser entendido que os signos se dispõem sempre e somente em relação dita paradigmática. Deve-se incluir, então, na semiologia as diversas outras categorias de signos, os modelos e os esquemas segundo os quais os signos se engendram e se organizam: os paradigmas, em seu sentido tradicional. (BENVENISTE, 1989, p. 228).

Trataremos a noção de paradigma, bem como a de sintagma, mais à frente. Por enquanto, passemos a uma segunda formulação de Benveniste. Após esclarecer o que é o *Signo* e a sua análise num sistema semiótico, ele vai apresentar uma inovação ao tratar da frase e, neste ponto, fará questão de frisar que passa a instaurar uma divisão na língua completamente diferente da proposta por Saussure.

Benveniste propõe dividir a língua em dois domínios diferentes: o do *Signo*, denominado domínio semiótico e da frase denominado domínio semântico. Ambos os domínios partilham dos mesmos elementos, isto é, *Sentido* e *Forma*, contudo dotados de funções diferentes. Para se ter uma noção da grande diferença entre esses domínios vejamos a descrição que ele faz do domínio semântico, dizendo que com este podemos ver na língua:

[...] sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando,

constrangendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. (BENVENISTE, 1989, p. 229, grifos nossos).

Se observarmos apenas a parte da citação que destacamos, poderemos ver que no domínio semântico se admite tudo o que não é permitido no domínio semiótico, a saber, em resumo, a relação língua/mundo. O próprio Benveniste dirá que, de um domínio a outro, há uma mudança radical de perspectiva. Enquanto no domínio semiótico, temos o *Signo* por unidade, no semântico, temos a frase e, em sua análise, a intenção do locutor é essencial, ou seja, o individual ganha uma importância que não acha espaço no domínio oposto. Ele prossegue esmiuçando as diferenças entre o *Signo* e a frase:

O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação do discurso e à atitude do locutor. (BENVENISTE, 1989, p. 230).

Conclui, então, que o *Sentido*, do ponto de vista do domínio semântico, se realiza pelas formas sintagmáticas. Ele estabelece então uma dicotomia: de um lado, no domínio semiótico, há substituição pelo paradigma; do outro, no domínio semântico, há a conexão pelo sintagma.

Por fim, Benveniste dirá que essa separação entre domínios pode esclarecer, por exemplo, o fato de poder haver tradução entre as línguas. Segundo ele:

Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de outra língua, ‘salva veritate’, é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico. (BENVENISTE, 1989, p. 233, destaque do autor).

É interessante notarmos como cada autor vai delineando sua reflexão para explicar como línguas diferentes podem compartilhar *Sentidos*, ainda que expressos de modo diferente. Enquanto Hjelmslev fala de uma zona de *Sentido* comum às línguas, Benveniste fala de situações do discurso, circunstâncias da comunicação, ideias que se formam na instância do aqui e agora e que se deixam apreender por línguas diferentes. Aquilo que é da ordem do semiótico não pode ser traduzido, e nisto Benveniste está alinhado com Saussure, pois há valores diferentes para *Sistemas* diferentes, mas a *Significação* pode ser partilhada e Saussure, como dissemos mais acima, não parece desautorizar esse postulado.

Então temos que, resumindo a reflexão de Benveniste, para ele *Significação* e *Sentido* são sinônimos, uma vez que ele usa as duas indiscriminadamente, embora pareça preferir o termo *Sentido* quando se refere ao domínio semântico. A *Significação* no domínio semiótico, está condicionada às relações de cunho paradigmático; e não possui relações com o mundo, isto

é, aquilo que é extralinguístico não lhe diz respeito. Já no domínio semântico, a *Significação/Sentido* se constrói a partir de fatores diversos como situação, intenção, etc., e isto acontece numa cadeia sintagmática de relações.

A reflexão de Benveniste parece encontrar um certo apoio de Saussure se observamos os esquemas apresentados por este. O esquema do *Signo* (figura 8) com suas flechas em sentido vertical corroboram com Benveniste: os signos se dispõem numa relação paradigmática. Já o esquema do *Valor* (figura 7) poderia ser tomado para se entender a frase no domínio semântico? Sabemos que ambos os esquemas de Saussure se destinavam à língua enquanto *Sistema* que possui ordem própria, isto é, que é independente do que lhe é externo. Vejamos, então, o que Saussure postula a partir das chamadas relações sintagmáticas e associativas.

Saussure explica que a relação sintagmática acontece *in praesentia*, isto é, na instância do discurso, quando dois ou mais termos se encadeiam de modo linear. Neste caso, um termo adquire seu valor “porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (CLG, p. 142). Já a relação associativa acontece *in absentia*, pois acontece fora do discurso “numa série mnemônica virtual” (CLG, p. 142).

Para entendermos melhor as relações associativas, observemos o exemplo do português, oferecido pelo tradutor do CLG. À palavra “ensinamento” fazemos associações mentais com “educação”, “aprendizagem” – palavras de uma mesma zona de *Sentido* (usando uma expressão hjelmsleviana), mas também podemos fazer associações a partir do sufixo, então a conectaremos a palavras como “armamento” ou “desfiguramento”, “lento” e assim por diante. Ao contrário do que acontece na cadeia sintagmática, as relações associativas não se dão de modo linear; na mente se formam grupos de relações diversas sem uma ordem específica.

Saussure objetará que o sintagma pertença à instância da fala pelo fato de ser a frase o seu tipo por excelência. Para ele, o fato de que haja liberdade na fala, uma vez que a subjetividade é a marca primordial desta, não quer dizer que as relações sintagmáticas sejam submissas a ela. Na realidade, ainda que na instância da fala, a liberdade não é total, há que se respeitar formas fixadas na língua.

Normand (2009, p. 164) discorre um pouco sobre essa questão e diz que a liberdade no ato de fala:

[...] é bastante relativa (Saussure a qualifica uma vez como uma ‘carta forçada’); ela não chega a permitir, na maioria dos casos, que se mude a ordem dos elementos em uma combinação, nem mesmo o lugar do prefixo [...]. No lugar dessa liberdade ilusória, que supõe a consciência, reconhecemos a atividade de criação e restauração de formas que vimos na operação da analogia [...].

Isso pode ser exemplificado com palavras de uma língua que se incorporam em outra. No caso da língua portuguesa, palavras como *xérox*, por exemplo, ao entrar em nosso *Sistema* recebem as terminações (no caso de serem tomadas como verbo) conforme o que já está estabelecido na língua. Assim nós damos origem a “xerocando”, “xerocado” etc. Ou mesmo quando se usa de neologismos, como o personagem de uma série famosa, que inventou o termo “pré-anoitecer” para designar o período entre a tarde e a noite. Embora ele seja livre para criar esse termo, ele teve que obedecer àquilo que a língua lhe dava como *possibilidade*. Podemos então concordar com Normand, de que a liberdade na fala é altamente relativa e Saussure deixa isso bem marcado.

Definido que o sintagma pertence primeiramente à língua, Saussure admitirá que existem fatos, relacionados à cadeia sintagmática, que pertencem à fala, sendo assim um pouco difícil discernir a linha tênue que separa os fatos de um e de outro: “Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, *porque ambos os fatores concorreram para produzi-la* e em proporções impossíveis de determinar” (CLG, p. 145, grifos nossos).

Esta colocação de Saussure, em especial, a parte que destacamos, torna os postulados de Benveniste ainda mais próximos dele, pois o que propõe o linguista parisiense, de que o *Sentido* se constitui na frase, numa ordem sintagmática, depende de fatores extralinguísticos. Saussure não descarta isso, mas frisa que tudo o que se constitui na instância da fala está sujeito à língua; e isto Benveniste não nega.

Outro fato importante é que a cadeia sintagmática não funciona sozinha. A língua é um *Sistema* de relações e precisa de seus dois eixos para que funcione plenamente. Saussure ilustra bem isso na figura abaixo:



FIGURA 9 (CLG, p. 150)

Na figura acima, temos a cadeia sintagmática e associativa funcionando simultaneamente. Isto justifica ainda mais o fato de Saussure trazer o sintagma para a instância da língua, pois, embora a cadeia associativa funcione *in absentia*, não significa que no momento do discurso ela não exerça sua função. Os eixos trabalham conjuntamente. Observando o esquema que ele mesmo criou, Saussure dirá que o termo “desfazer”: “não seria analisável se

outras formas contendo **des** ou **fazer** desaparecessem da língua; não seria mais que uma unidade simples e suas duas partes não poderiam mais opor-se uma à outra” (CLG, p. 150, grifos do autor).

Considerando o que foi dito até aqui, podemos concluir que Saussure afirma e reafirma por diversas vezes que a língua tem sua ordem própria, é independente de tudo o que está fora dela. Ela se define por uma relação de valores que se apresentam em ambos os eixos. Mesmo com todas essas definições, Saussure não nega que haja um *Sentido* que se constitui no momento do discurso<sup>16</sup>, e que, assim como ao longo do tempo as alterações fonéticas podem entrar no *Sistema*, assim também alterações de *Sentido* podem entrar no *Sistema*. Vale, no entanto, ressaltar que esse *Sentido* que afirmamos ser exterior à língua, não pode ser confundido com a contraparte do *Significante*, o *Significado*, muito menos com o *Valor*, pois estes pertencem à língua e é exatamente o que constitui sua ordem própria. É mister também enfatizar, que o *Sentido* que é exterior à língua é totalmente dependente do que acontece dentro dela, ou seja, dos valores que a língua estabelece.

Ousando mexer, ainda que bem pouco, em um dos esquemas de Saussure, a saber, o do circuito da fala, podemos pensar nessa questão a partir dele:

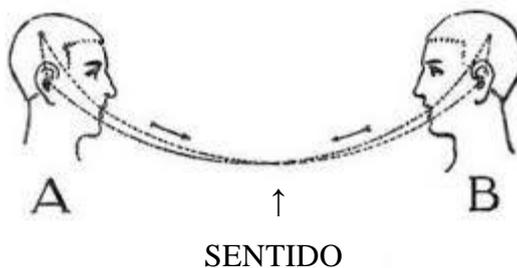


FIGURA 10 (CLG, p. 19)

Saussure usa o esquema para falar do lugar da língua. Ela está na mente dos falantes, como já vimos, ela não está completa em nenhum, mas é compartilhada pelos membros de uma mesma comunidade linguística. Para ele, os estudos linguísticos não se detêm neste ponto que marcamos com o termo *Sentido* e uma seta na vertical, mas na língua que se encontra na mente dos falantes. Contudo, como já dissemos, ele não exclui o fato de que haja um *Sentido* que se forme no momento do discurso, como marca a seta, apenas não o toma como seu objeto, uma vez que este é dependente do valor, e este sim, pertence à língua.

---

<sup>16</sup> Eis outra questão complexa! Pretendemos voltar a ela pela ótica da *Positividade*, considerando a instância da fala, que trabalharemos na próxima seção. Também, nas considerações finais retomaremos o *Sentido* proposto por Benveniste, buscando precisar como ele se relaciona com o *Sentido* enquanto *Substância* do *Significado*.

Para encerrar nossa discussão, queremos retornar a Benveniste. O capítulo de seu livro que abordamos aqui trata-se de uma palestra dada pelo linguista parisiense num evento ligado à filosofia. Ao final, alguns dos filósofos presentes fazem colocações e perguntas para o palestrante. Ao responder uma dessas perguntas, a saber: Como métodos totalmente diferentes de análise (um ligado ao domínio semiótico e outro ao semântico) podem se reunir no interior de uma mesma linguística? Benveniste vai sugerir que entre o signo e a frase deve haver duas linguísticas distintas. Ele diz:

Acho totalmente e altamente vantajoso, para a clarificação das noções pelas quais nos interessamos, que se avance por linguísticas diferentes, se elas devem, separadas, conquistar cada uma maior rigor, deixando para ver em seguida como elas podem se juntar e se articular. (BENVENISTE, 1989, p. 240).

Igualmente a Benveniste, Saussure proporá duas linguísticas, inclusive dedica um capítulo da introdução do CLG a isso. Ele dirá que:

O estudo da linguagem comporta [...] duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala [...]. (CLG, p. 27).

Essa outra linguística estava ligada sobretudo à fonética, mas se pensarmos no que Saussure disse quando falou do sintagma no discurso, podemos imaginar que tudo o que está ligado à atividade da fala seria matéria nessa disciplina e isso poderia incluir o estudo proposto por Benveniste, a constituição do *Sentido* na instância do discurso.

Quisemos trazer essas falas de Saussure e Benveniste para mostrar que o pensamento deste último não é tão distante de Saussure. Na realidade, o mestre genebrino já previa muitas coisas na formulação de seu projeto epistemológico. Observando o CLG, podemos ver que tudo está lá, espalhado entre assuntos mais importantes na visão de língua de Saussure, pois, para ele, todas estas coisas seriam complementares e não o objeto primeiro.

Esperamos, nesta seção, ter conseguido fazer o leitor vislumbrar a extensão da teorização de Saussure, ele não negava aquilo que realmente existia, mas simplesmente postulava aquilo que interessava a sua visão de língua. O que está em evidência no CLG é aquilo que Saussure considerava essencial para se chegar aos fatos da linguagem, ao *Sistema*, à língua e não ao que é exterior a ela, e por isso, fora de seu objetivo como linguista.

#### 4 NA ESSÊNCIA DUPLA: A LÍNGUA, O SENTIDO E A MATERIALIDADE

Conforme a estrutura programática apresentada na introdução, nesta última seção de nosso trabalho, nos debruçaremos sobre o manuscrito saussuriano “Da Essência Dupla da Linguagem<sup>17</sup>”, doravante EDL. Esse manuscrito foi descoberto em 1996, juntamente com outros de igual relevância, na estufa do castelo da família de Saussure (DEPECKER, 2012).

Após a descoberta desses manuscritos, a família prontamente dou-os à Biblioteca de Genebra, sendo, posteriormente, editados e publicados por Simon Bouquet e Rudolf Engler<sup>18</sup> (PINHEIRO, 2015).

Estes achados permitiram o surgimento de novos debates e, conseqüentemente, novas pesquisas relacionadas ao estabelecimento do pensamento de Saussure. Basicamente, o estudo dos manuscritos leva a dois caminhos distintos: 1) O confronto entre CLG e os manuscritos saussurianos na busca de uma compressão aprofundada do arcabouço teórico do mestre genebrino. Este caminho não busca um verdadeiro Saussure, mas sim uma compressão a partir de um ponto de vista holístico, que considera tanto o livro de 1916 quanto os manuscritos, do punho do próprio autor, como obras importantes que registram o seu pensamento. É importante destacar que este caminho toma o CLG como ponto de partida e como obra “fundadora” dos estudos da linguagem na ótica saussuriana. Claudine Normand é um dos nomes de peso que sustentam este primeiro caminho. Ela acredita que tomar o CLG em conjunto com os manuscritos podem proporcionar uma reflexão renovada sobre o trabalho de Saussure. Afirma então que podemos “[...] usar com toda a liberdade essa **herança** histórica [...]” desde que não nos deixemos “[...] impressionar pelo argumento, tendenciosamente terrorista, dos ‘originais’” (NORMAND, 2009, p. 22, grifo da autora), ou seja, não devemos nos perder na “ilusória” busca por um “verdadeiro” Saussure, uma vez que a discussão sobre o conteúdo dos manuscritos só é possível pela existência de uma obra, que mesmo póstuma, marcou toda uma geração dos estudos linguísticos.

2) Aceitação dos manuscritos como sendo o “verdadeiro” Saussure em detrimento do CLG relegado a condição de “apócrifo”, isto é, desconhecido, estranho ao pensamento original do mestre genebrino. Este caminho parte dos manuscritos para “desmascarar” ou desautorizar a obra póstuma. Simon Bouquet talvez seja o nome mais forte para representar este caminho,

---

<sup>17</sup> Esclarecemos ao leitor que há uma certa variação quanto ao título do manuscrito em português: “Sobre a Essência Dupla da Linguagem” ou “Da Essência Dupla da Linguagem”. Optamos pela segunda forma. O título original em francês é “De l’essence double du langage”.

<sup>18</sup> Esses manuscritos foram publicados sob o título *Escritos de Linguística Geral - ELG*. Nossas citações do EDL aparecerão com a sigla ELG, uma vez que é através dele que temos acesso ao manuscrito.

se não for o mais forte com toda certeza é o mais radical nesta escolha. Crítico ferrenho do CLG, acredita que esta obra deturpa o pensamento de Saussure (BOUQUET, 2004) e atribui o epíteto de Pseudo-Saussure a autoria do CLG: “Logo, o nome próprio de Ferdinand de Saussure, autor do Curso pode ser considerado como ilegítimo. Para lhe render justiça, conviria antes falar na ocorrência de um Pseudo-Saussure e de seus pseudo-editores” (BOUQUET, 2009, p. 162). Este é o segundo caminho quando nos deparamos com os manuscritos saussurianos.

Refletindo ainda sobre esses dois caminhos, é importante destacar que o reconhecimento do CLG como marco da obra saussuriana, além de ser atestado por autores do primeiro caminho, como é o caso de Normand (2009), também o é pelos do segundo, como Bouquet (2009, p. 161):

Uma história editorial singular propiciou que o Curso de Linguística Geral, publicado em 1916, impusesse sua *marca fundadora à lingüística e às ciências humanas*, ainda que essa obra póstuma, que pretendia reconstruir o conteúdo do pensamento de Saussure, desfigurasse-o em pontos essenciais. (grifos nossos).

Apesar do reconhecimento da obra vir acompanhada de uma crítica pesada, ainda assim podemos perceber nesta colocação que nem Bouquet com toda sua propaganda pró-manuscrito e sua ojeriza pelo CLG consegue deixar de reconhecer o marco estabelecido por esta obra. No mesmo texto, Bouquet também irá reconhecer que os manuscritos jamais tiveram a mesma influência sobre a linguística como teve o CLG:

[...] um segundo paradigma editorial formou-se, concorrendo, de fato, com aquele do Curso, pautando-se na verificação da ‘letra’ dos escritos saussurianos e das notas de seus estudantes. Mas esse segundo paradigma editorial, cuja recepção não ultrapassou um círculo de especialistas, *não exerceu qualquer influência determinante sobre o destino da lingüística do século XX* para a maioria dos lingüistas, esses textos originais ficaram esquecidos pela ilusão obstinada de que o Curso refletia fielmente o pensamento de Saussure – *na verdade, que Saussure poderia com todo direito ser considerado autor da obra.* (BOUQUET, 2009, p. 161, grifos nossos).

De fato, o CLG é o responsável pelas grandes transformações ocasionadas nos estudos linguísticos e esse *status* de marco fundador não é compartilhado com nenhuma outra obra de Saussure. Como destacamos no texto acima, muitos consideraram, – e consideram – diante dos novos escritos de Saussure, que ainda assim o CLG transmitia o pensamento do mestre genebrino e que este era legitimamente autor da obra “fundadora” da linguística moderna. Obviamente, Bouquet não concorda que Saussure seja o autor do CLG, isto ele atribui a Bally e Sechehaye. Assim, apesar de, forçadamente, reconhecer a influência e importância do CLG na história da linguística do século XX, Bouquet afirma que o que está contido nele é em sua grande maioria criação dos editores, que na realidade, segundo ele, são autores da obra e que

muitas vezes alteraram o pensamento do mestre genebrino deliberadamente e não como uma má interpretação das notas (BOUQUET, 2009).

A discussão acima, com a qual decidimos iniciar esta seção, é muito importante para que o leitor tenha ciência do que pretendemos fazer com o manuscrito EDL, *corpus* desta pesquisa, juntamente, com o CLG.

Diante disso, temos dois pontos a esclarecer ou reafirmar: 1) Esta pesquisa anda pelo primeiro caminho, ou seja, os manuscritos são complementares à mais famosa obra saussuriana, que, trabalhados em conjunto, ajudarão a esclarecer e, como nos diz Normand, eventualmente, corrigir o pensamento de Saussure – ou a compreensão desse pensamento – expresso no CLG. 2) Quanto à autoria do CLG, assumiremos, com Normand (2009), que ali há um “texto chamado Saussure”. Ainda segundo a autora: “Escolher a palavra texto para designar **Saussure** quer dizer que nós não nos situaremos em uma perspectiva de “cientificidade” (NORMAND, 2009, p. 18, grifo da autora). Ela não está interessada em datação, isto é, o que veio antes e depois, mas sim no “texto em si”. “Pode-se julgar a importância de um texto pelo que ele comporta em si mesmo e não pela referência a um autor solitário e consagrado” (NORMAND, 2009, p. 19). Normand enfatiza ainda que não está em busca de um “verdadeiro” Saussure. Também nosso trabalho não tem por objetivo visitar um manuscrito em busca de um verdadeiro Saussure, mas sim, através de um ponto de vista do todo, conseguir ter uma melhor dimensão e compreensão do pensamento deste linguista, considerando que o CLG é, de fato, a mais importante obra de Saussure ou, usando as palavras de Normand, o mais importante texto chamado Saussure.

Depois destas considerações iniciais, e alertado o leitor do caminho que tomaremos ao trabalhar o manuscrito EDL, resta-nos apresentar a estrutura desta seção. Ela será dividida em duas subseções: A primeira, que trata da língua, subdividiremos em duas grandes partes, a primeira dedicada ao *Signo*, bem como aos termos ligados a ele, a saber, *Ideia* e *Significação*; A segunda dedicada ao *Valor*. A segunda subseção abordará o *Sentido* enquanto materialidade do *Significado*. Lembramos aos nossos leitores que já tratamos desses termos, nas seções anteriores, sob a ótica do CLG.

Queremos fazer ainda um último alerta ao nosso leitor. O manuscrito EDL trará o termo *Signo* em duas acepções distintas, conforme veremos de maneira mais aprofundada no decorrer desta seção. Contudo, é mister que desde já o leitor tenha ciência destas duas acepções: a primeira é a do *Signo* designando o total, isto é, aquilo que conhecemos por *Significado* e *Significante*; a segunda é a do *signo* como sendo apenas uma parte, a saber, aquilo que conhecemos por *Significante*. Para que não haja confusão ou ambiguidade no desenrolar desta

seção, faremos a distinção dos dois pela grafia: Quando nos referirmos ao *Signo* conforme proposto no CLG, como designando o total ou englobando as duas acepções o escreveremos com o “S” maiúsculo. Quando *signo* estiver designando apenas uma parte, ou seja, o *Significante*, o escreveremos com o “s” minúsculo.

#### 4.1 Língua: seus Signos e seus Valores

Como já pudemos observar nas seções anteriores deste trabalho, Saussure quis deixar bem claro qual seria o objeto de estudo do linguista, no caso, a língua. A partir daí ele passou a defini-la e assim encontramos duas descrições distintas do mestre genebrino: 1) “A língua é um sistema de signos que exprimem idéias” (CLG, p. 24). 2) “[...] a língua não pode ser senão um sistema de valores puros [...]” (CLG, p. 130). Conforme Lier-DeVitto (2018, p. 809), Saussure abandona esta primeira definição uma vez que: “A definição de língua como ‘sistema de signos’ pode levar (e tem levado) ao entendimento de que o sistema é conjunto composto por elementos prévios sobre os quais incidem suas operações para produzir relações de sentido”. Também Normand (2009, p. 73, grifo da autora) marcará que há um afastamento dele em relação ao termo *Signo*, ou melhor, há uma substituição deste termo por algo mais preciso quanto ao sistema da língua: “[...] **valores** se impõe como substituto do termo clássico signos”.

Percebemos com isso que o percurso do CLG passa do *Signo* para desembocar na noção de *Valor*. Isto, obviamente, não é algo que se dá por acaso. Saussure recorre a noção de *Signo*, mesmo sabendo de sua ligação estreita e ainda viva com a ideia de representação advinda da filosofia, para chegar ao seu objeto linguístico, ou sendo ainda mais preciso, à sua unidade linguística. Lier-DeVitto (2018, p. 809, grifos da autora) explica que recorrer ao *Signo* é:

[...] o ‘meio’, o caminho da construção do signo linguístico, ou melhor da desconstrução do signo filosófico, que implica e sustenta a noção de representação. Desconstrução, esta, que segue na direção de sua dissolução **pari passu** com a implicação da noção de valor [...].

Lahud (1977) também considera que essa recorrência de Saussure aos *Signos* era necessária, chamando-a de “etapa conceitual intermediária” (p. 33). Saussure dá “forma” ao *Signo* linguístico afastando-o da noção filosófica para então chegar ao *Valor*. Ainda segundo Lahud (1977, p. 33), só com a noção de *Valor* e *Sistema* é que o mestre genebrino, finalmente, conseguirá o afastamento total do *signo* filosófico:

[...] a transformação conceitual que prepara essa nova caracterização do signo só é plenamente realizada com a introdução das noções de sistema e de valor. Pois, a partir daí, não se poderá mais pensar o signo como uma entidade

*psíquica de duas faces*, mas essencialmente como uma unidade relacional ou diferencial [...] (Grifos nossos).

Saussure, nos três capítulos que antecedem o capítulo do *Valor Linguístico*, se esmera em definir qual seria a entidade concreta da língua analisável para o linguista e, após diversas ponderações, ele chega ao *Valor*. De fato, como destacamos no trecho do trabalho de Lahud, o *Valor* é a plena caracterização do *Signo*, isto é, da entidade concreta, da unidade de análise. Ir ao *Signo* não foi algo accidental, pois o *Valor* é a “transformação conceitual do signo”.

Considerando o percurso de Saussure no CLG, bem como a importância da noção de *Signo* para se chegar ao *Valor*, podemos agora recorrer ao EDL para analisar como se deu o percurso do mestre genebrino quase dezesseis anos antes do primeiro curso ministrado por ele em Genebra.

Barbosa (2018) faz uma comparação desse percurso entre CLG e EDL dizendo que “[...] no CLG Saussure só deixa o signo pelo valor depois de mais da metade da obra, no SEDL<sup>19</sup> o valor é introduzido muito antes” (p. 10). De fato, Saussure, no EDL, jamais definirá a língua como um *Sistema* de *Signos*. A noção de *Valor* é que vai defini-la ainda que não apareça de modo explícito como vimos no CLG, isto é, de que a língua é um *Sistema* de valores.

Na seção 2a, logo no início do manuscrito, Saussure, de maneira semelhante ao CLG, tenta demonstrar em que lugar se situa a linguística, qual seria efetivamente o lugar de atuação do linguista. Chega então à mesma conclusão da obra póstuma de que este lugar de atuação não é nada comum. Recorrendo à biologia e à química, faz uma comparação com o químico determinando a espécie de uma barra de ferro ou outro elemento qualquer, ou de um biólogo determinando a espécie de um cavalo ou qualquer outro bicho. Isto é uma tarefa comum para os estudiosos dessas respectivas áreas, no entanto pedir-lhes para determinar a espécie de um cavalo transpassado por uma barra de ferro seria algo, nas palavras do próprio Saussure, bizarro. É justamente neste “bizarro” que está o campo de atuação do linguista. Saussure dirá que a maioria dos estudiosos da linguagem ignoram o que constitui seu objeto de estudo, que é “[...] exclusivamente, o ponto de junção dos dois domínios” (ELG<sup>20</sup>, 2012, p. 22). Esses dois domínios são representados pela *Ideia* e pela *Forma*<sup>21</sup>, sua junção é o objeto de estudo do linguista.

---

<sup>19</sup> Sobre a Essência Dupla da Linguagem.

<sup>20</sup> A edição que usamos neste trabalho é a de 2012, como poderá ser visto nas referências. Assim como vimos fazendo em relação ao CLG, para dinamizar a escrita, a citação desta obra aparecerá da seguinte maneira: sigla (optamos por usar a sigla ELG – *Escritos de Linguística Geral* e não EDL, pelo fato do manuscrito estar disponível a nós através da edição de Bouquet e Engler), seguida da página da citação.

<sup>21</sup> Esse termo será discutido mais à frente quando falarmos sobre o *Signo*.

Ele também se utilizará de outro exemplo para demarcar o “objeto formal de estudo” e consequentemente o lugar da linguística. Após enfatizar que a atenção do linguista não deve estar 1) nem em elementos complexos e nem 2) em elementos desprovidos dessa complexidade, Saussure descarta a aparente simplicidade do objeto de estudo, ao compará-lo aos elementos do ar da seguinte maneira:

[...] a uma **mistura química** tal qual a mistura do azoto e do oxigênio no ar respirável; de maneira que o ar não é mais ar se for retirado o azoto ou o oxigênio, que nada liga, no entanto, a massa de azoto, espalhada no ar, à massa de oxigênio; que, em terceiro lugar, *cada um desses elementos só é passível de classificação diante de outros elementos da mesma ordem*, mas que não se trata mais de ar quando se passa a essa classificação e que, em quarto lugar *não é impossível classificar essa mistura*. (ELG, 2012, p. 22, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Conforme destacamos no trecho acima, Saussure nos dá duas informações importantes: A primeira é que para classificar um elemento é necessário que haja outros elementos da mesma ordem, sem isso a tarefa seria impossível; e a segunda é que a “mistura” dos elementos que formam o ar não é algo impossível de se determinar, mais que isso, é justamente nesta mistura que trabalha a linguística. Neste caso, o exemplo do ar tira um pouco da “bizarrice” do lugar da linguística, que fora expresso pelo exemplo anterior. A colocação de Saussure, além de estabelecer o lugar dos estudos linguísticos, também deixa transparecer a noção de *Sistema*, do qual fazem parte os elementos, sem esses outros elementos, isto é, sem se considerar um *Sistema* não há classificação. Constatamos ainda que esse *Sistema* já pressupõe algo diferencial e negativo. A afirmação de Saussure de que quando se passa para a classificação não se tem mais o ar, refere-se às classes dos estudos gramaticais tais como substantivo, adjetivo etc. tão características da Gramática Tradicional, cuja a origem remonta os estudos da Grécia antiga. Moura e Cambrussi (2018, p. 94), retomando os estudos da Gramática Tradicional, demonstram a importância que se dava a essas classificações em trabalhos como o de Aristóteles:

[...] para Aristóteles, a formulação do enunciado e a descrição de suas partes não estavam constituídas por um ideal linguístico; antes disso, *o objetivo era compreender a relação entre a expressão e o pensamento* e o modo como se pode estruturar o significado” (grifos nossos).

Os autores ainda evidenciam que, assim como Platão, Aristóteles criou classes gramaticais, como, por exemplo, as conjunções. Como bem foi expresso por eles, essas classificações estavam estritamente ligadas à noção de língua como expressão do pensamento. Essa influência da Gramática Tradicional pode ser observada na atualidade, como enfatizam os mesmos autores: “Essa classificação das partes do discurso se faz notar nas gramáticas escolares e mesmo entre os estudos linguísticos ainda hoje [...]” (MOURA; CAMBRUSSI, 2018, p. 94).

A recorrência às classificações também era comum à época de Saussure e, frequentemente, elas ignoravam o *Sistema*. Diante disso, dizia Saussure que essas classificações “não são uma realidade linguística inegável” (CLG, p. 127). Pretende-se com isso a compreensão de que as entidades da língua não são dadas diretamente:

Será que a lingüística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto **dado**, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.?  
De maneira alguma e em momento algum: ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir do dado dos sentidos. (ELG, p. 23, grifos do autor).

Pretende-se além disso, que se não considerarmos o *Sistema* a que pertencem e que lhes fez, não poderemos chegar a elas, pois classificar, para a linguística saussuriana, refere-se aos “**acoplamentos de objetos heterogêneos** (signos<sup>22</sup>-idéias) e não, como se é levado a supor, classificar objetos simples e homogêneos, como seria o caso se fosse classificar os signos ou as idéias” (ELG, pp. 23-24, grifos do autor). Considerando isso é que Saussure dirá anos depois: “[...] se procurarmos apreendê-las [as unidades], tomaremos contato com o real; partindo daí, poder-se-ão elaborar todas as classificações de que tem necessidade a lingüística para ordenar os fatos de sua competência” (CLG, p. 127).

Avancemos, agora, para a seção 29a na qual Saussure nos falará diretamente sobre o *Sistema* de uma língua e em que ele consiste. Retoma então antigas noções que tendem a dividir a língua num fato puramente fisiológico, ou num fato puramente psíquico. A primeira noção é representada pela existência de *Formas* A, B, C, D e a segunda pela relação de *Ideias* a, b, c, d, ambas, para Saussure, são um verdadeiro engano quando falamos de língua. Então apresenta uma terceira noção, que seria um avanço em relação as duas primeiras: a relação entre *Formas* e *Ideias*, que ele representa da seguinte maneira  $\frac{a b c}{A B C}$ . Ainda assim isto não representa o *Sistema* de uma língua. Ele dirá então que:

[...] esse sistema consiste em *uma diferença confusa de idéias que se movem sobre a superfície de uma diferença [ ]*<sup>23</sup> *de formas*, sem que jamais, talvez, uma diferença da primeira ordem corresponda a uma diferença da segunda, nem que uma diferença da segunda corresponda a uma [ ]. (ELG, p. 75, grifos do autor e nossos).

Apesar das lacunas no manuscrito, uma coisa fica bem clara: a importância do termo *Diferença* para definição de *Sistema*. Não se trata apenas da relação entre *Formas* e *Ideias*, mas

---

<sup>22</sup> *signo* aparece aqui como sendo a contraparte da *Ideia (Significado)*, assumindo, portanto, o lugar que ficou consagrado no CLG como sendo do *Significante*. Abordaremos esses por menores um pouco mais à frente.

<sup>23</sup> Os colchetes vazios representam lacunas do manuscrito original. Conforme Bouquet e Engler explicaram, a organização dos Escritos “respeita, ao máximo, o texto do manuscrito, que continua sendo o de um rascunho e não o de um livro acabado” (2012, p. 17).

da diferença que se estabelece nessa relação. Voltamos com isso aos valores diferenciais e negativos do sistema linguístico.

Na seção seguinte, 29b, o termo *Diferença* acentua-se ainda mais. Saussure dirá que a unidade, na realidade, é uma ilusão e que só a diferença é real: “Como não há **unidade** alguma (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre alguma coisa além das diferenças, na realidade *a unidade é sempre imaginária só a diferença existe*” (ELG, p. 76, grifos do autor e nossos). Notemos que, assim como no CLG, Saussure descarta a noção de “unidade” como uma realidade linguística e, com isso, chega mais uma vez a noção de *Valor*, pois *Diferença* evoca *Valor* ou *Valor Diferencial*.

Na última seção do EDL, 29j, os termos-chave para a definição do *Sistema* linguístico saussuriano se entrelaçam para chegarmos à conclusão expressa no CLG, no capítulo do valor linguístico:

[...] os signos evocam **MECANICAMENTE** pelo simples fato de sua presença e do estado sempre acidental de suas diferenças a cada momento da língua, um número igual não de conceitos, mas de **valores opostos por nosso espírito** [...]; essa **oposição de valores**, que é um fato **PURAMENTE NEGATIVO**, se transforma em fato positivo, porque cada signo, ao evocar uma antítese com o conjunto dos outros signos comparáveis em uma época qualquer, começando pelas categorias gerais e terminando nas particulares, se vê delimitado, **apesar de nós**, em seu valor próprio. (ELG, p. 80, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Neste trecho, encontramos a definição de um *Sistema* de língua como sendo de valores puros, isto é, valores diferenciais e negativos, que corresponde a segunda definição expressa no CLG. Lier-DeVitto (p. 811, grifos da autora) afirma que, com esta definição, “penetramos no domínio da negatividade em que **o sistema é mobilidade simbólica** e **o signo é valor flutuante**, definido no ‘só depois’ das operações do sistema”. Observemos que Saussure, tanto aqui quanto no CLG, irá admitir uma *Positividade* na língua “[...] dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente [...]” (CLG, p. 139). Essa *Positividade* admitida por Saussure é fruto do *Sistema* e, como mostramos anteriormente, é também uma ilusão da língua, totalmente necessária para o falante. Retomaremos essa noção de *Positividade* ao falarmos sobre a *Significação*.

Como foi observado, ao contrário do CLG, no EDL não é tomado o *Signo* como uma tentativa de definir o *Sistema*. No EDL, a língua nunca é um *Sistema* de *Signos*, mas sempre um *Sistema* de valores, desde as primeiras páginas, como destacamos a princípio. Conforme disse Barbosa (2018) a noção de *Valor* está presente desde muito cedo e é através dela que Saussure apresenta e define a língua.

Agora que vimos como Saussure definiu a língua no EDL, passemos aos *Signos* e aos valores. Nas duas próximas subseções, iremos explorar esses termos a partir deste manuscrito esperando com isso chegarmos a questão central de nossa pesquisa: O lugar que o *Sentido* ocupa na reflexão saussuriana.

#### 4.1.1 O Signo e sua composição

Como foi demonstrado acima, Saussure não se utilizou da noção de *Signo* para definir a língua como um *Sistema*, mas sim da noção de *Valor*. Apesar disso, *Signo* é muito recorrente no manuscrito e, como no CLG, é tomado por Saussure para fixar a noção de *Valor*. Barbosa (2018, p. 10) dirá que também no EDL, para se chegar ao *Valor*, “foi preciso partir do signo (ou forma, etc.), mas sem fechá-lo, com a significação, numa entidade fictícia e enganadora”. Antes de verificarmos o uso que Saussure faz do termo *Signo* no EDL, lembremo-nos, rapidamente, de como ele o apresenta no CLG.

Fugindo da noção de representação a qual se ligava o *signo* na tradição filosófica, como é o caso da Gramática Geral e Racional de Port-Royal, na qual a teoria da linguagem repousava “[...] sobre a ideia simples de que as palavras são os signos de nossas ideias” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 180), Saussure definirá o *Signo* como sendo a combinação de dois elementos: “Chamamos **signo** a combinação do conceito e da imagem acústica” (CLG, p. 81, grifo do autor). Embora não estivesse satisfeito com essa nomenclatura – “Quanto a signo, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro” (CLG, p. 81) – o termo *Signo* entrou para a história linguística como sendo o total, composto pelo também consagrado par *Significado* e *Significante*.

Também é mister lembrar que, mesmo após apresentar o *Signo* como termo que designa o todo, Saussure, em muitos lugares do CLG, se utilizará do termo para designar tão somente uma parte, a saber, o *Significante*. De Mauro (1967, p. 449), em suas notas do *Cours*, comenta sobre essa utilização do signo em duas concepções diferentes tanto no CLG como nas fontes manuscritas, onde temos muitas vezes o “**signe** dans le sens de signifiant<sup>24</sup>” (grifos do autor).

No EDL, diferente do que ficou consolidado no CLG como concepção de *Signo*, é predominante a utilização do termo para designar apenas a contraparte da *Significação*, *Ideia*, etc. aparecendo, muito raramente, como designando o todo, ou seja, o *Significado* e o

---

<sup>24</sup> “Signo no sentido de significante” (tradução nossa).

*Significante* (ainda que esse consagrado par só apareça anos depois, durante os cursos em Genebra<sup>25</sup>). Aliás, neste manuscrito, Saussure pouco se esforça para nomear as duas partes da entidade linguística, como bem afirma Barbosa (2018, p. 10) ao comentar que “nem sequer há uma busca por um termo que designe a entidade linguística. Esta é sempre referida como dupla com o ‘signo’ designando uma das partes” (destaque do autor). Também, segundo Barbosa (2018), no EDL, praticamente não há oscilação naquilo que o termo *signo* designa, ou seja, ele refere-se quase cem por cento das vezes ao que ficou conhecido por *Significante*.

Simon Bouquet possui uma teoria interessante quanto a isto. Para ele, os editores do CLG não compreenderam, ou pelo menos não deixaram claro, que Saussure se utiliza do termo *Signo* para designar duas coisas diferentes:

*Signo* é empregado por Saussure, ao longo de suas aulas e de seus escritos, em duas acepções: de um lado esse termo designa a entidade linguística global composta de uma face fonológica e de uma face semântica; de outro lado apenas a face fonológica. (BOUQUET, 2004, pp. 228-229).

Bouquet repetirá esta mesma teoria em outro lugar, dizendo que não compreender esta dupla utilização que Saussure faz naturalmente do termo *Signo* pode obscurecer seu arcabouço teórico (BOUQUET, 2009).

Loïc Depecker, em seu trabalho dedicado aos manuscritos saussurianos, – entre eles o EDL – segue uma linha semelhante à de Bouquet ao reconhecer a dupla utilização do termo *Signo* por Saussure. Ele define *Signo* da seguinte forma “1) Fenômeno fônico, acústico ou gráfico de uma língua suscetível de receber um valor e de ter um sentido para os sujeitos falantes. 2) Na maioria das vezes toda a unidade compreendida em um sistema semiológico” (2012, p. 192). Assim como Bouquet, ele reconhece as duas acepções do termo na teorização saussuriana, mas, diferente de Bouquet, ele vai acrescentar uma definição de *Signo* seguido por outro termo, *linguístico*. Diz, então, Depecker (2012, p. 192) que *Signo linguístico* é uma “unidade formada por uma forma e por uma significação; ou por uma imagem acústica e por um conceito; ou por uma imagem vocal e por um conceito; ou por um significante e por um significado”. Na opinião de Depecker, quando esses termos aparecem em conjunto, isto é, *Signo* e *Linguístico*, eles só podem designar a entidade global e não parte dele.

É preciso enfatizar que tanto Bouquet quanto Depecker estão considerando os manuscritos saussurianos como um todo e não apenas o que estamos trabalhando nesta seção, que é o EDL, contudo, a proposta dos autores nos fornece um olhar mais atento e preciso para

---

<sup>25</sup> Todas as vezes que nos utilizarmos deste par (*Significado/Significante*) nos referindo ao EDL é por uma questão puramente didática, isto é, para que se tenha uma compreensão das colocações de Saussure quando emprega outros termos para designar as partes do *Signo*.

observamos diretamente no texto do manuscrito como Saussure, de fato, se utiliza desse termo, seja ele uno ou duplo em sua acepção.

Ao longo das seções em que se divide o EDL, o termo *Signo* aparecerá inúmeras vezes, contudo pretendemos examinar três seções específicas pelo fato de os editores do ELG terem achado por bem dar-lhes um título no qual está expresso o próprio termo ou o que ficou consagrado como o estudo dos *Signos*, ou seja, a semiologia.

A primeira seção que trazemos, seção 8, carrega, justamente, o título de *Semiologia*. Nela, Saussure apresenta três domínios, o primeiro correspondendo ao pensamento puro, o segundo ao *Signo Vocal* e o terceiro ao som puro. Dos três domínios só o primeiro não se enquadraria no domínio linguístico. Por ora nos detenhemos no segundo domínio, o do *Signo Vocal*. Vejamos como Saussure o define:

[...] Domínio linguístico do **signo vocal (Semiologia)**: nele também é inútil querer considerar *a idéia fora do signo e o signo fora da idéia*. Esse domínio é, ao mesmo tempo, o do **pensamento relativo**, da **figura vocal relativa e da relação entre os dois**. (ELG, p. 43, grifos do autor em negrito e nossos em itálico)

Este trecho do EDL é muito importante e parece trazer as duas acepções de *Signo* indicada por Bouquet (2004) e por Depecker (2012). Ao estabelecer esse domínio linguístico do *Signo Vocal*, Saussure parece usar o termo para definir a entidade linguística como um todo, uma vez que ali se encontram o *Pensamento Relativo*, a *Figura Vocal Relativa* e a relação entre ambos. Nos parece que *Signo Vocal* seria equivalente ao *Signo Linguístico* de Depecker (2012). Stawinski (2019, p. 77), comentando sobre este domínio linguístico, diz que ele corresponde “[...] à concepção de *signo linguístico per se*, à forma-sentido que *existe apenas como tal na associação de seus elementos [...]*” (grifos da autora em negrito e nossos em itálico). Esta entidade global, o *Signo*, só existe na relação entre suas duas partes como destacamos no trecho do próprio Saussure. Observemos agora que *signo* também está designando uma só parte. Quando ele menciona a impossibilidade de existir o *signo* fora da *Ideia* ou vice-versa, o termo já passa para uma outra acepção, a saber, a de *Significante*.

A utilização do termo *signo* como *Significante* será mais explorada no decorrer do manuscrito. Quando discorre mais detalhadamente sobre o segundo domínio, Saussure diz o seguinte: “[...] Domínio **lingüístico** do **pensamento**, que se torna **IDÉIA NO SIGNO**, ou da **figura vocal** que se torna **SIGNO NA IDÉIA**: o que não é (sic) duas coisas, mas uma, contrariamente ao primeiro erro fundamental” (ELG, p. 44, grifos do autor). Como se pode observar, o termo volta a designar apenas uma parte, que corresponde ao *Significante*. Queremos chamar a atenção do leitor para o termo *Figura Vocal* e sua utilização por Saussure.

Trataremos mais detalhadamente deste termo na segunda parte desta seção, quando abordarmos o *Sentido* e a materialidade da linguagem.

A segunda seção de que trataremos é a de número 11, que traz em seu título o termo que estamos analisando, *Diversidade do signo*. Essa expressão apresentada no título da seção, e usada comumente pelos estudiosos contemporâneos a Saussure, é criticada por ele, justamente, por não se considerar nessa diversidade a outra parte do *signo*, isto é, a *Ideia*: “[...] só se pode falar da **diversidade do signo na idéia una** ou da **diversidade do signo na idéia diversa** [...]” (ELG, p. 49, grifos do autor). Notemos o par que se forma neste trecho e nos anteriores: *signo/Ideia*. Este par também pode ser visto em algumas partes do CLG, como o demonstramos na seção 2 do presente trabalho. Ainda na mesma parte do EDL, Saussure retorna à discussão de que na linguística os objetos não são dados, então, retomando o conceito de diversidade, ele novamente liga *signo* e *Ideia*: “[...] nada é dado, a não ser a diversidade dos signos combinada indissolúvelmente, e de maneira infinitamente complexa, com a diversidade das idéias” (ELG, p. 50). Concluimos desta segunda seção do EDL que, sendo uma das duas únicas que trazem em seu título o termo *signo*, – ainda que o título tenha sido dado pelos editores e não por Saussure – a acepção que é exposta nela é do *signo* como contraparte de *Ideia*.

Esta última seção, que escolhemos para tratar especificamente do *Signo*, também traz em seu título o termo semiologia: *Princípio fundamental da semiologia*. Saussure inicia falando sobre as *Diferenças*:

Não há, na língua, nem **signos** nem **significações**, mas DIFERENÇAS de *signos* e DIFERENÇAS de *significação*; as quais 1º só existem, absolutamente, umas através das outras (nos dois sentidos) *sendo, portanto, inseparáveis e solidárias*; mas 2º *não chegam jamais a se corresponder diretamente*. (ELG, p. 65, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Aqui, Saussure forma mais um par *signo/Significação*, estabelecendo que na língua o que importa não é uma parte isolada, mas a *Diferença* entre elas. Notem que ele diz que as partes são inseparáveis e solidárias e que não se correspondem diretamente. Saussure descreve para nós a entidade como um todo, e que nós conhecemos pelo termo *Signo*, contudo ele não se utiliza de uma terminologia para nomeá-la neste trecho. Outra coisa interessante de notar é a correspondência entre *signos* e *Significação*. O mestre genebrino diz que o que existe na língua são diferenças de *signos*, no plural, e de *Significação*, no singular. Retomaremos isto quando falarmos da *Significação*.

Antes de falarmos, separadamente, de *Ideia* e *Significação*, queremos tomar dois termos que se alternam com *Signo* para designar o significante no EDL, são eles *Forma* e *Palavra*. Como nos diz Barbosa (2018), apesar da satisfação de Saussure com o uso do termo *signo* para

*Significante*, ele ainda assim alterna, em diversas partes do manuscrito, esse termo com *Palavra* e com *Forma*. Na verdade, o termo *forma* aparecerá antes de *signo*, combinado com *Sentido*: “É errado e impraticável opor a **forma** e o **sentido**. O que é certo, em troca, é opor a **figura vocal**, de um lado, e a **forma-sentido** de outro” (ELG, p. 21, grifos do autor). Vemos então que o termo *Forma* está designando o *Significante* e compondo uma entidade linguística junto com *Sentido*. Saussure tentará definir esse termo em duas seções: na primeira, 6c, diz, então, que *Forma* não é:

[...] uma certa entidade positiva de uma ordem qualquer, e de uma ordem simples; mas a entidade ao mesmo tempo **negativa** e **complexa**: que resulta (*sem nenhuma espécie de base material*) da **diferença** com outras formas, COMBINADA à **diferença** de significação de outras formas. (ELG, p. 36, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Essa descrição do termo *Forma* não chega a revelar algo que já não tivéssemos apreendido a partir do emprego que Saussure faz do termo ou pelo que já conhecemos do *significante* a partir do CLG, mas se pensarmos que esse texto é anterior em anos à obra póstuma, perceberemos que é algo bem preciso (para os padrões saussurianos, é claro). Aqui também é reafirmado o caráter psíquico do *Significante*, neste caso, da *Forma*. Na seção 28, Saussure também dará uma definição de *Forma*, contudo um pouco mais tímida: “[...] Não é jamais sinônimo de figura vocal; - Supõe, necessariamente, a presença de um sentido ou de um emprego. - *Pertence à categoria dos fatos INTERIORES*” (ELG, p. 74, grifos nossos). Embora mais compacta, a definição coloca a *Forma* como contraparte do *Sentido* e ratifica sua pertença aos fatos interiores, ou seja, psíquicos.

Quanto ao termo *Palavra*, ele também aparecerá como sendo uma contraparte: “Assim, há de um lado, uma **palavra** (entidade física), de outro sua significação (entidade psíquica). Há na língua, um lado físico e um lado psíquico” (ELG, p. 60, grifo do autor). *Palavra*, designando o *Significante*, faz par com o termo *Significação*. Contudo, diferentemente do termo *Forma*, *Palavra* também será utilizado por Saussure para designar o todo. Isto acontece logo nas primeiras páginas do EDL, após fazer a comparação da mistura de azoto e oxigênio no ar, para afirmar que naquele entremeio se constitui o terreno dos estudos linguísticos:

Finalmente, se dirá que a comparação é grosseira na medida em que os dois elementos do ar são materiais, enquanto que *a dualidade da palavra representa a dualidade do domínio físico e psicológico*. Essa objeção aparece, aqui, casualmente e quase sem importância para o fato linguístico; nós a apanhamos de passagem para declará-la nula e diretamente contrária a tudo o que afirmamos. Os dois elementos do ar estão na ordem material e *os dois elementos da palavra estão, reciprocamente, na ordem espiritual*; nosso ponto de vista constante será dizer que, *não apenas a significação, mas também o signo, é um puro fato de consciência* (ELG, 2012, p. 22, grifos nossos).

No trecho, temos os dois termos que ora se apresentam como sinônimos, ora como coisas diferentes. *Palavra* está designando o todo da entidade linguística, que aparece como sendo composta pelo *signo* e pela *Significação*. É interessante notar que *Signo* será, duplamente, sinônimo de *Palavra*, uma vez que ambos os termos designam tanto a entidade linguística global, quanto parte dela, ou seja, o *Significante*.

Esta subseção se dividirá ainda em duas partes para tratar da *Ideia* e da *Significação*.

#### 4.1.1.1 Ideia

O termo *Ideia* aparece, tanto no CLG como no EDL, ocupando o lugar que ficou consagrado como pertencendo ao *Significado*. Saussure, inclusive, se utiliza de um exemplo famoso do curso para situá-lo junto ao *signo*: “Uma língua só existe se à **m + e + r**<sup>26</sup>, se vincula uma idéia” (ELG, p. 23, grifos do autor). Também dirá que não há nenhuma entidade linguística “que exista fora da idéia que lhe possa ser vinculada” (ELG, p. 23). Esse termo não apresenta variação de emprego, sempre se apresenta, no escopo saussuriano, como contraparte do *Significante*.

O que talvez seja um dado relevante é a grande ocorrência do termo *Ideia* nos manuscritos saussurianos. No CLG, apesar de, mesmo depois da apresentação do consagrado par *Significado/Significante*, Saussure retomar esse termo vez ou outra, a ocorrência é bem menor que nos manuscritos. No EDL, *Ideia* se faz presente em toda parte como contraparte do *Significante* (*Forma, signo, Palavra*) em alternância com *Significação* e, ainda que pouco, com *Sentido*. Depecker (2012, p. 87) afirma que, nos manuscritos, Saussure partirá desse termo para chegar, só depois, no par já tão conhecido no CLG: “[...] *é principalmente a partir de ‘ideia’ que Saussure busca associar um elemento correspondente: ‘ideia’ e ‘símbolo’, ‘ideia’ e ‘objeto simbólico’, ‘ideia’ e ‘meio de expressão’, ‘ideia’ e ‘signos vocais*<sup>27</sup>” (destaques do autor, grifos nossos).

O termo *Ideia* também tem uma ligação estreita com pensamento. Quando Saussure apresenta o segundo domínio, que é linguístico, diz que o pensamento “se torna IDÉIA NO SIGNO” (ELG, p. 44). *Pensamento* e *Ideia* sempre aparecem muito mais conectados do que os outros termos que designam a contraparte do *Significante* (*Significação, Sentido* e *Significado*). Depecker (2012) dará a esse termo duas definições: “1) Representação mental. 2) Parte não

---

<sup>26</sup> Representação que Saussure faz da sequência sonora da palavra *Mer* (Mar em francês).

<sup>27</sup> O autor assume aqui que *Signos Vocais* referem-se ao *Significante*, diferente da posição que adotamos ao reconhecê-lo como termo que está designando o todo, pelo menos no que tange ao EDL.

sensível do signo” (p. 190). Como dissemos, *Ideia* e *Pensamento* têm uma ligação estreita, talvez essa tenha sido a razão que fez Saussure deixar de lado este termo no CLG, pois, tendo uma ligação tão íntima, os termos tendiam a se confundir, fazendo com que se pensasse numa existência da *Ideia* fora do *Signo*.

#### 4.1.1.2 Significação

Este termo, assim como *Ideia*, aparece, em muitas partes do manuscrito, como contraparte do *Significante*: “Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro” (ELG, p. 24). Depecker (2012, p. 192) dirá que *Significação* e *Sentido* são sinônimos: “Saussure parece empregar sentido e significação indiferentemente”. O caso é que este termo é utilizado por Saussure não só com a mesma acepção de *Sentido*, mas também de *Ideia*. Não pretendemos nos deter nesta característica do termo, ao contrário, nos deteremos no que ele apresenta de diferente em relação aos outros, contudo, alertamos desde já que esta característica “diferente” da *Significação* não é algo dado em uma primeira leitura de Saussure, na realidade ela se deixa escapar nos pontos mais nebulosos da escrita saussuriana, está também nas entrelinhas e nos deslizes do mestre. São nestes pontos de tensão da teorização saussuriana que focaremos.

Na seção 11, do EDL, Saussure afirmará que *Significação é Emprego*, podendo ambos os termos se alternarem sem prejuízo para a compreensão do fenômeno linguístico. Esta seção em questão, trata da diversidade do *signo* em duas situações: 1) diversidade do *signo/Significações* diferentes; e 2) diversidade do *signo/Significação* una.

Na primeira situação, *Significação* e *Ideia* podem ser usados indiferentemente:

Aqui, pode-se substituir, se assim se preferir, **significação** (ou **emprego**) por **idéia** ou outra coisa, sem inconveniente *grave porque, sendo tudo uma diversidade*, por conseguinte relativo, não se é tentado a dar uma existência positiva e finita a um dos dois termos independentemente de outro, ou a partir de um dos dois termos de preferência ao outro, *seja* (sic) *quais forem as palavras usadas*. (ELG, p. 50-51, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Nesta primeira situação, não fica tão claro o “outro lugar” que ocupa a *Significação*, uma vez que entre diversidade de *signos* e *Significações*, usar o termo *Ideia*, ou *Significação*, ou, como destacamos, qualquer outro termo (*Sentido?*), não alterará a compreensão do fenômeno, pois o que fica em evidência é a *Diversidade*, ou *Valor Diferencial*. *Significação*, então, neste primeiro caso, parece ser, simplesmente, a contraparte de *signo*, tendo, portanto, a mesma acepção do termo *Ideia*. Outra conclusão importante da passagem é que, nela, está se

falando da essência interna da língua, ou seja, refere-se ao *Sistema*, ao seu funcionamento que está completamente assentado na negatividade e na relação dos termos. Considerando isso, pouco importa a utilização do termo *Ideia* ou do termo *Significação*, pois neste domínio, que pertence ao *Signo Vocal*, o que estará em evidência será sempre a *Diversidade* e o *Valor*. Queremos ainda chamar atenção para o termo *Emprego*, utilizado por Saussure na citação acima, que causa certa estranheza uma vez que se está falando do interno à língua. Este termo designa ação e está muito diretamente ligado ao falante. A citação se torna ainda mais estranha quando tomamos o termo em questão por sinônimo de *Significação*, pois este último foi utilizado por Saussure, por diversas vezes como contraparte de *signo*, contudo é difícil enxergar *Emprego* como contraparte de alguma coisa. Chamamos a atenção do leitor neste ponto por dois motivos: 1) Retomar o que dissemos de início, isto é, de que a acepção de *Significação* de que trataremos aqui se deixar entrever nos pontos mais nebulosos da escrita saussuriana; 2) Para retornar a isto, um pouco mais a frente, quando discutirmos a *Positividade*.

Na segunda situação, as coisas não funcionam do mesmo jeito:

*Aqui, ao contrário, é muito crítico começar a falar da diversidade do signo na IDÉIA una em vez de falar de sua diversidade no emprego uno ou significação una [ ]: porque isso é cair no erro de acreditar que haja, anteriormente estabelecidas, quaisquer categorias ideais em que aconteçam depois, secundariamente, os acidentes do signo. (ELG, p. 51, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).*

O termo *Ideia* é rejeitado quando se trata da diversidade do *Signo* na *Significação una*. Para compreendermos o porquê de, neste caso, não se poder trocar um termo por outro, é mister também compreender o espaço do fenômeno que Saussure descreve. O trecho acima dá indícios de que ele não está mais falando da contraparte do *signo*, mas sim daquilo que decorre da união das partes da entidade linguística. A *Significação una* parece expressar a *Positividade* da língua, que destacamos anteriormente, e está diretamente ligada a realização, isto é, ao *Emprego*, ao *Uso*, pelo falante, dessa unidade linguística, ilusoriamente, positiva.

Retornemos então à noção de *Positividade* da língua. Para ilustrar melhor como funciona essa *Positividade* da língua e como ela está relacionada à *Significação*, traremos algumas passagens do CLG para intercalar com o EDL. Já vimos que Saussure admite que há uma *Positividade* na língua, ainda que ilusória e fruto do *Sistema*. Ele destrinchará isto um pouco melhor em sua obra póstuma: “[...] desde que consideremos *o signo em sua totalidade*, *achamo-nos perante uma coisa positiva* em sua ordem” (CLG, p. 139, grifos nossos). O *Signo*, em sua totalidade, é um fato positivo produzido pelo *Sistema* e é, justamente, este fato positivo que Saussure parece indicar ser a *Significação*, aqui, já não mais confundida com contraparte,

mas como efeito da relação entre as duas partes do *Signo* atualizado no *Emprego* ou *Uso*. Saussure prossegue sua reflexão dizendo que:

*Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (CLG, p. 140, grifos nossos).*

Neste trecho, vemos o mestre genebrino reiterar mais uma vez que a língua comporta fatos positivos, desde que os consideremos como efeito da própria língua, ou seja, como o resultado positivo do acoplamento de coisas totalmente negativas e diferenciais dentro do *Sistema*. Baseando-nos nisto, podemos, neste trabalho, apreender um pouco melhor o motivo de *Ideia* não ser apropriado quando se fala de “diversidade do *Signo* na *Significação una*”, pois, aqui, Saussure não está mais falando do interno da língua, mas sim de sua realização que necessita ser um fato positivo para o falante. Trata-se daquilo que significa na língua. Quando colocamos o termo *Ideia* no lugar de *Significação*, neste caso específico, arriscar-se-ia a pensar numa existência anterior e independente do *Signo*. A *Positividade* a que a *Significação* remete é totalmente dependente do *Sistema* na reflexão saussuriana. Cabe aqui retomar a estranheza ou confusão que Saussure provoca em seu leitor na citação que trouxemos sobre a diversidade do *signo* nas *Significações*, na qual ele usa o termo *Emprego* mesmo tratando do interno à língua. Esse termo, assim como *Significação*, evoca *Positividade* e estão diretamente ligados ao falante, sendo que o termo *Emprego* se sobressai ainda mais, pois este, além de evocar *Positividade*, também é uma ação, o que o liga, de maneira mais estreita, ao externo da língua. O que podemos apreender desta estranheza, a nosso ver, é que Saussure, em muitas partes do EDL, passa do interno à língua para o externo à língua sem aviso prévio, ou seja, em determinados momentos está falando da língua e, sem esclarecer ou anunciar, vai para a instância da fala. Reconhecer essa distinção, isto é, o momento em que passa da língua para a fala, é deveras importante para se compreender aonde Saussure quer chegar com sua reflexão.

Dentro desta visão é que podemos compreender melhor a citação que trouxemos anteriormente ao falar do *Signo*: “Não há, na língua, nem **signos** nem **significações**, mas *DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significação*” (ELG, p. 65, grifos do autor em negrito e nossos em itálico). Na língua, o que há de essencial é puramente diferencial e negativo: “Fundamentalmente, a língua repousa sobre diferenças” (EDL, p. 66). Neste lugar, há diferenças de *signos* que se relacionam indiretamente com diferenças de *Significações* (ou *Ideias, Sentidos, Conceitos, Significados*), sendo tudo diferencial e negativo. Na língua, há,

como já vimos, o acoplamento dessas partes psíquicas que compõem o *Signo* e cada *Signo* tem seu *Valor* definido no e pelo *Sistema*.

Este fato positivo da língua, que identificamos como sendo a *Significação*, como já dissemos outrora, não é algo facilmente apreendido. Michel Arrivé (2010, p. 86), defendendo a *Positividade* da língua, diz que: “[...] se tudo na língua – significante, significado e signo – estivesse submetido ao regime da negatividade, sem termos positivos, a comunicação seria, por definição, impossível”. Contudo, recorrer aos fatos positivos para chegar à língua é algo impossível e tratar desses fatos positivos pode levar o linguista a acreditar que a essência da língua é positiva, o que não é verdade, pelo menos não para Saussure. Articular a essência negativa da língua com a ilusão positiva que ela provoca não é uma tarefa fácil nem mesmo para Saussure, como bem frisa Arrivé (2010) diante das hesitações e afirmações tímidas registradas em suas aulas e em seus escritos. Arrivé (2010) também fala de uma aparente contradição quando Saussure primeiro afirma que a língua não comporta fatos positivos e em seguida admite que não é possível dizer que na língua tudo é negativo. Esta aparente contradição logo se desfaz quando trazemos à baila a *Significação* na acepção de fato positivo da língua ligada ao *Uso* ou *Emprego* pelo falante, pois a *Positividade* só existe para o falante, que não concebe outra coisa que não seja unidades fechadas e positivas. A negatividade é a única coisa real na língua, já a *Positividade* é efeito da língua, uma ilusão, uma ficção necessária ao falante. Negatividade está para a *Língua* e *Positividade* está para fala como efeito da primeira.

Prossigamos nossa discussão indo agora para o lugar das realizações da língua, a fala. Para que a língua se manifeste na fala são necessários fatos positivos, pois é a partir de unidades fechadas que o indivíduo fala. Saussure nos dá um certo vislumbre disso quando diz que “uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é determinada, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada” (EDL, p. 37). Embora, neste trecho, estivesse se referindo apenas a *forma*, ele nos revela o funcionamento da língua na realização, ou seja, na fala. Para o falante, a língua tem unidades fechadas e positivas. É claro que isto, para Saussure, é uma ilusão da língua, contudo é uma ilusão necessária que permite que a fala aconteça. Este lugar das realizações evoca a *Significação*, não mais as diferenças, mas o fato positivo que é um efeito das diferenças do *Sistema*. Portanto, quando passamos para o plano da realização, já não temos diferenças de *Significações*, onde este termo poderia ser substituído por *Ideias*, *Sentidos*, etc., mas temos o fato positivo, *Significação*, que já não tem a mesma acepção dos termos anteriores, pois implica o *Uso* pelo falante.

Na seção 24, do EDL, Saussure também se utilizará do termo *Significação* nesta acepção que destacamos acima, implicando num fato positivo:

[...] A união do que tem uma *significação* para a língua é a) a diferença ou identidade da idéia SEGUNDO OS SIGNOS b) a diferença ou a identidade dos signos conforme a idéia; *as duas coisas estando, além disso, indissoluvelmente unidas*. (ELG, p. 68, destaques do autor, grifos nossos).

O que tem *Significação* para língua, segundo Saussure, leva em conta, além da diferença, comum ao *Sistema*, a relação entre *Ideia* e *signo*, estando estes “indissoluvelmente unidos”. Observemos que Saussure está o tempo todo demarcando a *Significação* como efeito do *Sistema* e, totalmente, dependente dele. Só há *Significação* a partir da junção dos elementos do *Sistema*, que são completamente diferenciais e negativos.

Esta visualização da *Significação* na relação entre as partes do *Signo*, nos remete à compreensão de Pétróff (2007) que também a vê como a relação entre os constituintes do *Signo*. Refletindo sobre a representação do *Signo*, exposta no CLG, com duas flechas verticais em direções opostas, ele fará uma comparação com a representação do *Signo* presente nos cadernos dos alunos que participaram do Curso em Genebra.

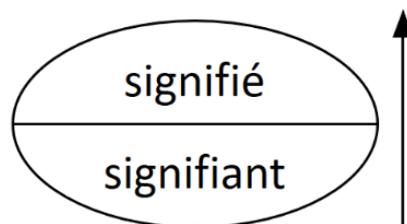


FIGURA 11 (PÉTROFF, 2007, p. 211)

A única diferença entre as representações está no fato de que na dos alunos só há uma flecha vertical em direção ascendente e na do CLG, há duas, sendo uma delas descendente. Pétróff conclui então que:

Saussure n'a mis qu'une seule flèche, ascendante: *les manuscrits de Degalliers et de Constantin sont formels*. La double flèche introduite par les Éditeurs a une certaine logique dans leur présentation du signe linguistique (la contrepartie réciproque), *mais la flèche unique ascendante de Ferdinand de Saussure représente ce qu'il entend par signification*<sup>28</sup>. (2007, p. 211, grifos nossos)

Os manuscritos dos alunos, citados por Pétróff, sendo um deles fonte para a elaboração do CLG, são concordantes quanto à utilização de apenas uma flecha ascendente por Saussure para esquematizar o *Signo*. Embora Pétróff veja uma lógica no acréscimo da segunda flecha

<sup>28</sup> “Saussure colocou somente uma flecha, ascendente: os manuscritos de Degalliers e de Constantin são uniformes. A dupla flecha introduzida pelos Editores tem uma certa lógica na sua apresentação do signo linguístico (a contraparte recíproca), mas a flecha única ascendente de Ferdinand de Saussure representa o que ele entende por *significação*” (tradução nossa).

pelos editores para a apresentação das contrapartes do signo, ele acredita que o esquema que contém uma única flecha ascendente, representa o que Saussure entende por *Significação*. A flecha não tinha o objetivo de apontar as contrapartes, mas de estabelecer uma relação de *Significação*.

Essa ressalva que Pétroff faz quanto ao trabalho dos editores é uma questão interessante para refletirmos sobre a *Significação*. No capítulo “O Valor Linguístico”, do CLG, quando Saussure trata do aspecto conceitual do *Valor*, ele vai fazer uma distinção entre *Valor* e *Significação*<sup>29</sup>. Neste ponto, a discussão empreendida por Saussure torna-se um tanto quanto confusa, pois primeiro ele assume que a *Significação* é a contraparte do *Significante*: “Ela não é, como o indicam as flechas da figura [ver página 50], mais que a contraparte da imagem auditiva” (CLG, p. 133). Contudo, logo em seguida ele oferece uma visão da *Significação* como a apreendida no EDL: “Tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, *nos limites da palavra considerada como um domínio fechado existente por si próprio*” (CLG, p. 133, grifos nossos). Neste trecho, já conseguimos visualizar a *Significação* na relação entre as duas partes do *Signo*, que nos parece estar representado na citação por outro termo, a saber, *Palavra*. Saussure aborda um domínio fechado e existente por si próprio no qual nós enxergamos, novamente, a *Positividade* que é efeito das relações diferenciais do *Sistema*. A *Significação* aparece, curiosamente, no domínio da *Palavra*, limitada a ela, sendo, portanto, efeito do *Sistema*.

Considerando o que foi dito acima, a questão das duas flechas postas pelos editores parece bastante pertinente aqui. Embora saibamos que também no EDL Saussure usará o termo *Significação* em duas acepções distintas, isto é, como contraparte de *signo* (ou *Forma*, etc.) e como a relação significativa e positiva entre as partes do *Signo*, no capítulo do CLG que acabamos de retomar, a junção dessas duas acepções provocada pela dupla de flechas inseridas por Bally e Sechehaye causou mais uma dificuldade no entendimento da *Significação* formulado pelo mestre genebrino. Como foi observado por Pétroff, a inserção das duas flechas pelos editores tinha a intenção de demonstrar outro fenômeno, a saber, a solidariedade das partes do *Signo*, já a flecha uma que Saussure utilizou pretendia, ao que tudo indica, demonstrar sua visão de *Significação* estabelecida no fato positivo que é um efeito, um mecanismo da própria língua, que possibilita sua realização na instância da fala.

---

<sup>29</sup> Não nos deteremos nos pormenores da discussão que Saussure levanta uma vez que já fizemos isso na seção 3 deste trabalho. No momento, focaremos no elemento novo levantado por Pétroff.

Desta discussão, surge outro ponto interessante quanto à *Significação*. Sempre que Saussure trata do acoplamento dos elementos negativos e diferenciais do *Sistema* de maneira que eles estejam numa união indissolúvel, há, em consequência disto, um chamamento da *Significação*. No CLG, quando tratava da natureza do signo linguístico, Saussure disse que:

*Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina **arbor**, ou a palavra com que o latim designa o conceito ‘árvore’, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar.* (CLG, p. 80, grifo do autor em negrito e nossos em itálico).

A união dos dois elementos pela língua produz uma *Significação* de maneira que o que foi consagrado pela língua e que resultou num fato positivo parece para nós uma realidade, uma unidade fechada e abandonamos qualquer outra que não seja aquela. *Significação* e *Positividade* estão intimamente unidas, pois a primeira é, ilusoriamente, o único aspecto positivo que a língua comporta, tudo o mais é negativo. Saussure reitera isso frequentemente, o essencial da língua não está em nada positivo, pois este é apenas um efeito do que é negativo e diferencial:

*Parece-me que se pode afirmar [...]: jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente **diferencial**, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos precipitadamente, uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência – embora talvez, eu admito, somos desafiados a reconhecer que sem essa ficção o espírito seria literalmente incapaz de dominar uma tal quantidade de diferenças, em que não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referência positivo e firme.* (ELG, p. 61, grifo do autor em negrito e nosso em itálico).

Saussure, no trecho acima, expressa, mais uma vez, que a língua se estabelece nas diferenças dos elementos em seu *Sistema*, ao mesmo tempo que admite que a ficção da positividade é inevitável para o falante. Entendemos que o falante necessita de fatos positivos concedidos pela própria língua, que em sua essência se nutre de fatos negativos. A *Ficção*, a *Ilusão*, a *Positividade*, tudo isto convoca a *Significação*.

Encerremos aqui a discussão sobre o *Signo* e suas partes para passarmos ao *Valor*. Queremos, contudo, ressaltar mais uma vez que em nenhuma parte do EDL podemos encontrar os termos eleitos pelo mestre genebrino durante os cursos em Genebra e evidenciados pelos editores do CLG, *Significado* e *Significante*. Se os utilizamos, foi simplesmente para uma melhor compreensão do pensamento de Saussure a partir de sua herança difundida pela obra póstuma.

#### 4.1.2 Valor

Para fechar esta primeira parte da seção dedicada ao EDL, iremos nos deter na noção de *Valor*. Como já vimos, no momento que abordamos a *Língua* no manuscrito, a noção de *Valor* é o que a define, tal qual a conhecemos a partir do capítulo “O valor linguístico” do CLG. Esta noção, podemos notar ao longo da leitura do manuscrito, está muito bem delineada, o que é um fato extremamente interessante. Considerando que este manuscrito começou a ser escrito por volta de 1891, quando Saussure iniciou o primeiro curso em Genebra, no ano de 1907, parece já ter estabilizado esse conceito, de modo que não se percebe oscilações consideráveis no CLG em relação a ele, como demonstrou nosso trabalho nas seções anteriores. A mesma coisa não se pode dizer de outros termos como *Signo*, *Significação*, *Ideia*, etc. Barbosa (2018, p. 9) afirma, quanto ao EDL, que a noção de *Valor* “é na verdade o primeiro a ganhar maturidade na reflexão saussuriana, muito antes do autor ter fixas as noções de signo linguístico, significante/significado, língua/fala, e mesmo sincronia/diacronia”.

Considerando que já abordamos indiretamente o *Valor* quando tratamos sobre *Língua*, nos deteremos em alguns de seus aspectos importantes expressos por Saussure ao longo do manuscrito.

Na seção 3f, intitulada pelos editores de *Valor, sentido, significação...*, ocorre, provavelmente, a mais importante elucubração de Saussure quanto ao *Valor* de todo o EDL:

*Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos **valor**, **sentido**, **significação**, **função** ou **emprego** de uma forma, nem mesmo com a **idéia** como **conteúdo** de uma forma: esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que **valor** exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não **significa**, mas **vale**; esse é o ponto cardeal. Ela **vale**, por conseguinte ela implica a existência de outros **valores**.* (ELG, p. 30, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Examinemos por partes a citação acima. Primeiramente, Saussure nos surpreende ao dizer que *Sentido* e *Significação* são sinônimos de *Valor*. Ele diz não fazer distinção “séria” entre essas palavras, contudo escolhe o termo *Valor* como a melhor palavra para expressar a essência da língua. Uma primeira informação importante é que ele está tentando definir *Valor* em relação à *Forma* acompanhada ou não de sua contraparte, que seria a *Ideia*. Isso nos remete à citação, do CLG, que trouxemos há pouco em que Saussure nos diz que a negatividade absoluta da língua só se dá em relação ao *Significado* e ao *Significante* tomados separadamente. Quando Saussure busca definir o *Valor* em relação à *Forma*, ele está tratando objetivamente da essência negativa da língua. Trata-se de algo da ordem interna do *Sistema* onde só há o

*Diferencial, Relativo e Negativo*. Ali não há lugar para a *Significação* enquanto fato positivo da língua, como vimos anteriormente, pois é o “reino” da negatividade absoluta. Aos poucos, vamos vislumbrando o processo da construção teórica elaborada por Saussure. Na citação acima, apesar de não fazer distinção significativa entre os termos *Valor, Sentido, Significação, Função* e *Emprego*, Saussure elege o primeiro deles dizendo que na língua uma “forma não significa, mas vale”. A escolha do termo *Valor*, dentre os outros, como sendo o que melhor exprime a essência da língua, ou seja, a sua negatividade, demonstra ser pelo fato dos outros termos evocarem, justamente, o fato oposto à essência da língua, isto é, a *Positividade*, uma existência, ainda que ilusória, em si mesma. O termo *Valor* nunca se encerra em si mesmo uma vez que convoca outros valores.

Notem que ele deixa claro que está tratando da língua e não de sua realização, mas ainda assim ele colocará entre os termos em que não vê uma distinção “séria” o termo *Emprego*, causando, novamente, estranheza e confusão para quem lê seu manuscrito. O termo *Emprego*, como dissemos ao tratar da *Significação*, expressa ação, realização e, sendo assim, está mais ligado à instância da fala que da língua. O fato de ele aparecer no momento em que Saussure discorre sobre o *Sistema* pode dar força a uma proposição de Bouquet (2009, p. 175) que, criticando a dicotomia linguística da língua/ linguística da fala, evidenciada no CLG, postula:

[...] a lingüística da língua como inseparável da lingüística da fala, ela desenha a heurística de uma dupla lingüística na qual, formalmente, são os valores da língua que fazem aparecer os valores da fala e vice versa. (Grifos nossos).

Se pensarmos pela ótica de Bouquet, esse “deslocar” de Saussure da língua para a fala, perceptível, neste caso pelo termo *Emprego*, pode ser indício de que o mestre genebrino recorria à linguística da fala para, em certos momentos, explicar melhor ou evidenciar os fatos negativos da língua. Isso é apenas uma possibilidade, mas é algo interessante para desfazermos algumas “estranhezas” no escopo saussuriano.

Passemos agora a uma segunda informação importante quanto à primeira citação relacionada ao *Valor*, que está no fato de que Saussure não está tratando somente da *Forma* em si, mas também quando esta vem acompanhada de sua contraparte. Quando ele se refere à *Valor* como sendo a melhor palavra para expressar a essência da língua, está considerando tanto a *Forma* em separada (somos levados a acreditar que também a *Ideia* em separada), quanto em conjunto com sua contraparte, o que demonstra que mesmo o acoplamento dos elementos negativos do *Sistema* tem sua essência negativa e que nele este *Signo* não tem *Significação*, mas *Valor*.

Consideramos necessário repetir, aqui, que, para Saussure, o que há de positivo em uma língua é efeito dela, uma ilusão, uma ficção. Diante disso, a noção de *Valor* é a que melhor define o funcionamento do *Sistema*.

Avançemos mais na discussão. Na seção 3g, Saussure continua tentando estabelecer a relação entre *Valor* e *Forma*. Inicia dizendo que “O **sentido de cada forma, em particular**, é a mesma coisa que a **diferença das formas entre si**. *Sentido = valor diferente*” (ELG, p. 30, grifos do autor em negrito e nossos em itálico). Ele vai delineando cada vez melhor o funcionamento do *Sistema* expresso no termo *Valor*. Agora acrescenta que *Sentido* seria o mesmo que *Valor diferente*. Temos aqui duas instâncias distintas em que uma é totalmente dependente da outra. O que para o falante é um fato positivo, isto é, uma *Significação*, um *Sentido*, etc.; no *Sistema*, é um *Valor diferente*, pois a língua repousa sobre fatos negativos, nela nada é, tudo depende do que está fora de cada elemento, de como eles se relacionam e se diferenciam: “Há, então, antes de tudo, **valores** morfológicos; que não são **idéias** e também não são **formas**” (ELG, p. 31, grifos do autor). Na língua, considerada em si mesma, só há *Valor diferente*, mas para o falante há *Significação*, o que permite a realização, ou seja, a fala. Aqui, retomamos Depecker (2012) assumindo com ele que o *Sentido* ou a *Significação* é totalmente dependente do *Valor*.

Gostaríamos ainda de destacar mais um trecho de EDL, desta vez da seção 21, onde Saussure utilizará o exemplo, tão conhecido entre nós através do CLG, do jogo de xadrez para a compreensão da noção de *Valor*:

Assim como no jogo de xadrez, *seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido*, quando se considera verdadeiramente a **língua**, buscar o que é cada elemento por si mesmo. *Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções*. (ELG, p. 63, grifo do autor em negrito e nossos em itálico).

A metáfora do jogo de xadrez, tão característica do CLG, não poderia deixar de aparecer no EDL para estabelecer as bases de um “sistema de valores puros” tal qual formulado posteriormente. Assim como as peças de xadrez não têm *Valor* fora dele, uma vez que *Valor* evoca valores, *Sistema*, etc., também os elementos da língua, fora dela, são desprovidos do *Valor* tão essencialmente ligado a ela. Outra coisa importante para se destacar do trecho acima é o fato de Saussure, mais uma vez, amarrar a noção de *Valor* à língua. Quando ele fala em considerar “verdadeiramente” a língua, está chamando a atenção para o *Sistema*, para a língua em si mesma. Lá é o lugar do *Valor* e desse lugar, ou seja, do que acontece ali é que se depreende o que tomamos por existente, por positivo, etc.

Tendo o *Valor* como a expressão da essência da língua, vemos que no EDL todos os termos que abordamos até agora são dependentes dele: *Signo (Forma, Palavra), Ideia, Significação, Sentido*. Saussure, logo no início do manuscrito dirá que:

Parece impossível, de fato, dar preeminência a tal ou tal verdade da linguística, de maneira a fazer dela o ponto de partida central: mas há cinco ou seis verdades fundamentais tão ligadas entre si que *se pode partir indiferentemente de uma ou de outra que se chegará logicamente a todas as outras* e à mais ínfima ramificação das mesmas consequências, partindo de qualquer uma dentre elas. (ELG, p. 21, grifos nossos)

De fato, no CLG, Saussure parte dos *Signos* para chegar ao *Valor*, passando por todos os outros termos desta órbita semântica saussuriana; já no EDL, partindo de uma concepção de língua enquanto *Sistema* de valores, ele vai da noção de *Valor* a todas as outras. Uma verdade fundamental da língua sempre levará a todas as outras. Encerramos assim esta primeira parte dedicada à língua, aos *Signos* e aos valores.

## 4. 2 Materialidade e Sentido

Até aqui, no EDL, vimos o *Sentido* em duas acepções. A primeira como contraparte de *Forma*, o que equivaleria a dizer, como *Significado*. Esta acepção, também vimos expressa no CLG. A segunda acepção está ligada à positividade, neste caso, *Sentido* seria o mesmo que *Significação*, ou seja, a relação positiva estabelecida pelo falante na junção dos elementos diferenciais do *Sistema*. Quanto a esta segunda acepção, cabe fazer uma consideração importante. Saussure escolheu o termo *Valor* dentre os outros que, segundo ele mesmo, eram sinônimos, pois este, melhor que os outros, expressava a essência da língua. Como já dissemos anteriormente, do EDL para o CLG esse termo não apresenta uma oscilação considerável, o que sugere que Saussure logo estabilizou essa noção em sua reflexão linguística por ser ela a mais produtiva teoricamente. Os outros termos que vimos até agora apresentam uma grande alternância e, muitas vezes, são empregados em mais de uma acepção. Essa alternância e utilização de um termo em mais de uma acepção parece indicar que Saussure buscava uma estabilização também para eles. Considerando isto, bem como a comparação que fizemos entre CLG e EDL, assumimos, neste trabalho, que os indícios apontam para o termo *Significação* como sendo capaz de designar a relação entre os elementos e o fator positivo que resulta disso. Embora Saussure também utilize, no EDL, o termo *Sentido* nesta mesma acepção, acreditamos que este termo se encaminhava para uma estabilização em outro lugar, ou melhor, para definir outra coisa, e é justamente nesta acepção diferente que focaremos nesta última parte desta seção.

Dito isto, queremos alertar o leitor que ignoraremos (a não ser quando relevante) as acepções de *Sentido* tratadas anteriormente, de modo que não nos disporemos a comentar, nas citações que trouxermos, trechos que remetam a essas acepções de modo secundário, isto é, que não seja o foco do que está sendo tratado aqui.

Iniciemos, então, pelo próprio título do manuscrito saussuriano: *Da Essência Dupla da Linguagem*. Em que consiste essa dupla essência? Saussure esclarece, logo a princípio, que não se trata de uma oposição entre *Forma* e *Sentido*, ou seja, entre o que conhecemos por *Significado* e *Significante*: “É errado (e impraticável) opor a **forma** e o **sentido**. O que é certo, em troca, é opor a **figura vocal**, de um lado, e a **forma-sentido** de outro” (ELG, p. 21, grifos do autor). Este trecho deixa evidente a coerência de Saussure ao longo de seus escritos. Ele sempre chama a atenção para o fato de que as partes da entidade linguística são ambas psíquicas, sendo assim, não estão em lugares diferentes, pertencem ao mesmo domínio: “Há um primeiro domínio, *interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação*, um indissolivelmente ligado ao outro” (ELG, p. 24, grifos nossos). As duas partes do *Signo* pertencem ao interior da língua, estão no domínio psíquico, ali não há materialidade, *Substância*, ali está a língua e seu *Sistema* de valores relativos e diferenciais.

Saussure chamará atenção também para a necessidade de saber distinguir os fenômenos existentes na língua, sendo eles de dois tipos: “[...] fenômenos **internos** ou de consciência e os fenômenos **externos**, diretamente detectáveis” (ELG, p. 21, grifos do autor). Ele vai aos poucos delineando o que quer dizer com *Essência Dupla*. Resta-nos, como ele sugeriu, saber distinguir a que lado pertencem os fenômenos que, em nossas pesquisas sobre língua, analisamos. Pensando deste modo, a que tipo de fenômeno pertence o *Sentido*? Interno ou externo? Se partirmos da acepção, que inicialmente identificamos no CLG, o *Sentido* pode ser considerado como fenômeno *Externo*? São perguntas importantes para chegar à resposta de nossa questão principal sobre o lugar que este termo ocupa na teorização saussuriana. Avancemos na discussão para respondê-las.

#### 4.2.1 Figura Vocal parte I

Para compreendermos a relevância da materialidade nos fenômenos da língua, ainda que *Externos*, tomemos como exemplo a *Figura Vocal*. Ao comentar sobre o princípio do dualismo, Saussure explicará que ele reside na “[...] dualidade do fenômeno vocal COMO TAL, e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (*objetivo*) e do fato físico-mental (*subjetivo*),

de maneira alguma do fato ‘físico’ do som por oposição ao fato ‘mental’ da significação” (ELG, p. 24, destaques do autor, grifos nossos). Temos assim o *Fenômeno Vocal* considerado a partir dele mesmo, que é *Externo* à língua e o temos também como *signo* sendo este *Interno* à língua. Notem, conforme destacamos acima, que Saussure coloca o fato físico como sendo objetivo, e o físico-mental como subjetivo. Essa distinção, feita por ele, será muito importante no decorrer destas páginas para compreendermos em que condições se apresenta a essência material da linguagem.

Voltemos à questão da *Figura Vocal*. Relembremos que Saussure apontou para um domínio “interno”, “psíquico”, onde existem tanto o *signo* quanto a *Significação*, ele também dirá que há um domínio *Externo* no qual reside apenas o *signo*, mas nesse caso não é, o *signo* propriamente dito: “[...] nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal” (ELG, p. 24, grifos nossos). Por que não chamar essa sucessão de ondas sonoras simplesmente de som? Por que a necessidade de um termo para designar a *Matéria* neste domínio? Essa escolha de um termo parece identificar uma *Matéria* já alterada pela própria existência de uma língua. Não parece ser o som a *Matéria* do *Significante*, mas algo já transformado.

#### 4.2.2 Matéria e Substância

Antes de prosseguirmos falando sobre a *Figura Vocal*, é hora de estabelecermos uma diferença entre *Matéria* e *Substância*, tal qual foi proposta por Louis Hjelmslev e que será de extrema importância para compreendermos o lugar do *Sentido* na reflexão saussuriana.

Para situarmos a discussão é necessário lembrarmos que para Hjelmslev há uma **forma**<sup>30</sup> e uma *Substância* tanto para o *Significado* quanto para o *Significante*, ou, usando os termos dele, para o conteúdo e para a expressão, respectivamente. Considerando uma das máximas saussurianas, a saber, de que língua é **forma** e não *Substância*, o linguista dinamarquês desenvolverá suas mais extremas reflexões a partir disto (FARIA; LIMA, 2017). Segundo Hjelmslev, a *Substância* é algo já modificado pela **forma**, é uma *Matéria* transformada em *Substância*:

[...] se dissermos que uma mesma forma semiótica pode revestir substâncias diversas, importa compreender que, na terminologia glossemática de que nos

---

<sup>30</sup> Forma, aqui, não se refere a uma contraparte, mas sim à configuração da entidade linguística pelas relações diferenciais e negativas do *Sistema*. Sempre que nos referimos a essa acepção, o termo “**forma**” aparecerá em negrito e não em itálico.

servimos, **substância** quer dizer **substância semiótica**:  $\Lambda *g^{o31}$ . A substância está sob o domínio da forma semiótica, ou  $*g^{o32}$ . É uma **substância semioticamente transformada**. *Ora, por paradoxal que possa parecer à primeira vista, é precisamente essa particular noção de substância que nos servirá para evidenciar a relação entre forma e substância.* (HJELMSLEV, 1991, p. 60-61, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Hjelmslev frisa que a *Substância* é a *Matéria* afetada pela **forma**. Uma *Substância* só existe em função de uma **forma**. A *Substância* não precede a **forma** de maneira alguma, inclusive essa é uma crítica do linguista dinamarquês para o genebrino, como ressaltam Faria e Lima (2017, p. 1037): “[...] segundo Hjelmslev, o modo como Saussure distinguiu forma e substância dá margem para o entendimento de que as substâncias da expressão e do conteúdo existem independentemente da forma linguística, ou, ainda, de que elas são anteriores a esta”. Pretendemos voltar a esta crítica feita por Hjelmslev, mas, por enquanto, continuemos a diferenciar *Matéria* e *Substância*. Destacamos no texto acima a parte em que Hjelmslev diz que a compreensão do que é *Substância* será necessária para evidenciar a relação que ele estabelece entre **forma** e *Substância*, já para nós, a compreensão do termo servirá para evidenciar o lugar do *Sentido* na reflexão de Saussure.

Já vimos que para Hjelmslev a *Substância* depende da **forma** e só existe em função dela. Ele também dirá que a “[...] a substância reflete a forma semiótica [...]” (1991, p. 61). Quanto à matéria, ele a definirá do seguinte modo:

*[...] a manifestante sem implicar que seja semioticamente formada, isto é, sem distinguir manifestante semioticamente formada e manifestante semioticamente não-formada, o que vem a ser uma noção de todo diferente, permitimo-nos propor o termo **matéria**.* (HJELMSLEV, 1991, p. 61, grifo do autor em negrito e nossos em itálico).

*Matéria* seria então, para Hjelmslev, o todo que não é distinguido por uma função semiótica, que não está ligado à **forma** e que, por consequência, não tem sua existência por meio dela. Essa distinção, feita pelo linguista dinamarquês, nos ajuda a entender a própria questão da dupla essência formulada por Saussure. O importante para compreendermos agora é que *Substância* seria algo selecionado pela língua, ou pela **forma** conforme a reflexão de Hjelmslev, em meio à *Matéria*, de modo que tanto uma quanto a outra tem sua importância para os fatos linguísticos ou para melhor captá-los.

Na seção 28 do EDL, Saussure discorre, brevemente sobre o que ele chama de *Substância Linguística*. Nela não fica muito claro o que ele entende por *Substância*, mas conseguimos extrair detalhes importantes sobre este termo. Primeiro, ele diz o seguinte: “Nós

<sup>31</sup> Fórmula que representa a *Substância* semiótica (tanto da expressão quanto do conteúdo) (HJELMSLEV, 1991).

<sup>32</sup> Fórmula que representa a **forma** semiótica (tanto da expressão quanto do conteúdo) (HJELMSLEV, 1991).

tendemos perpetuamente *a converter pelo pensamento, em substância, as ações diversas que a linguagem necessita*” (ELG, p. 75, grifos nossos). Aqui, o papel da massa falante é bem evidenciado. Saussure dá a entender que é ela que seleciona da *Matéria* a *Substância* que a linguagem necessita. É interessante notar o termo que Saussure usa, *converter*, isto implica transformação. Conseguimos enxergar, neste ponto, uma aproximação teórica com o que foi proposto por Hjelmslev, sendo que este diz que a **forma** é que seleciona a *Substância*, que por sua vez está completamente submetida a ela e só existe em função dela. Podemos dizer que essa seleção da *Substância* pela **forma**, na visão saussuriana, se daria mediante a massa falante, mas retornaremos a isto mais a diante a partir de um exemplo do próprio Saussure.

A segunda coisa a se destacar, na parte em que Saussure trata da *Substância Linguística*, é um pouco mais obscura: “Haverá quatro gêneros de ‘substância’ linguística, que correspondem às quatro formas de existência da língua” (ELG, p. 75). O trecho enigmático nos é de difícil interpretação. O termo *Substância* aparece entre aspas, o que não acontece na citação anterior, nem na que se sucede a esta, o que indica que essa *Substância* pode não ser exatamente uma *Substância*. A sugestão que fazemos para interpretar esses quatro gêneros de *Substância* consiste no seguinte: Dois gêneros de *Substância* parecem estar ligados à língua pensada a partir do ponto de vista sincrônico, seriam eles a *Substância do Significado* e a *Substância do Significante*. Estes dois gêneros de *Substância*, usando a terminologia de Hjelmslev, seriam considerados a partir da **forma**, ou seja, estariam ligados à **forma** do conteúdo (*Significado*) e à **forma** da expressão (*Significante*). Os outros dois gêneros estariam ligados a uma visão diacrônica da língua, na qual temos a *Substância* fônica no *signo* isolado do *Sistema* (ou seja, separado da *Ideia*, que é passível de transmissão, como admitirá o próprio Saussure). Também podemos imaginar uma *Substância* conceitual na *Ideia*, igualmente isolada do *Sistema*. Nestes dois casos, temos gêneros de *Substâncias* linguísticas apreendidas ou reconstruídas do ponto de vista diacrônico. É importante destacar que os termos sincronia e diacronia não aparecem no EDL, embora os pontos de vista a que remetem esses termos já estivessem bem firmados pelo mestre genebrino, como atestam seus escritos.

A maneira como interpretamos o texto do EDL acima é apenas uma sugestão possível do que queria dizer Saussure, contudo, o que podemos, com total propriedade, extrair da citação é que *Substância* corresponde à língua e, aqui, é importante ressaltar que Saussure usou *Substância* e não *Matéria*.

Queremos ainda destacar a afirmação de Saussure que encerra a parte dedicada à *Substância Linguística*: “Não há como admitir qualquer *substância fundamental que receba*

*atributos depois*” (ELG, p. 75, grifos nossos). Este último trecho indica ser o fechamento do primeiro que trouxemos. A *Matéria* é “convertida” em *Substância* pela massa falante e, como *Matéria* transformada é tomada pela língua para suas formulações. Tudo que é utilizado pela língua já é algo transformado. *A priori* parece dar razão a crítica de Hjelmslev de uma existência anterior da *Substância* ante a **forma**, vemos, contudo, na teorização de Saussure a evidenciação de que a *Matéria* de que se utiliza a língua não é qualquer uma, mas uma *Substância* transformada pela própria língua, de modo que essa *Substância* existe em função dela. Talvez, neste caso, seja melhor dizer que a *Substância* é transformada pela língua e existe em função dela, do que falar em **forma**. Para Saussure, tanto uma quanto outra é preparada pela língua, então o que dá a entender, em sua reflexão, que a *Substância* seja independente da **forma** não esteja, de fato, longe de sua concepção de língua. Nem **forma**, nem *Substância* são independentes da língua e elas existem pelas funções que exercem em um determinado *Sistema* de língua.

Em outro trecho do EDL, Saussure dará ênfase a *Substância* da língua e da importância de seu estudo para a compreensão dos fenômenos linguísticos:

Se não fosse pelo fato, em suma contingente, de que *os materiais da língua se transformam e acarretam, só por sua mudança, uma metamorfose inevitável nas próprias condições do jogo, não seria necessário, e jamais se teria considerado, escrutinar a natureza exata desses materiais*: seria um esforço positivamente inútil. (ELG, p. 63, grifos nossos).

Os “materiais da língua” tem a ver com *Substância* e não com *Matéria*. A *Matéria* transformada, isto é, a *Substância* pela ação do tempo passa por mudanças e, por isso, causa, nas palavras de Saussure, “uma metamorfose inevitável nas condições do jogo”, ou seja, provoca mudanças no *Sistema*. Já vimos no CLG, que a mudança linguística se dá mediante o deslocamento da relação entre *Significado* e *Significante* e, também, que esse deslocamento tem como gatilho uma alteração de ordem material. Uma mudança chega ao *Sistema* por meio da *Substância* que provoca o deslocamento entre *Significado* e *Significante*. Saussure frisa, então, que é por essa característica dos materiais da língua que eles merecem um escrutínio a propósito de sua natureza, contudo se não estivermos considerando isso, sua análise é inútil para um estudo eminentemente linguístico.

Quanto à *Matéria*, o que podemos compreender do escopo saussuriano, vem quase que exclusivamente do que ele entende por *Substância*. Embora Saussure não dê nenhuma definição de *Matéria*, ele nos oferece um vislumbre da importância dela para a língua e para os estudos linguísticos. Ao contrário do que se pensa quando se tem uma leitura superficial de Saussure, ele não ignora a materialidade da linguagem, nem tampouco a rejeita como insignificante para

a linguística, o que faz, na realidade, é, constantemente, chamar a atenção do linguista para o seu objeto, ou seja, a língua em si mesma. A *Matéria* aparece na língua não de maneira pura, mas sempre como algo transformado, modificado pela própria língua. Sua importância se dá pelo fato de ela fornecer a *Substância* que a língua necessita e, somente enquanto *Substância*, é que ela é apreendida pela linguística.

A partir dessas reflexões retomemos a nossa discussão, mas desta vez tendo em mente a distinção entre *Matéria* e *Substância*, formulada por Hjelmslev, bem como a importância, enfatizada por Saussure, da *Substância* para uma melhor compreensão dos fatos linguísticos. Também chamamos a atenção do leitor para *Matéria* enquanto fornecedora dessa *Substância* linguística.

#### 4.2.3 Figura Vocal parte II

Retornemos, agora, à *Figura Vocal*. Saussure dará outros exemplos para que se compreenda essa expressão. Tomemos, neste momento, o que foi oferecido na seção 6e do EDL, sobre a passagem do termo em questão para *Forma*:

*Uma figura vocal se torna forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um **pedaço de pano**, jogado no fundo do navio, se torna um sinal no instante em que é içado” (ELG, p. 38, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).*

A *Matéria* se transforma, se torna *Forma* no momento em que entra no *Sistema*. Tanto a *Forma* quanto a *Significação* são produtos do *Sistema* e têm sua existência nele e por meio dele. A *Matéria* prima, da qual a língua faz uso, não pertence ao domínio do *Signo Linguístico*, pois, uma vez que é tomada pela língua, já não é mais tão somente *Matéria*, mas produto das relações e diferenças do *Sistema*. Retomemos a citação de Lier-DeVitto (2018, p. 811), vista na seção dedicada à língua, que tratando da noção de *Valor*, afirma ser por meio dela, que Saussure “liberta” o *Signo* de qualquer motivação material:

Com a segunda definição de língua como **um sistema de valores puros** e do entendimento do signo linguístico como **efeito das relações do sistema**, penetramos no domínio da negatividade em que o **sistema é mobilidade simbólica** e o **signo é valor flutuante**, definido no ‘só depois’ das operações do Sistema. *Saussure libera o signo de qualquer motivação ligada à substância conceitual ou fônica [...].* (grifos da autora em negrito e nossos em itálico).

Observemos duas coisas importantes na colocação de Lier-DeVitto. A primeira é que o estabelecimento, feito por Saussure, da língua como um *Sistema* de valores puros é o corte profundo e fundamental que separa a linguística dos estudos filosóficos sobre a língua, de

maneira que, neste *Domínio da Negatividade*, já não há espaço para o entendimento do *Signo* como representação, na sua existência em outro lugar que não seja a língua, ou ainda, de sua preexistência à língua. Tudo é produto das relações do *Sistema*. É nessa perspectiva que se entende o *Signo* como *Valor Flutuante*. Assim voltamos a uma das máximas saussurianas: não se trata mais do que o *Signo* é, mas sim do que ele não é. A segunda coisa a se destacar é o reconhecimento da autora de duas *Substâncias* distintas, uma ligada ao *Significante*, já tão conhecida pelos leitores do CLG, que ela chama de *Substância* fônica; a outra ligada ao *Significado*, esta trabalhada por Hjelmslev (2006) em seus *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, explorado por nós na segunda seção deste trabalho, que Lier-DeVitto chamará de *Substância* conceitual.

Refletindo ainda sobre o exemplo de Saussure destacado mais acima, observemos que a *Figura Vocal* é desprovida de qualquer *Significação* prévia, ela só passa a significar quando entra “no jogo dos signos”, quando deixa de ser *Figura Vocal* para tornar-se *Forma* em uma língua. Saussure compara a *Figura Vocal* a um pano jogado no fundo de um navio, que posteriormente é içado e passa a ter uma *Significação*. Considerando o que foi dito por Hjelmslev quanto à *Substância* ser *Matéria* semioticamente transformada, podemos fazer uma análise mais profunda do exemplo dado por Saussure. O navio, no qual está o pano, representa um domínio, o do som, por exemplo, nele tudo é *Matéria*, mas não é a *Matéria* em si, ou melhor não é qualquer *Matéria* que entrará em jogo, precisa ser uma *Matéria* transformada pela própria língua. Notem que não importa qual seja o tipo de tecido de que é feito o pano, contudo ele precisa obedecer um certo padrão para servir, digamos, como uma bandeira. Até um pano de prato ou de chão poderia ser uma bandeira de paz desde que obedecessem ao padrão necessário, que no caso seria ter a cor branca e um formato retangular ou quadriculado, ou semelhante a esses. Não podemos dizer que qualquer coisa naquele navio poderia ser içado como uma bandeira, por exemplo, um balde ou uma cadeira. De fato, são *Matérias*, mas não *Substâncias*, isto é, a língua não fez seus recortes nessas porções materiais. Talvez possamos complementar com um exemplo do próprio CLG. Quando Saussure diz que na perda de uma peça do jogo de xadrez, no caso o cavalo, poderíamos o substituir por alguma coisa equivalente e totalmente desprovida da semelhança de um cavalo (como uma pedrinha ou uma tampinha de garrafa), não está considerando que podemos colocar qualquer coisa no lugar do cavalo, pois sabemos que teríamos sérios problemas no jogo se no lugar do cavalo colocássemos um objeto que por seu tamanho ocupasse mais de um quadrado no tabuleiro. Hjelmslev, ao retomar esse mesmo exemplo deixa evidente essa questão quando diz que o objeto que deve substituir o cavalo

precisa ser “de tamanho adequado” (HJELMSLEV, 1991, p. 39). Com estes exemplos, queremos chegar no seguinte ponto: toda *Substância é Matéria*, contudo nem toda *Matéria é Substância*.

Quando questionamos o fato de Saussure escolher um termo específico para designar a *Matéria* de que se serve o *Significante* ao invés de chamá-lo, simplesmente, de som, queríamos evidenciar a atitude do mestre genebrino diante da materialidade da linguagem, que, segundo ele mesmo, faz parte da essência da linguagem. Ora, o som puro não pode ser a *Substância* do *Significante*: o girar de uma roda, o cair de um objeto, a buzina de um carro<sup>33</sup>, etc. Tudo isto são sons, são *Matérias*, mas para servir ao *Significante* precisa, necessariamente, ser uma *Figura Vocal*, isto é, uma *Matéria* fônica que já foi transformada em função da língua e que é tomada por ela para sua *Substância*. Como disse Stawinski (2019) “A questão não é simplesmente o aspecto vocal, mas o valor que pode ser atribuído à materialidade” (p. 77). A *Figura Vocal* traz em si a potencialidade de ser tornar o *Significante* de uma língua, potencialidade essa concedida pelo próprio *Sistema*, através da massa falante e, parafraseando Stawinski, podemos ver nisto a necessidade da materialidade para a linguagem.

#### 4.2.4 Sentido como Substância

Abordamos a *Figura Vocal* para traçar um paralelo com o termo *Sentido* numa acepção de *Substância* do *Significado*. Do mesmo modo que a *Substância* do *Significante* não é o som puro, ou seja, a *Matéria*, mas sim uma *Figura Vocal*, acreditamos que também não é o *Pensamento* a *Substância* do *Significado*, mas sim o *Sentido*.

Na seção 8 do EDL, já citado por nós, Saussure apresenta três domínios. O primeiro, que ele denomina como sendo não linguístico, é o do *Pensamento Puro* que ele define como composto de “quantidades absolutas” (ELG, p. 43). O terceiro domínio, este já linguístico, é o do *Som Puro* ou “daquilo que serve de signo” fora da “relação com o pensamento” (ELG, p. 43). Entre esses dois domínios está a *Língua* e nele “é inútil querer considerar a idéia fora do signo e o signo fora da idéia” (ELG, p. 43). Assim como no CLG, aqui também a *Língua* aparece como o ponto de junção entre o *Pensamento* e o *Som*. Só através da língua, dirá Saussure, “[...] o *pensamento* se torna IDÉIA NO SIGNO [...]” e “[...] a *figura vocal* se torna SIGNO NA

---

<sup>33</sup> Não ignoramos aqui o caso das onomatopeias como chuá, tique-taque, fom-fom, etc., mas como disse Saussure, no CLG, elas são pouco numerosas em uma língua e quando entram no *Sistema* “obedecem” ao mesmo princípio dos outros *Signos* (SAUSSURE, 2008). Sendo assim quando uma onomatopeia entra no *Sistema* já o faz como *Substância*, ou seja, não é mais qualquer som, não é qualquer matéria, mas algo já modificado pela própria língua e que tem sua existência totalmente dependente dela.

IDÉIA [...]” (ELG, p. 44, grifos do autor em negrito e nossos em itálico). Quando Saussure apresenta o terceiro domínio, ele não menciona a princípio a *Figura Vocal*, mas ela aparece, logo em seguida, curiosamente, quando trata do *Domínio Linguístico do Signo Vocal*. Então não temos mais um som que se torna *signo* na *Ideia*, mas uma *Figura Vocal* que se torna *signo*. Já o termo *Pensamento* perdura na explicação de Saussure. Vemos nisto o desenrolar da teorização saussuriana e sua busca por termos que possam, ainda que defeituosamente, corresponder a sua visão de língua. Uma hipótese é que o caminhar do projeto epistemológico de Saussure o levou a formular aquela breve passagem do CLG, em que trata da mutabilidade da língua, e na qual *Sentido* aparece como *Substância do Significado*:

*Poder-se-ia fazer acreditar que se tratasse especialmente de transformações fonéticas sofridas pelo significante ou então transformações do sentido que afetam o conceito significado. Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante. (CLG, p. 89, grifos nossos).*

Este trecho do CLG retoma o que tratamos anteriormente, quando Saussure falava da importância da *Substância* para a língua e para os estudos linguísticos. As mudanças que ocorrem nas *Substâncias*, sejam elas fônicas ou conceituais, acarretam o deslocamento da relação entre *Significado* e *Significante*, o que por sua vez proporciona mudanças no *Sistema*. Em nossa análise, conseguimos identificar essa *Substância Conceitual*, como o *Sentido* que, ao sofrer alterações de ordem material, se modifica, ocasionando um deslocamento na relação das duas partes do *Signo*. Conseguimos traçar então um paralelo entre o que Saussure chama de *Figura Vocal* para designar a *Substância do signo (Significante)* no EDL e o que ele chama de *Sentido* para designar a *Substância do Conceito (Significado)* no CLG.

Agora, vamos nos deter um pouco sobre o primeiro domínio apresentado por Saussure, este que seria o domínio não linguístico e que enxergamos como o lugar da *Matéria* transformada do *Significado*. O mestre genebrino o descreverá da seguinte maneira:

*É a esse domínio, pertença ele a que ciência for, que deve ser relegada toda espécie de categoria absoluta da idéia, se for realmente dada como absoluta, quando se pretende colocar, por exemplo, a categoria SOL, ou a categoria do FUTURO ou a do SUBSTANTIVO **contanto que sejam dadas como realmente absolutas e independentes dos signos vocais** de uma língua, ou das infinitas variedades de quaisquer signos. (ELG, p. 43, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).*

Este primeiro domínio parece ser um terreno difícil e Saussure caminha por ele com muita cautela. Ele o chama de *Domínio não Linguístico*, contudo suas palavras o colocam numa relação íntima com a língua. Ele não sabe, ou não quer dizer, a que ciência pertence este domínio, mas marca esse território como o lugar das *Categorias Absolutas*. Também

demonstra, quanto a essas tais categorias, um certo receio, o que é compreensível, pois, dentro da concepção de língua saussuriana, poucas são as coisas que podemos chamar de absolutas. Tentemos compreender melhor essa questão das *Categorias Absolutas*. Na seção 23, sobre *sentido próprio e sentido figurado*, Saussure dará o exemplo de uma locução como: “Maria é o meu sol<sup>34</sup>”. Em seguida, explica que o *Sentido* (figurado) dela é decorrente de uma relação com outros *signos* da língua, de modo que se existisse:

[...] um termo que significasse **dependência em que está a terra com relação ao sol**; ou, por outro lado, dois termos para sol, conforme ele se levanta ou se põe ou conforme seja comparado ou não a outros corpos celestes, é absolutamente duvidoso que se pudesse, ainda, empregar **sol** na locução supostamente figurada que foi empregada. (ELG, p. 67, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Para compreendermos melhor a citação acima, retomemos mais um pouco de Hjelmslev. Vimos na segunda seção deste trabalho como o linguista dinamarquês vê o *Sentido* numa acepção de percepção humana, de modo que o *Sentido* seria um fator comum em todas as línguas, organizando-se de maneiras diferentes de acordo com o *Sistema* de cada uma: “[...] [o sentido] é ordenado, articulado, formado de modo diferente segundo as diferentes línguas [...]” (HJELMSLEV, 2006, p. 56, comentário nosso), de modo que ele o considera “[...] como uma massa amorfa, uma grandeza não analisada, *definida apenas por suas funções externas* [...]” (2006, p. 56). Quando Saussure fala em *Sentido Próprio* parece estar considerando duas coisas: 1) a percepção humana, de maneira semelhante à proposta por Hjelmslev, bem como 2) a *Positividade* como efeito da língua. Há uma percepção compartilhada do que seja “sol”, como também há algo positivo para o falante do que é “sol”, isto é, há uma *Significação* de “sol” que se apresenta ao falante como uma unidade fechada. Essas duas condições parecem gerar uma *Categoria Absoluta*, ou seja, algo que tem uma existência independente da língua, contudo, essas tais categorias demonstram ser apenas mais uma ilusão da língua. Ao tomar a palavra “sol”, Saussure logo comprova que ela não tem nenhuma *Significação* própria, mas que mediante as relações do *Sistema* é que pode se dizer o que ela não é e não o que ela é. Por isso, Saussure afirma que não é a “idéia positiva, *a idéia exterior à língua, de SOL, que faz a imagem*: que é simplesmente a oposição com outros termos que são eles mesmos, mais ou menos apropriados [...]” (ELG, p. 67, destaque do autor, grifos nossos). Nesta citação podemos enxergar as duas forças que atuam para criar uma ilusória *Categoria Absoluta*. A ideia positiva é o resultado da própria língua e a ideia exterior seria a percepção compartilhada entre os falantes do que é o “sol”. Outra coisa importante para observamos é que Saussure não fará

---

<sup>34</sup> Sentença criada por nós a partir do exemplo do manuscrito.

distinção entre *Sentido Próprio* e *Sentido Figurado*, podemos acrescentar também outra expressão usada por ele, *Sentido Geral*. Para Saussure tudo isto é decorrente do *Sistema*. Cada um desses termos evocam uma positividade, uma *Significação* e, como já vimos com Lier-DeVitto, tudo isto é fruto de um “só depois”. Saussure nunca abre mão de falar que na língua o essencial é um fato negativo, já esses termos, como frisamos, evocam *Positividade*. Devido a isso é que Saussure dirá que é, justamente a negatividade da língua que “faz com que o sentido ‘próprio’ não passe de uma das múltiplas manifestações do sentido geral; esse sentido geral por sua vez, é apenas uma delimitação qualquer que resulta da presença de outros termos no mesmo momento” (ELG, p. 70). Assim, a *Positividade* de “sol” nada mais é do que uma delimitação que ocorre no *Sistema* pelas relações diferenciais e negativas. Saussure prosseguirá com o exemplo de “sol” para elucidar a questão:

[...] **sol** parece representar uma idéia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra **lua**: entretanto, quando Diógenes diz a Alexandre ‘Sai da frente do meu sol’, *não há mais, em sol, nada de sol a não ser a oposição com a idéia de **sombra*** [...]”. (ELG, p. 68, grifos do autor em negrito e nossos em itálico).

Este *Sentido Próprio*, que a princípio seria um atributo da *Palavra*, é, na realidade, só mais uma *possibilidade* do *Sistema*, isto é, ele tem um *Valor* diferencial e negativo que se estabelece nas relações, no âmago deste mesmo *Sistema*. Saussure não ignora o fato de existir *uma Ideia*, digamos *Primitiva* (ou um *Sentido comum*, na perspectiva de Hjelmslev), que de algum modo, exista fora do *Sistema*, ele apenas não considera que essa entidade seja parte do estudo da linguística: “Não cabe ao linguista examinar onde pode começar, realmente, essa libertação do signo vocal, se certas categorias preexistem e se outras pós-existem ao signo vocal [...]” (ELG, p. 43). Aquilo que pós-existe ao *Signo Vocal* é fruto do próprio *Sistema*. O *Emprego* ajuda a consagrar determinadas **formas** ao ponto em que, na consciência do falante, parece haver um *Sentido* que lhe é próprio, de modo que, ainda que aparentemente externas ao *Sistema*, elas são providas de uma *Significação* possível a partir deste mesmo *Sistema*. Podemos pensar, por exemplo, na possibilidade dos dicionários. Quando vamos consultá-los não encontramos ali os valores da língua, mas um fato positivo que é efeito da língua, embora só seja possível sua elaboração a partir de um paralelo com diversas outras palavras. No dicionário, temos algo positivo, mas seu esquema precisa de uma base mínima do *Sistema* que está fundamentado nas relações e nas diferenças. Sendo assim, aquilo que parece um atributo da palavra é apenas um *Valor*, que, em algum momento se consagrou, mas que foi estabelecido pelas relações diferenciais e negativas.

Pensemos agora na preexistência de um termo qualquer. Esse é um ponto importante para não derraparmos fora da estrada saussuriana. Bouquet (1997) diz que Saussure admite que entre *Significado* e *Significante*, se um dos dois tivesse fundamento em si mesmo, este seria o *Significado*; ele confirma isto com uma nota preparatória do próprio Saussure: “Si l'un des deux côtés du signe linguistique pouvait passer pour avoir une existence en soi, ce serait le côté conceptuel, l'idée comme base du signe<sup>35</sup>” (*apud* BOUQUET, 1997, p. 112). O mestre genebrino deixa escapar a *possibilidade* de uma preexistência à língua de um termo, mas o que, especificamente, quer dizer isto? Recorramos, mais uma vez, a um paralelo com a *Figura Vocal*. Como já dissemos, esta expressão, escolhida por Saussure para designar a *Matéria* transformada do *Significante*, nos revela que não é o som, pura e simplesmente, a *Matéria*, mas é algo já selecionado e alterado pela própria língua para lhe servir de *Substância*, de modo que a *Figura Vocal*, traz em si a potencialidade de ser essa *Substância*, que lhe foi outorgada pela própria língua. Lembremos do exemplo do *pano jogado no fundo do navio*, usado por Saussure para falar da *Figura Vocal*; este pano (*Figura Vocal*) não era a *Forma*, mas existia em algum lugar do navio, embora sem importância para seu *Sistema* de sinalização até o momento do seu “içar”. Apenas no “Só depois”, deixa de ser um pedaço de pano para ser uma bandeira. No entanto, sua existência antes do “içar” é inegável. Diante disso, destacamos ainda duas coisas: a primeira é que o que existe de modo independente da língua é a *Matéria*, essa está lá e para existir não precisa da língua; a segunda coisa é que a *Figura Vocal*, tem uma existência enquanto *Matéria* e enquanto *Substância* de uma língua. Esta não é uma proposição fácil de entendermos: o pano existia enquanto simples *Matéria* e poderia ser usado para outra coisa que não estivesse ligado ao “içar” como, por exemplo, para limpar alguma parte do navio, mas a partir do momento em que a tripulação vê no pano a *possibilidade* de se tornar uma bandeira, ali não se trata mais de qualquer *Matéria*, mas de uma *Matéria* transformada e que, no momento do “içar”, se torna outra coisa, nem mais *Matéria*, nem mais *Substância*. Nisto está aquela “tendência” que nos falou Saussure, de que convertemos em *Substância* todas as ações de que necessita a linguagem. A massa falante “recorta a *Substância*”, ou se preferirmos, a língua seleciona a *Substância*, dentre à *Matéria* disponível, por meio da massa falante. Saussure diz ao discutir sobre a *Figura Vocal*: “[...] só *EXISTE* lingüísticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é, ou se torna signo” (ELG, p. 44, destaque do autor e grifos nossos em itálico). Diz ainda: “Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é **determinada**, ou seja, é

---

<sup>35</sup> “Se um dos dois lados do signo linguístico poderia passar a ter uma existência em si, esse seria o lado conceitual, a ideia como base do signo”. (Tradução de Roberto Leiser Baronas e Renata Carreon).

ao mesmo tempo existente e delimitada” (ELG, p. 37, grifos do autor em negrito e nossos em itálico). É a partir da consciência dos sujeitos falantes que a língua seleciona da *Matéria* a *Substância* que necessita e esta, por sua vez, passa a ter uma existência na consciência coletiva da massa falante. Contudo, precisamos destacar, a *Substância* existe em virtude de uma relação com a **forma**, pois o falante só percebe aquilo que é um *signo*, ou seja a *Substância* que se torna uma *Forma*, ou aquilo que se torna um *signo*, isto é, a *Substância* em sua potencialidade de ser tomada pela língua.

Podemos dizer que o navio onde está o pano, que reconhecemos como sendo a *Figura Vocal*, representa o terceiro Domínio, descrito por Saussure como sendo próprio do *Som Puro*. Apesar dessa existência ou preexistência da *Figura Vocal* enquanto *Matéria*, quando passamos para a instância da *Substância*, como vimos, ela está ligada ao *Sistema*, de modo que sua existência é dependente da *Língua* que, em meio ao *Domínio* do *Som Puro*, faz o recorte da *Matéria* que lhe seja útil.

Do mesmo modo é que devemos compreender a preexistência do *Sentido*. Bouquet (1997) explica que:

Si, comme on l'a vu, le signifié peut être considéré comme structurellement premier, il n'en est pas moins distinctement posé que c'est n'est ni parce qu'il refléterait une idée « invariable et inébranlable » préexistante à la langue j'utilise les termes de Saussure), ni parce qu'il serait le reflet des objets du monde (la langue serait alors une nomenclature)<sup>36</sup>. (p. 114, destaques do autor, grifos nossos).

Se considerarmos, como próprio Saussure considerou, a existência do *Sentido* anterior à língua ou independente dela, não se pode, para compreender tal fenômeno, partir de outro lugar que não seja do ponto de vista da *Língua* enquanto *Sistema de Valores*, pois é aí que os dois domínios se encontram. A *Substância* do *Significado*, tem sua existência estabelecida também pelo *Sistema*. Retomemos aqui uma expressão de Hjelmslev: *Sentido não-formado*. Esta expressão nos fornece uma certa imagem da materialidade do *Significado* e nos ajuda a insistir no paralelo com a *Figura Vocal*. Assim como há uma existência da *Substância* do *Significante*, enquanto *Matéria*, em algum lugar do *Domínio* do *Som Puro*, também há uma existência da *Substância* do *Significado*, que, baseados no que vimos até agora, chamamos de *Sentido*, em algum lugar do *Domínio* do *Pensamento Puro*. Este *Sentido*, que não se confunde com *Significação* para não nos distanciarmos do pensamento saussuriano, é a *Matéria*

---

<sup>36</sup> “Como vimos, se o significado pode ser considerado estruturalmente como anterior, ele não está menos distintamente definido pelo que é, nem por refletir uma ideia “invariável e inelutável” preexistente à língua (utilizo os termos de Saussure), nem porque ele seria o reflexo dos objetos do mundo (a língua seria então uma nomenclatura)”. (Tradução de Roberto Leiser Baronas e Renata Carreon).

selecionada e modificada pela *Língua* para lhe servir de *Significado*. O termo hjelmsleviano, *Sentido não-formado*, designa de maneira mais precisa essa *Substância* conceitual, nos termos de Lier-DeVitto, de maneira que não se confunda com a acepção genérica de *Sentido*, pois quando Hjelmslev aborda o *Sentido* fora da linguagem, ou quando Saussure admite certo *Sentido* que preexistia à língua, eles não estão falando da existência de uma *Palavra*, de um *Signo*, que sejam anteriores ao *Sistema*, mas do *Sentido* que é *Matéria* selecionada (*Substância*) para as línguas. Bouquet (1997) também compreende que há uma *Substância*, que ele denomina psicológica, que serve ao *Significado*:

*Il y a, d'une part, la substance psychologique, qui entre dans une relation structurelle et directe avec le signe linguistique, en cela que c'est à partir de cette substance psychologique que la langue opère sa mise en forme sémantique. Cette substance est la sphère d'un état amorphe des idées : celles-ci ne deviendront véritablement idées ou concepts, c'est-à-dire signifiés, que par la mise en forme linguistique*<sup>37</sup>. (p. 114, grifos nossos)

Vê-se na colocação de Bouquet a importância dessa *Substância* psicológica, essencial para as formulações semânticas de uma língua.

Voltemos então para a *Essência Dupla da Linguagem*. A leitura que fazemos do manuscrito deixa evidente que a materialidade linguística também pode ser encarada como sendo de dupla essência, pois de um lado temos a *Matéria* em si, com sua existência própria, mas que de modo algum pode ser considerada irrelevante para a língua, pois esta necessita dela, como nos diz Bouquet, para suas formulações. Do outro lado temos a *Substância*, a *Matéria* que a língua seleciona e que só existe em função da própria língua.

Quanto à dupla essência na qual Saussure opõe *Figura Vocal* à *Forma- Sentido*, é interessante notar que as conclusões que se tiram daí normalmente privilegiam apenas a materialidade do *Significante*. Stawinski (2019), por exemplo, no final de seu artigo sobre o som como *Figura Vocal* e como *signo*, conclui que:

As questões apontadas até aqui visam salientar a importância da reflexão acerca da natureza material e significativa da língua, além de apontar uma possível interpretação acerca do que seria a dupla essência da linguagem, entendida aqui como a oposição da figura vocal (som como tal) e da forma-sentido (som como signo). (p. 83, grifos nossos).

Concordamos com a autora quanto a importância da reflexão sobre a natureza material da língua para os estudos linguísticos, bem como sobre a oposição da *Figura Vocal* e da *Forma-Sentido*, contudo, postulamos que isto é apenas parte e não o todo. A *Materialidade* evocada

---

<sup>37</sup> “Há, por um lado, a substância psicológica, que inaugura uma relação estrutural e direta com o signo linguístico, posto que é a partir desta substância psicológica que a língua realiza sua formulação semântica. Esta substância é a esfera de um estado amorfo das ideias que só se tornam verdadeiramente ideias ou conceitos, ou seja, significados, pela formulação linguística”. (Tradução de Roberto Leiser Baronas e Renata Carreon).

pela *Dupla Essência da Linguagem* não estará completa se na discussão não se subentender que exista também a *Substância* conceitual, psicológica, o *Sentido não-formado*, a *Matéria* transformada do *Significado* ou, simplesmente, como enfatizamos neste trabalho, o *Sentido*. A *Essência Dupla da Linguagem* revela-nos que Saussure não ignorava a materialidade, nem tampouco a repudiava, e nem poderia, pois, a essência linguística não é indiferente a ela. Acreditamos que, do mesmo modo que Saussure opunha *Figura Vocal* e *Forma-Sentido*, podemos fazer um paralelo e imaginar que do outro lado há uma oposição *Sentido* e *Forma-Sentido*, ou seja, uma materialidade conceitual ou psicológica de onde é extraída a *Substância* do *Significado*.

Apesar do EDL não expressar o *Sentido* como a *Substância* do *Significado*, e nem seria possível isso, uma vez que esse termo nem sequer aparece no manuscrito, ele nos fornece lugares possíveis para se considerar a existência desta *Substância* e por meio da *Figura Vocal* nos permite traçar um paralelo para chegar à acepção de *Sentido* da qual partimos através do CLG. Portanto, concluímos esta seção reafirmando o “objeto” que criamos a partir do “ponto de vista” no qual nos colocamos nas seções anteriores deste trabalho: O lugar do *Sentido* não é a língua, mas fora dela. A língua o molda a partir de uma *Matéria* psicológica e o toma para suas formulações e é só em função dela que o *Sentido* tem sua existência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Façamos agora uma retomada do que nos empenhamos em demonstrar no decorrer de nossa pesquisa. Nossa busca principal, como anunciamos já em nossa introdução, era apreender a noção de *Sentido* em Saussure e identificar o seu lugar na teorização do mestre genebrino. Contudo, não conseguimos chegar ao *Sentido* sem tocar nos outros termos da órbita semântica saussuriana, a saber, *Ideia*, *Conceito*, *Significado*, *Significação* e *Valor*. Todos estes, juntamente com *Sentido*, estão interligados e para se chegar a um é, impreterivelmente, necessário considerar os outros. A partir daí, buscamos identificar a função de cada um dos termos, ou melhor, a acepção que cada um assumia no projeto epistemológico saussuriano, para, só depois, chegarmos à acepção de *Sentido* que buscamos esclarecer neste trabalho.

Os termos que orbitam na semântica saussuriana, como pudemos ver ao longo deste trabalho, em sua maioria se alternam e, alguns deles, surgem nos textos com mais de uma acepção. Queremos começar pelo invariável termo *Valor*, este do EDL para o CLG não sofre alterações consideráveis, o que mostra que muito antes dos cursos ministrados em Genebra,

Saussure já o tinha estabilizado em sua epistemologia. Do *Valor* depende toda a semântica de uma língua, então tudo o que significa, significa em função dele. Saussure deixou bem claro que na língua, antes de qualquer coisa, temos o *Valor*, pois este expressa a essência do *Sistema*, cabe lembrar, negativa e diferencial.

Juntemos agora três termos: *Ideia*, *Conceito* e *Significado*. Os três disputaram o lugar de contraparte do *Significante*, mas o que se consagrou foi o último. Não enxergamos entre eles uma diferença conceitual relevante. Parece-nos que a escolha de *Significado* conseguiu melhor expressar para Saussure esta relação com sua contraparte pelos motivos que já expusemos nas seções anteriores. Resumidamente, *Ideia* e *Conceito* podiam passar uma noção de anterioridade à língua, além do fato de que o par conceitual *Significado/Significante*, nas palavras do próprio Saussure, tinham “[...] a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (CLG, p. 81). O *Significado*, em nossa leitura, está ligado à mesma noção de Hjelmslev (2006) quanto ao conteúdo. Este carrega uma informação semântica, ainda que negativa, que se molda pelas diferenças de *Significados* no *Sistema*. Podemos dizer, atualizando o comentário de Saussure no EDL, que as diferenças de *Significados* com as diferenças de *Significantes* é o que, de fato, existe na língua. Pela junção de *Significado* e *Significante*, que são totalmente negativos, é que temos, como uma ficção da língua, uma unidade positiva. Chegamos então ao próximo termo no qual nos debruçamos, a *Significação*.

A *Significação* se dá mediante a união de *Significado* e *Significante*. Saussure não deixa evidente a definição de *Significação*, não iremos encontrar em seus textos nada que seja objetivo, direto, quanto a esse termo. Contudo, podemos apreender, pelos deslizos, pelas entrelinhas, pelos pontos de tensão, o lugar da *Significação*. Temos, então, quanto a este termo, dois aspectos: Primeiro, sua identificação como sendo a relação entre *Significado* e *Significante*, o que é corroborado por Normand (2009) e por Pétrouff (2007). Segundo, sua identificação como o fato positivo que a língua comporta. Esses dois aspectos, na realidade, são uma única coisa, pois a junção entre *Significado* e *Significante* gera, ilusoriamente, um fato positivo para o falante, que, como já dissemos, necessita dessa percepção para o momento da realização. Como nos diz Arrivé (2010), sem fatos positivos a comunicação seria impossível. A *Positividade* da língua é a *Significação*. É importante frisar que a *Significação*, embora ligada ao *Emprego*, à realização pelo falante, está submetida ao INTERNO da língua, pois é apenas um efeito, uma ficção. O que existe, de fato, é a negatividade e não o contrário.

Por último, temos o *Sentido*, objetivo primeiro deste trabalho. Nossa pergunta inicial era saber que lugar este ocupa na teorização saussuriana. Para nossa surpresa, o empreendimento

se mostrou mais difícil do que imaginávamos, pois, antes de saber o lugar que ele ocupava, era necessário saber o que ele era para Saussure. Em meio a um emaranhado de termos, a uma elevada alternância entre eles e a coexistência de mais de uma acepção para cada um, tivemos que cavar este terreno teórico o mais fundo que conseguimos para, em seguida, lapidar o que encontramos. O *Sentido*, como o vemos a partir desse processo de leitura empreendido, pode ser identificado como a parte material do *Significado*. Ele não está na língua, ao contrário, é exterior a ela, apesar de estar sob sua dependência.

Encontramos um apoio para nossa conclusão na leitura que Hjelmslev (2006) faz da **Forma** e da *Substância* em Saussure. Como expusemos, o dinamarquês, assume que tanto o *Significante* quanto o *Significado* possuem **Forma** e *Substância*. Trata, então, do *Sentido* como algo da ordem material, de onde a língua toma sua *Substância*. *Sentido*, para Hjelmslev, tem uma acepção sensorial (FIORIN, 2003; LIMA, 2016) e é nesta perspectiva que o linguista dinamarquês entende que o *Sentido* é um fator comum entre as línguas e que é percebido pelos homens de maneira semelhante. A leitura que faz Hjelmslev nos permitiu chegar a uma noção mais sólida do *Sentido* na obra do mestre genebrino.

Na segunda seção deste trabalho, confirmamos nossa conclusão a partir do nosso *corpus* de análise. No CLG, Saussure dá indícios de que o *Sentido* pode ser encarado como a parte material do *Significado*, ou seja, como sua *Substância*, quando diz que alterações fonéticas afetam o *Significante* e alterações de *Sentido* o *Significado*. De início, traçamos esse paralelo entre alterações fonéticas e de *Sentido*. No EDL, também encontramos base para confirmar esta interpretação. Primeiro, pelo paralelo entre *Figura Vocal* e *Sentido*. Vimos que a expressão *Figura Vocal* designava a porção material selecionada pela língua em meio ao domínio do som. Saussure não fala de um som que se torna *Forma* (*Significante*), mas de uma *Figura Vocal* que se torna *Forma*. Defendemos, então, que assim como não é o som a *Substância* do *Significante*, também não é o pensamento a *Substância* do *Significado*, mas sim o *Sentido*. Em segundo lugar, podemos destacar o primeiro domínio, do qual nos fala Saussure, que é o do pensamento puro, ao qual ele designa como não linguístico e também relega a este todas as categorias absolutas, como demonstramos na seção anterior. Em algum lugar deste domínio se encontra o *Sentido*, aquele que, segundo Hjelmslev (2006), é partilhado entre os homens, que é fator comum entre as línguas. Por último, do EDL, podemos destacar a própria essência dupla da linguagem em que Saussure opõe *Figura Vocal* e *Forma-Sentido*, ao que nós acrescentamos existir, ao mesmo tempo, a oposição *Sentido* (*Substância*) e *Forma-Sentido* (*Signo*), pois a noção de dupla

essência evoca, inevitavelmente, uma materialidade, que se faz presente pela *Figura Vocal* e pelo *Sentido*.

Quanto à formulação da existência de uma *Substância do Significado*, apoiada por Hjelmslev (2006), esta também encontra aval em Bouquet (1997; 2004), que a chama de *Substância Psicológica*, e em Lier-DeVitto (2018), que a chama de *Substância Conceitual*. O que propomos, pelos indícios apontados ao longo deste trabalho, é que a teorização de Saussure parecia se encaminhar de modo a tomar o termo *Sentido* para designar a parte material do *Significado*, do mesmo modo que, no EDL, *Figura Vocal* designava a parte material do *Significante*.

Em relação à discussão que empreendemos na terceira seção, trazendo a leitura de Benveniste (1989), concluímos que o *Sentido* de que trata esse autor, e que representamos pela figura 10, não tem uma correspondência direta com a acepção que propomos neste trabalho, isto é, de que seja a *Substância do Significado*. No entanto, podemos ter uma aproximação teórica se tomarmos o *Sentido* pela percepção humana, como nos propõe Hjelmslev (2006). O *Sentido* como percepção humana está ligado à noção de *Sentido* como *Substância*, assim o demonstramos anteriormente. Benveniste (1989) entende o *Sentido*, no que ele chama de domínio semântico, como uma construção do momento da realização, da enunciação. Lembremos, então, de um exemplo do próprio Saussure, quanto à palavra *Senhores* dita muitas vezes em uma reunião (CLG, p. 125), dependendo da tonalidade e de outros fatores do momento da enunciação, essa palavra pode ter *Sentidos* diferentes. Este *Sentido*, acreditamos, não é a *Significação*, mas uma percepção humana das variações fônicas de cada realização da palavra. Diz, então, Saussure que, do ponto de vista semântico, entre um *Senhores* e outro não temos a mesma identidade, pois “[...] uma palavra pode exprimir idéias bastante diferentes sem que sua identidade fique seriamente comprometida” (CLG, p. 126). Por isso, entendemos que a construção de *Sentido* que postula Benveniste (1989) pode, dentro da ótica saussuriana, estar ligada à questão sensorial e não à *Significação* como *Positividade* da língua.

Diante das análises empreendidas no decorrer deste trabalho, pudemos então chegar a resposta da nossa principal questão: o lugar ocupado pelo *Sentido* na teorização saussuriana é o de *Substância do Significado*. Ele não é interior à língua, mas exterior a ela e, ao mesmo tempo, dependente dela. Pertence ao primeiro domínio, apresentado por Saussure, no EDL; neste domínio, a língua o seleciona e o modifica tornando-o, na expressão de Hjelmslev (1991), *Matéria* semioticamente transformada.

Encerramos este trabalho oferecendo esta possível interpretação do *Sentido* e do seu lugar no escopo saussuriano, ao mesmo tempo que reconhecemos que ainda há muito mais o que escavar em Saussure e muito mais o que lapidar não só quanto ao *Sentido*, mas quanto sua herança teórica como um todo. Finalizamos, então, afirmando com Salum (2008): Saussure continua na ordem do dia!

## REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BARBOSA, A. F. *de Saussure e os fundamentos da linguística moderna: explorando o conceito de signo no CLG e no manuscrito Sobre a Essência Dupla da Linguagem*. Relatório Parcial PIBIC/UFAL. 2018a.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BEIVIDAS, W. O sentido e a forma na estrutura do signo. *Alfa*, São Paulo, v. 27, p. 9 – 22, 1983.

BOUISSAC, P. *Saussure: um guia para os perplexos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOUQUET, S. Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extralinguistique. *Linx*, n. 9, p. 107-122, 1997.

BOUQUET, S. De um Pseudo-Saussure aos textos originais. *Letras & Letras*, Uberlândia, n. 25, p. 161-175, 2009.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOUQUET, S. ENGLER, R. Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix 2012.

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ, 1992.

CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Lisboa: Edições 70, 2007. *E-book*.

COELHO, M. P. Significação em Saussure: os três cursos de Linguística Geral. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL), 2013, Uberlândia. *Anais de SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3. p. 1-13.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

- DALL’CORTIVO-LEBLER, C. Do sentido ao valor: relações teóricas entre a Semântica de Michel Bréal e o Estruturalismo de Ferdinand de Saussure. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p.1965-1987, 2017.
- DE MAURO, T. (1967). Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payout, 1982.
- DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FARIA, N. R. B. Forma, substância e matéria. In: SILVA, E. B.; SILVA SOBRINHO, H. F. *Língua falada e escrita: reflexões e análises*. Maceió: Edufal, 2014.
- FARIA, N. R. B.; LIMA, D. T. O Curso de linguística geral e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev. *Gragoatá*, Niterói, v.22, n. 44, p. 1027-1048, set.-dez. 2017.
- FIORIN, J. “O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa”. In: *Galáxia*, n. 5, 2003, p.19-52.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- HJELMSLEV, L. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ILARI, R. *O estruturalismo linguístico: alguns caminhos*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005. v. 3. p. 53-92.
- LAHUD, M. “Alguns mistérios da linguística”. In: CALVÃO, W. N. & JR., B. P. (Org.). *Almanaque 5: Cadernos de Literatura e Ensaio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.
- LIER-DEVITTO, M. F. Consequências de duas definições de *la langue* no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. *Delta*, p. 799-814, 2018.
- LIMA, D. T. *Forma Pura e Forma Material: Língua, Oralidade e Escrita a partir de Hjelmslev*. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. *Uma breve história da linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PÉTROFF, A. J. *Saussure: La Langue, L'Ordre et Le Désordre*. Paris: L'Harmattan, 2007.

PINHEIRO, C. L. Curso de Linguística Geral e Da Essência Dupla da Linguagem: um breve diálogo entre opiniões. *Eutomia*, Recife, n. 16, p. 235-244, 2015.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. In SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix 2012.

STAWINSKI, A. V. O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Leitura*, Maceió, v. 1, nº 62, p. 69-85, 2019.